



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA

ANACIREMA DA SILVA PORCIUNCULA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENVELHECIMENTO HUMANO NO CONTEXTO
DO ENSINO FORMAL**

RIO GRANDE - RS

2016

ANACIREMA DA SILVA PORCIUNCULA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENVELHECIMENTO HUMANO NO CONTEXTO
DO ENSINO FORMAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação Ambiental. Área de concentração: Educação Ambiental.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivalina Porto.

Linha de pesquisa: Educação Ambiental Não Formal (EANF).

RIO GRANDE - RS

2016

Ficha catalográfica

P834e Porciuncula, Anacirema da Silva.
Educação Ambiental e o envelhecimento humano no contexto
do ensino formal / Anacirema da Silva Porciuncula. – 2016.
224 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental,
Rio Grande/RS, 2016.

Orientadora: Dr^a. Ivalina Porto.

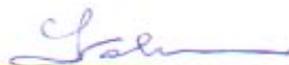
1. Educação Ambiental 2. Idoso 3. Ensino formal
I. Porto, Ivalina II. Título.

CDU 37:504

Anacirema da Silva Porciuncula

“Educação Ambiental e o Envelhecimento Humano no Contexto do Ensino Formal”

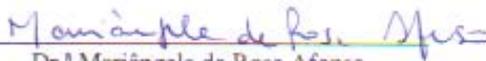
Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Comissão de avaliação formada pelos professores.



Dr.^a Ivalina Porto
(Orientadora PPGEA/FURG)



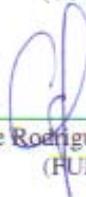
Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini
(PPGEA/FURG)



Dr.^a Mariângela da Rosa Afonso
(UPPEL)



Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos
(UFSM)



Dr.^a Claudete Rodrigues Teixeira Gravinis
(FURG)

Dedico esta Tese aos amores da minha vida: ao meu esposo Leopoldo, meu filho Pedro e a minha filha Laura.

AGRADECIMENTOS

E chega o momento de agradecer...

Agradeço a Deus pela oportunidade da vida, da saúde, das conquistas morais e materiais de cada novo dia. Assim como, à Espiritualidade de Luz, aos Espíritos Protetores, ao meu Anjo Guardião, que sempre se encontram dispostos a ajudar-me quando necessito.

A minha estimada orientadora Prof^a. Dra^a. Ivalina Porto que sempre acreditou na minha capacidade, tornando-se o alicerce fundamental do conhecimento construído até aqui. MUITO OBRIGADA querida Professora e Amiga, por tê-la comigo nesta longa jornada de formação acadêmica, compartilhando juntas muito mais do que saberes da ciência, mas as alegrias e dificuldades da vida.

Aos meus pais Joaquim Edi Porciuncula (in memoriam) e Rosa Maria da Silva Porciuncula que me deram a vida e sempre estiveram comigo em todas as caminhadas que percorri em busca do conhecimento.

Ao meu esposo Leopoldo Rota de Oliveira por todo o amor, apoio e incentivo, sem os quais nada disso seria possível.

Aos meus filhos Pedro Porciuncula de Oliveira e Laura Porciuncula de Oliveira que me ensinam a amar incondicionalmente todos os dias, dando sentido pleno para o meu despertar.

A banca de qualificação e de sustentação, que muito contribuíram de maneira única e especial para o aprimoramento deste estudo.

Aos professores, técnicos e colegas da Pós-Graduação, pelo convívio e amizade.

As instituições de ensino da rede pública e privada que me receberam com cordialidade e boa vontade, cedendo-me as turmas para que esta pesquisa pudesse acontecer. A todas as Diretoras, Coordenadoras Pedagógicas e Professoras destas escolas, MUITO OBRIGADA.

Aos Pais e/ou Responsáveis dos (as) alunos (as) que consentiram à participação dos mesmos nesta pesquisa. Sem o consentimento de vocês este trabalho não se tornaria possível. MUITO OBRIGADA por colaborarem com a ciência e com a construção de um futuro melhor para o nosso envelhecer.

Aos educandos que participaram desta pesquisa e que me receberam com muito carinho, oportunizando assim a realização deste trabalho, MUITO OBRIGADA pelo convívio e aprendizagem.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pela concessão de bolsa de pesquisa para realização desta tese.

“Viver é envelhecer, nada mais.”

Simone de Beauvoir

RESUMO

A presente pesquisa, *Educação Ambiental e o envelhecimento humano no contexto do ensino formal*, propôs um estudo acerca das questões educacionais, gerontológicas e ambientais em três turmas do ensino fundamental nos anos iniciais, em três escolas de diferentes redes de ensino: estadual, municipal e privada, todas localizadas no município do Rio Grande - RS. Participaram deste estudo, na sua totalidade, quarenta e oito discentes, três docentes e três coordenadoras pedagógicas. Com enfoque na educação ambiental, convida à reflexão sobre os problemas socioambientais em decorrência da progressiva longevidade humana, buscando melhor qualidade de vida para a população idosa. O objetivo principal desta pesquisa é saber se é possível investir na educação de crianças através de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento e assim, auxiliar os indivíduos e sociedade a diminuir os preconceitos acerca dos idosos e conseqüentemente, envelhecer melhor. Esta pesquisa social de base qualitativa foi orientada de acordo com o método pesquisa-ação, bem como do referencial teórico da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Urie Bronfenbrenner (2002). As instituições de ensino e participantes foram escolhidas por conveniência para atender aos objetivos da pesquisa. Efetuou-se uma consistente revisão bibliográfica na busca de maiores conhecimentos sobre o tema, e utilizou-se como instrumentos para coleta de dados, entrevistas semiestruturadas com o corpo docente e pedagógico das escolas, atividades pedagógicas com as crianças, diário de campo, observação dos participantes e outras fontes de informação que levantaram dados sobre as instituições e entrevistados. Os resultados revelam que a boa recepção do tema pelos educandos e educadores e, por ser um assunto que afeta a todos, pode-se e deve-se incluir o debate sobre o mesmo em sala de aula, auxiliando na superação das dificuldades de quem é idoso e de quem ainda o será. Promovendo, através de ações educacionais, reflexões sobre a importância de desenvolver um projeto ao longo da vida para um melhor envelhecer. O tema escolhido para esta pesquisa é considerado relevante cientificamente, devido ao aumento da expectativa de vida da população idosa e conseqüentemente, seus impactos ambientais. As instituições de ensino são pilares importantes que auxiliam na sustentação da sociedade e devem intervir para aprofundar perspectivas em prol do desenvolvimento humano.

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Idoso. Ensino Formal.

ABSTRACT

The present research, *Environmental Education and human aging in the formal education context*, proposed a study on the educational, gerontological and environmental in three classes of elementary school in the early years in three schools in different school systems: state, local and private, all located in Rio Grande - RS. The study, in its entirety, forty-eight students, three teachers and three coordinators pedagogic. With a focus on environmental education, it invites to a reflection about the socio-environmental problems due to the progressive human longevity, seeking a better life quality for the elderly. The main goal of this research is to know whether it is possible to invest on children's education through contents aimed at the aging process and thus, to help the individuals and the society to reduce the prejudice on the elderly and, consequently, have a better aging. This qualitative-based social research was oriented according to the action-research method and to the theoretical background of the Bioecological approach of the human development (TBDH) of Urie Bronfenbrenner (2002). The Educational institutions and the participants were chosen for convenience to meet the goals of this research. A consistent literature review was done in search of more knowledge on the issue and semi-structured interviews with the teaching and pedagogical staff of the schools, pedagogical activities with the children, field diary, observation of participants and other sources of information were used as tools for data collection on the institutions and interviewees. The results show that the theme was well accepted both by the students and the teachers and, due to the fact that it is an issue that affects everyone, a debate on it may and should be included in the classroom, thus, helping the elderly the those who will be it to overcome difficulties. Reflections on the importance of developing a project throughout life to have a better aging were promoted through educational actions. The chosen theme for this research is seen as scientifically relevant due to the life expectancy increase in the elderly population and, consequently, its environmental impacts. The Educational Institutions are important pillars that help to support society and they must intervene to deepen perspectives for the human development.

Keywords: Environmental Education. Elderly. Formal education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDH	Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAS	Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde
EA	Educação Ambiental
EANF	Educação Ambiental Não Formal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAPERGS	Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IE	Instituto de Educação
ILPI	Instituições de Longa Permanência
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGS	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPCT	Processo, Pessoa, Contexto e Tempo
PPGEA	Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
PPP	Projeto Político Pedagógico
SIS	Síntese de Indicadores Sociais
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TBDH	Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01. Distribuição percentual da população projetada por grupos de idade – Brasil – 2020/2060	20
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Proposta de desenvolvimento humano do PNUD	51
Figura 02. Aluno A (1º encontro da Rede de Ensino Municipal)	100
Figura 03. Aluno B (1º encontro da Rede de Ensino Municipal)	101
Figura 04. Aluna C (1º encontro da Rede de Ensino Municipal)	101
Figura 05. Aluna D (1º encontro da Rede de Ensino Municipal)	102
Figura 06. Aluno E (1º encontro da Rede de Ensino Municipal)	102
Figura 07. Aluna A (2º encontro da Rede de Ensino Municipal)	105
Figura 08. Aluno B (2º encontro da Rede de Ensino Municipal)	106
Figura 09. Aluna C (2º encontro da Rede de Ensino Municipal)	106
Figura 10. Aluno D (2º encontro da Rede de Ensino Municipal)	107
Figura 11. Aluna E (2º encontro da Rede de Ensino Municipal)	107
Figura 12. Aluno A (3º encontro da Rede de Ensino Municipal)	112
Figura 13. Aluno B (3º encontro da Rede de Ensino Municipal)	113
Figura 14. Aluna C (3º encontro da Rede de Ensino Municipal)	114
Figura 15. Aluna D (3º encontro da Rede de Ensino Municipal)	115
Figura 16. Aluno E (3º encontro da Rede de Ensino Municipal)	116
Figura 17. Aluno A (4º encontro da Rede de Ensino Municipal)	120
Figura 18. Aluna B (4º encontro da Rede de Ensino Municipal)	121
Figura 19. Aluna C (4º encontro da Rede de Ensino Municipal)	122
Figura 20. Aluna D (4º encontro da Rede de Ensino Municipal)	123
Figura 21. Aluna E (4º encontro da Rede de Ensino Municipal)	124

Figura 22. Grupo A (5º encontro da Rede de Ensino Municipal)	126
Figura 23. Grupo B (5º encontro da Rede de Ensino Municipal)	127
Figura 24. Grupo C (5º encontro da Rede de Ensino Municipal)	127
Figura 25. Grupo D (5º encontro da Rede de Ensino Municipal)	128
Figura 26. Aluna A (1º encontro da Rede de Ensino Estadual)	131
Figura 27. Aluno B (1º encontro da Rede de Ensino Estadual)	131
Figura 28. Aluno C (1º encontro da Rede de Ensino Estadual)	132
Figura 29. Aluna D (1º encontro da Rede de Ensino Estadual)	132
Figura 30. Aluno E (1º encontro da Rede de Ensino Estadual)	133
Figura 31. Aluna A (2º encontro da Rede de Ensino Estadual)	137
Figura 32. Aluno B (2º encontro da Rede de Ensino Estadual)	137
Figura 33. Aluna C (2º encontro da Rede de Ensino Estadual)	138
Figura 34. Aluna D (2º encontro da Rede de Ensino Estadual)	138
Figura 35. Aluna E (2º encontro da Rede de Ensino Estadual)	139
Figura 36. Aluna A (3º encontro da Rede de Ensino Estadual)	142
Figura 37. Aluno B (3º encontro da Rede de Ensino Estadual)	143
Figura 38. Aluna C (3º encontro da Rede de Ensino Estadual)	144
Figura 39. Aluno D (3º encontro da Rede de Ensino Estadual)	145
Figura 40. Aluno E (3º encontro da Rede de Ensino Estadual)	146
Figura 41. Aluno A (4º encontro da Rede de Ensino Estadual)	150
Figura 42. Aluna B (4º encontro da Rede de Ensino Estadual)	150
Figura 43. Aluno C (4º encontro da Rede de Ensino Estadual)	151
Figura 44. Aluna D (4º encontro da Rede de Ensino Estadual)	151

Figura 45. Aluno E (4º encontro da Rede de Ensino Estadual)	152
Figura 46. Grupo A (5º encontro da Rede de Ensino Estadual)	155
Figura 47. Grupo B (5º encontro da Rede de Ensino Estadual)	155
Figura 48. Aluna A (1º encontro da Rede de Ensino Privada)	159
Figura 49. Aluno B (1º encontro da Rede de Ensino Privada)	159
Figura 50. Aluna C (1º encontro da Rede de Ensino Privada)	160
Figura 51. Aluno D (1º encontro da Rede de Ensino Privada)	160
Figura 52. Aluna E (1º encontro da Rede de Ensino Privada)	161
Figura 53. Aluna A (2º encontro da Rede de Ensino Privada)	164
Figura 54. Aluno B (2º encontro da Rede de Ensino Privada)	164
Figura 55. Aluna C (2º encontro da Rede de Ensino Privada)	165
Figura 56. Aluno D (2º encontro da Rede de Ensino Privada)	165
Figura 57. Aluna E (2º encontro da Rede de Ensino Privada)	166
Figura 58. Aluna A (3º encontro da Rede de Ensino Privada)	169
Figura 59. Aluna B (3º encontro da Rede de Ensino Privada)	170
Figura 60. Aluna C (3º encontro da Rede de Ensino Privada)	171
Figura 61. Aluno D (3º encontro da Rede de Ensino Privada)	172
Figura 62. Aluno E (3º encontro da Rede de Ensino Privada)	173
Figura 63. Aluna A (4º encontro da Rede de Ensino Privada)	176
Figura 64. Aluno B (4º encontro da Rede de Ensino Privada)	177
Figura 65. Aluna C (4º encontro da Rede de Ensino Privada)	178
Figura 66. Aluno D (4º encontro da Rede de Ensino Privada)	179
Figura 67. Aluna E (4º encontro da Rede de Ensino Privada)	180

Figura 68. Grupo A (5º encontro da Rede de Ensino Privada)	183
Figura 69. Grupo B (5º encontro da Rede de Ensino Privada)	183
Figura 70. Grupo C (5º encontro da Rede de Ensino Privada)	184

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Demonstrativo dos Perfis Institucionais	79
Quadro 02. Média aritmética simples de alunos por professores em sala de aula	80
Quadro 03. Nível escolar e número de alunos em cada turma pesquisada	81
Quadro 04. Dados sociodemográficos dos docentes entrevistados	82
Quadro 05. Demonstrativo do total de alunos participantes da pesquisa	99
Quadro 06. Demonstrativo dos adjetivos dados aos idosos pelos alunos do 2º ano da rede estadual de ensino	147

SUMÁRIO

Introdução	19
1 Referencial Teórico	23
1.1 Principais conceitos relacionados	23
1.1.1 Idoso	23
1.1.2 Velhice	25
1.1.3 Envelhecimento	27
1.2 Os desafios e expectativas do envelhecimento populacional no Brasil	29
1.2.1 Aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais do envelhecimento	32
1.2.2 As relações intergeracionais: conflitos ou diálogos?	36
1.3 A sala de aula como espaço legítimo para falar sobre o envelhecimento	38
1.3.1 Saberes e fazeres pedagógicos com o tema transversal ‘velhice’	41
1.3.2 O que as crianças têm a dizer sobre a velhice?	44
1.4 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano	46
1.4.1 Desenvolvimento humano e qualidade de vida	50
1.4.2 A contribuição da Gerontologia no processo de envelhecimento	53
1.5 A dimensão da Educação Ambiental sobre a questão da velhice	56
1.5.1 A tríade: Educação, Meio Ambiente e Envelhecimento Humano	60
1.5.2 Aprendizagem e construção da velhice pelo viés da Educação Ambiental	65
2 Estudo Principal	68
2.1 Questão de Pesquisa	68
2.2 Objetivos	68
2.2.1 Geral	68
2.2.2 Específicos	68
2.3 Metodologia	69
2.3.1 Participantes	69
2.3.2 Pesquisa-ação	70
2.3.3 Instrumentos	72

2.3.3.1 Entrevista semiestruturada	72
2.3.3.2 Observação participante	72
2.3.3.3 Diário de campo	73
2.3.3.4 Outros registros	73
2.3.4 Procedimentos	74
2.3.4.1 Coleta de Dados	74
3 Análise e Discussão dos Dados com base na TBDH	76
3.1 Análise dos perfis institucionais e das entrevistas com o corpo docente	78
3.2 Análise das atividades pedagógicas com os educandos	98
3.2.1 Inserção na Rede Municipal de Ensino	99
3.2.2 Inserção na Rede Estadual de Ensino	129
3.2.3 Inserção na Rede Privada de Ensino.....	157
3.3 Considerações éticas	185
3.4 Discussão final	186
4 Considerações Finais	191
Referências Bibliográficas	194
Apêndices	200
Apêndice 01 – Entrevista semiestruturada corpo docente	201
Apêndice 02 – Tabela de Perfil Institucional	205
Apêndice 03 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (docentes).....	206
Apêndice 04 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (discentes)	208
Apêndice 05 – Termo de Consentimento livre e Esclarecido (pais/responsáveis)	210
Apêndice 06 – Plano de atividades	212
Apêndice 07 – Fases da vida	213
Apêndice 08 – Diário de campo	214
Apêndice 09 – Parecer nº 49/2015 – CEPAS/FURG	223

Introdução

O interesse por este tema surgiu, através do contato que tive como Mestranda em Educação Ambiental no ano de 2010 com os idosos institucionalizados no Asilo de Pobres da cidade do Rio Grande/RS. Estes encontros despertaram-me o interesse de pensar numa nova construção de velhice, diferente da que presenciei: muita solidão, abandono familiar e apatia pela vida. Assim, partindo da infância e do ensino formal, poder construir um planejamento para se vivenciar com mais autonomia e bem estar o envelhecimento humano. Reverter também, o preconceito em relação aos idosos. Educar-se para um envelhecimento saudável é possível e, indispensável num país que vem modificando o seu perfil demográfico e aumentando a expectativa de vida dos brasileiros.

Para o desenvolvimento do estudo proposto nesta Tese de Doutorado em Educação Ambiental, adoto como intenção refletir humanamente sobre as questões educacionais, gerontológicas e ambientais vivenciadas atualmente em nossa sociedade. Em decorrência da progressiva longevidade humana, se faz necessário políticas sociais capacitadas para dar mais qualidade de vida a população idosa. Oportunizando não somente o prolongamento da vida, mas principalmente a inclusão dos idosos numa sociedade construída também por eles, participando efetivamente como cidadãos mais estimados e acolhidos socialmente.

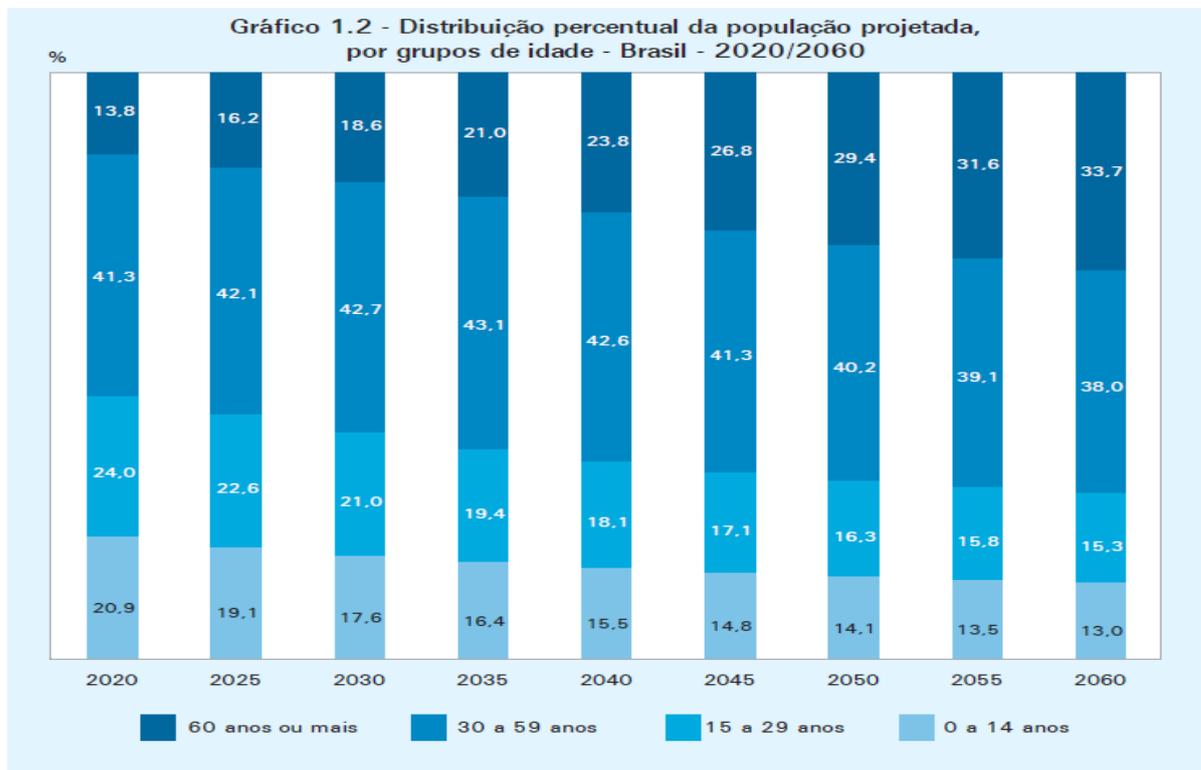
Um envelhecimento bem-sucedido depende de vários fatores: físicos, emocionais, ambientais, enfim; depende também da educação, seja ela formal ou não formal. A educação formal é um espaço privilegiado para incentivar a produção de saberes, direcionar modos de ações mais pertinentes com o contexto em que se vive. Sendo assim, tanto a sociedade como as instituições de ensino podem e devem, através da informação e do processo de ensino-aprendizagem, provocar mudanças no comportamento das pessoas. Através da intervenção educacional, conduzir caminhos mais adequados e atitudes mais equilibradas para se prolongar a vida e vivê-la melhor.

A Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2012 mostra que o índice de envelhecimento no Brasil cresceu de 31,7 em 2001, para 51,8 em 2011, comprovando que o Brasil é um País que caminha rapidamente para o envelhecimento populacional. O índice de envelhecimento aponta que em dez anos, o número de idosos com 60 anos ou mais passou de 15,5 milhões (2001) para 23,5 milhões de pessoas (2011). A participação relativa deste grupo na estrutura

etária populacional aumentou de 9,0% para 12,1%, no período, enquanto a de idosos com 80 anos ou mais chegava a 1,7% da população em 2011.

O envelhecimento populacional fica mais evidente ao observar a tendência por grupos de idade desta população, conforme projeção realizada pelo IBGE e divulgada em agosto de 2013. Há uma redução gradual de jovens de 0 a 14 anos e atingirá 13,0% da população brasileira em 2060. Para o grupo de até 5 anos de idade, público-alvo da educação infantil, a proporção diminuiu de 7,9% para 4,9% entre 2020 e 2060. Para aqueles com 15 a 29 anos de idade a tendência de diminuição na participação também é observada, chegando a 15,3% no ano final da projeção. No grupo de 30 a 59 anos de idade percebe-se certa estabilidade da participação ao longo do tempo, variando de 41,3% em 2020 a 38,0% em 2060. Já para o grupo de idosos de 60 anos ou mais de idade o aumento na participação relativa é acentuado, passando de 13,8%, em 2020, para 33,7%, em 2060, ou seja, um aumento de 20 pontos percentuais. O grupo de idosos de 60 anos ou mais de idade será maior que o grupo de crianças com até 14 anos de idade após 2030, e em 2055 a participação de idosos na população total será maior que a de crianças e jovens com até 29 anos de idade.

Gráfico 01. Distribuição percentual da população projetada por grupos de idade – Brasil – 2020/2060



Fonte: IBGE, Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 2000/2060, Revisão 2013 e Projeção da População das Unidades da Federação por Sexo e Idade para o Período 2000/2030, Revisão 2013.

Diante dos dados apresentados, questiona-se: será que a inserção de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento humano no ensino formal, se desenvolvidos, podem colaborar para minimizar os estigmas produzidos pela sociedade acerca dos idosos? Será que as instituições de ensino podem promover através das suas práticas pedagógicas em torno do tema envelhecimento, uma melhor aceitação e preparação para o envelhecimento das futuras gerações?

A educação para a terceira idade, prevista no artigo 22 da Lei nº 10.741/2003 do Estatuto do Idoso, prevê que: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.” Mas, será que na prática escolar, são disponibilizados estes conhecimentos?

Para que os idosos possam viver e serem capazes de interagir na sociedade do conhecimento, além de informações educativas são necessário agentes que os auxiliem nesse processo, a quem chamo de educadores ambientais. A sociedade deve oferecer recursos e mecanismos desde os primeiros anos de vida, para tratar do ensino-aprendizagem sobre o envelhecimento humano.

Daí a importância deste aprendizado estar inserido em todos os contextos sociais, principalmente nos espaços formais de ensino. Onde as questões sobre os processos que envolvem o ser humano, seu desenvolvimento, suas interações e transições ecológicas devem fazer parte interdisciplinarmente do currículo. A questão educacional é muito importante para ensinar a solidariedade nas relações societárias e assim, transformá-la. Segundo Loureiro (2012), a educação é um dos meios humanos que garantem aos sujeitos, condições de atuar na história modificando-a e sendo modificado no processo de busca de construção de alternativas para viver em sociedade.

Considerando a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Urie Bronfenbrenner (2002) que traz uma nova perspectiva para a compreensão do desenvolvimento humano, os múltiplos fatores de interação de natureza biológica, social e psicológica interferem no desenvolvimento humano e em suas relações entre esses ambientes. A escola como agente socializador e ecológico de influência, oferece aos educandos impactos nas imagens construídas sobre os idosos. Interações mais positivas dentro deste espaço proporcionarão mais aceitação e respeito para a convivência intergeracional e consequentemente, uma velhice melhor aos que se tornarão os idosos de amanhã.

As instituições de ensino têm a responsabilidade de ampliar a visão humana sobre a velhice, possibilitando uma construção de identidade diferente do idoso aos mais jovens. Desmistificando a ideia de que os mais velhos não tem mais utilidade, uma visão desumana que infelizmente ainda existe em nossa sociedade. Uma sociedade que supervaloriza a estética, os avanços tecnológicos e o consumismo desenfreado em prol da ética e de uma sustentabilidade equitativa.

A questão educacional é fundamental quando o assunto é envelhecimento e longevidade, já que a existência humana é constituída por um somatório de escolhas de vida. Os espaços formais e não formais são contribuidores na educação humana quando promovem diálogos permanentes em busca de reformas no comportamento humano. A aprendizagem e construção da velhice é responsabilidade tanto da família, como das instituições de ensino, dos governantes, ou seja, de todos que se preocupam com uma ética diferente da que se vê consolidada na sociedade atual.

Quando se sugere este estudo pelo viés da Educação Ambiental, na linha Não Formal, entende-se que todo o diálogo aliado aos saberes populares e científicos, em todos os espaços da sociedade, são ações educativas. Quando essas ações buscam uma perspectiva crítica e emancipatória dos sujeitos encontra-se com um dos fins da educação ambiental.

A Educação Ambiental vem ao encontro desta temática quando busca a harmonia na convivência humana, quando problematiza as questões éticas e estéticas, quando se propõe a implantar o que é melhor a todos, buscando a solidariedade em qualquer lugar do planeta. Logo tem por desafio, multiplicar os educadores ambientais instigando neles a curiosidade epistemológica e, ao mesmo tempo, tornando-os cada vez mais sensíveis e conscientes de suas ações, através da práxis que desenvolvem, buscando a superação das relações de desigualdade e opressão entre a humanidade.

Assim, buscou-se neste estudo, resposta à seguinte questão de pesquisa: é possível, por meio do ensino formal, investir na educação de crianças através de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento e assim, auxiliar os indivíduos e sociedade a diminuir os preconceitos acerca dos idosos e envelhecer melhor?

1 Referencial Teórico

1.1 Principais conceitos relacionados

Para fins de caracterização da temática que envolve a presente pesquisa, torna-se imprescindível qualificar os seguintes tópicos: idoso, velhice e envelhecimento.

1.1.1 Idoso

Ao propor discutir o tema sobre a *Educação ambiental e o envelhecimento humano no contexto do ensino formal*, faz-se necessário compreender a que grupo social pertence essa população chamada de “idosos”, “velhos”, da “terceira idade”, ou “melhor idade” e outras terminologias utilizadas, como se dá o processo de envelhecimento e qual o perfil adotado para classificar um indivíduo como ser idoso. No Brasil, país em desenvolvimento, segundo o Estatuto do Idoso (Lei nº. 10.741, de 1º de outubro de 2003), são consideradas pessoas idosas aquelas que têm a idade igual ou superior a 60 anos. Será adotada esta faixa etária como referencial para o ingresso na velhice.

Acredita-se que o conceito de idoso, portanto, vai além das idades limites estipuladas, seja pelo Estatuto do Idoso (acima de 60 anos) ou pela Organização Mundial da Saúde (acima de 60 anos para os idosos residentes em países em desenvolvimento e 65 anos para idosos residentes em países desenvolvidos). Os valores que referenciam esse juízo são influenciados pelas características específicas do ambiente onde os indivíduos vivem e da forma como são influenciados pelo mesmo.

Logo, definir quem é ou não “idoso” diz respeito a uma definição mais complexa, ou seja, não de um idoso unicamente e sim, à sociedade como um todo. Referendar a idade como cronológica apenas, é arriscar-se na afirmação de que os indivíduos são iguais e que envelhecem da mesma maneira. Há grandes diferenças nas individualidades e ambientes por onde permeiam os idosos, tornando subjetiva a maneira pelo qual vivenciam sua velhice. Assim, corrobora Bosi quando aborda sobre as distinções e particularidades de cada indivíduo:

O ciclo dia e noite é vivido por todos os grupos humanos, mas tem, para cada um, sentido diferente. A noite pode ser um florescimento do social, uma intensificação do amor e da amizade que se expandem e brilham sem as peias da rotina diária. A noite pode ser um lapso de abandono e de medo para a criança, para o solitário que vê as ruas se esvaziarem, para o doente ou o asilado. [...] (2007, p. 417).

Mudanças físicas, psicológicas e sociais, como: diminuição dos reflexos, limitações nas habilidades, dificuldades na capacidade auditiva e visual, perda da autoestima e outras, são transformações que põe em risco a qualidade de vida dos idosos. Sentindo-se em processo de declínio, necessitam de maior atenção e estima, buscando criar imagens mais positivas de si mesmos. Assim, como há diferentes percepções e sentimentos, há também diferentes tipos de idosos e de contextos para o seu desenvolvimento. A velhice passa a estar mais intimamente ligada com as questões de monotonia, estagnação, desânimo do que propriamente relacionada com a idade cronológica.

Para Zimerman é possível constatar que há uma divisão conceitual para os chamados “velhos” pela sociedade. Alguns os definem como pessoas chatas, tristes, doentes e solitárias; outros como pessoas experientes, porém menos hábeis, com mais disponibilidade de tempo, porém, mais próximos da morte. A este respeito, assim escreve:

Velho é aquele que tem diversas idades: a idade do seu corpo, da sua história genética, da sua parte psicológica e da sua ligação com sua sociedade. É a mesma pessoa que sempre foi. Se foi um trabalhador, vai continuar batalhando; se foi uma pessoa alegre, vai continuar alegrando; se foi uma pessoa insatisfeita, vai continuar insatisfeita; se foi ranzinza, vai continuar ranzinza. (2007, p. 18).

Com certeza, a definição que se tem sobre o que é ser idoso, está relacionada subjetivamente, com os valores familiares e societários recebidos. Em nossa sociedade que ainda vê o idoso como alguém improdutivo e o descarta como objeto sem utilidade, faz-se necessário reverter essa mentalidade. É preciso valorizar o idoso quanto ser individual e social, pois esta população pode e deve ter uma vida saudável e produtiva, mais próxima afetivamente da família e com outras gerações. Diminuindo assim, o preconceito, o sentimento de desvalia, tornando o envelhecimento não um problema e sim, oportunidade de novas aprendizagens. A idade biológica não deve interferir nos sonhos da vida e nem tão pouco limitá-la.

Infelizmente, o atual cenário social valoriza o que é efêmero e não ao que é perdurável, reduzindo assim, o espaço dos idosos na sociedade. Ficando esta população desprotegida e marginalizada, sentindo-se excluídos. Enquanto grupo social, os idosos

precisam se fazer ouvir, se não for por suas próprias vozes, que possam ser amparados pelas vozes daqueles que buscam através da educação, mudar as ideias distorcidas desta etapa da vida. Resgatando assim, sua cidadania, seu lugar na família e no convívio social. Como assim expressa Gravinis: “Contemplar e vislumbrar o idoso dentro da acepção educacional significa conceber o sujeito de forma plena, apto e agente de desenvolvimento” (2013, p. 30).

Agora, serão abordados alguns conceitos relacionados com a velhice e, posteriormente, com o envelhecimento.

1.1.2 Velhice

A velhice e o envelhecimento fazem parte da condição humana, mesmo assim, são negados por ela. Estão associadas ao declínio e a morte, no qual o ser humano evita pensar e falar sobre. Esse cenário negativo da velhice impede com que muitos idosos tenham uma vida mais ativa, produtiva e saudável, pois acabam internalizando esses estereótipos e crenças sociais.

Para que se possa compreender ainda melhor a velhice, assim como todas as transformações ocorridas nesse período, é preciso entender que cada indivíduo reage de maneira particular ao processo de envelhecimento. Sua especificidade está contida nas trajetórias individuais e socioculturais que predominam durante a existência humana.

Quando se fala na velhice, Bosi assim se expressa:

A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele. (2007, p. 81).

Do ponto de vista biológico, a velhice é um processo natural, gradual que consiste num encolhimento e enrijecimento de todas as estruturas e funções fisiológicas, que se difere organicamente de pessoa para pessoa. Sendo um processo contínuo, ainda que em velocidade desigual em órgãos, tempos e pessoas diferentes. Assim, referem-se Camarano e Kanso sobre

o aumento da expectativa de vida da população idosa e o aspecto fisiológico do envelhecimento:

Embora a expectativa de vida da população brasileira em idade avançada esteja aumentando e esteja acompanhada por uma melhoria nas condições de saúde, o número de idosos com perda de autonomia para as atividades do cotidiano tende a aumentar. Embora haja alguma evidência de uma redução na proporção de pessoas com dificuldades para as atividades da vida diária, isso pode não resultar em menos pessoas demandantes de cuidados. O envelhecimento da população expõe os indivíduos por um tempo maior a doenças crônico-degenerativas, o que resulta em um número crescente de indivíduos sem autonomia e independência. Em outras palavras, a tendência esperada é de um aumento na demanda por cuidados. (2010, p. 95).

A ciência que vem estudando o fenômeno do envelhecimento é a Gerontologia. É uma ciência em desenvolvimento contínuo que explora o fenômeno do envelhecimento sob diversos enfoques, reconhecendo a existência dos aspectos biopsicossociais e as especificidades de cada idoso. Está voltada para a longevidade, não só visando o retardamento do declínio físico, mas também o prolongamento da vida com a melhor qualidade possível.

Netto e Ponte abordam sobre a gerontologia quando assim escrevem:

Apesar da gerontologia ser uma ramo da ciência que se propõe estudar o processo de envelhecimento e os múltiplos problemas que envolvem a pessoa idosa, ela é paradoxalmente jovem. Esta realidade é surpreendente, desde que o envelhecimento e os clamores pelo aumento da longevidade são seguramente tão antigos quanto a própria civilização. (2002, p. 4).

É necessário conhecer um pouco mais a organização dos seres vivos e a ocorrência da produção e da destruição de milhares de substâncias diferentes corporais que vão indiciando os sinais mais finos de velhice. Defini-la não é tão simples, como assim se refere Paschoal:

[...] Isto é, a velhice não é definível por simples cronologia, senão – e melhor! – pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde das pessoas analisadas, o que equivale a afirmar que podem ser observadas diferentes idades biológicas e subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica. Sucede assim, porque o processo do envelhecimento pode apresentar involuções em diferentes níveis e em diversos graus, no sentido de que certas funções e capacidades declinam mais rapidamente que outras. (2002, p. 27).

A pessoa que cuidou ao longo da vida do próprio crescimento corporal e mental, provavelmente na velhice, tenha sentimentos mais positivos e de autoestima elevada, focalizando essa fase da vida como natural e superando as modificações por ela ocorrentes. A

velhice, mais do que qualquer outra fase da vida, é um período de transição, acarretando vasta gama de desafios e exigências que o indivíduo não havia encontrado antes.

O efeito sociocultural do envelhecimento requer melhor compreensão dos fenômenos que o cercam. Existem características marcantes de perdas durante o processo da velhice. Além das enfermidades degenerativas, há também diminuição gradual da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente. Esse equilíbrio tão necessário ao seu ajustamento ambiental depende de fatores sociais. Zimerman, assim posiciona-se a este respeito:

Como se pode ver, não é mais possível ignorar a necessidade de darmos atenção à velhice no âmbito institucional, político, econômico ou da saúde. Em função da mudança do perfil demográfico mundial, é necessária toda uma reestruturação social, política e econômica. Os velhos têm necessidades próprias, características e peculiaridades que devem ser atendidas. Essa mudança demográfica acarreta mudanças também no estilo de vida das pessoas, a necessidade de criação de novos espaços, novos produtos e serviços e, obviamente, exige a reformulação de conceitos e de posturas. (2007, p. 15).

Diante da velhice e do envelhecimento populacional como um fenômeno humano e um fator sociocultural, há uma vasta gama de desafios e exigências nesse período de transição do indivíduo. Sendo a Gerontologia uma ciência que estuda o processo do envelhecimento, levando em conta os aspectos ambientais e culturais do envelhecer, contribuindo e muito como suporte aos idosos e a quem convive diretamente com eles.

1.1.3 Envelhecimento

Sabe-se que envelhecer é um processo natural e inevitável aos seres humanos. Gradativamente estamos nos modificando e nos aproximando do envelhecimento biológico. Cabe questionar, o que é realmente o envelhecimento? A este respeito, Neri escreve:

Biologicamente falando, o envelhecimento compreende os processos de transformação do organismo que ocorrem após a maturação sexual e que implicam a diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência. Esses processos são de natureza internacional, iniciam-se em diferentes épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diversas partes e funções do organismo. Há um limite para a longevidade, estabelecido por um programa genético que permitiria ao organismo suportar uma determinada quantidade de mutações. Esgotado esse limite o organismo perece. (2001, p. 27).

Envelhecer, para muitas pessoas é um processo extremamente ruim, sofrido e desesperançado, que se aprofunda continuamente: quanto mais velho pior. Contudo, o conceito de envelhecimento na contemporaneidade requer uma nova postura, diante as transformações decorrentes desse processo contínuo e variável. Nota-se que atualmente, a expectativa de vida aumentou consideravelmente para a população idosa. Com isso, a busca pela qualidade de vida tornou-se essencial, oportunizando a inserção dessa classe tão discriminada há tempos atrás, no cotidiano profissional, político e social.

As ideias que existiam em relação à degeneração já não são mais aceitas como fim de um ciclo, e sim como continuidade do exercício da vida, em ritmos diferenciados, mas constantes. Devido às novas tecnologias e aos avanços da ciência, observa-se que o envelhecimento físico e mental desacelerou em comparação a outras épocas; proporcionando esses recursos e descobertas, uma melhor motivação para o exercício da vida.

Culturalmente, ninguém é educado para envelhecer e muito menos para viver com tranquilidade e plenitude o processo de envelhecimento. Quando se é jovem esse assunto é ignorado, pois há a sensação de que envelhecer é para os outros. A perspectiva de um bom envelhecimento requer o conhecimento de que isso é fato e principalmente que não é o fim de tudo, mas o início de uma nova fase da vida com suas perdas e ganhos como em qualquer outra fase.

Por ser um fator biológico e cultural, o envelhecimento deve ser analisado sob uma perspectiva histórica e socialmente contextualizada. O tratamento dispensado à velhice dependerá particularmente dos valores e da cultura de cada sociedade, a partir dos quais ela construirá sua visão dessa última etapa da vida. Concordando assim, Beauvoir contribui quando interpreta o envelhecimento humano como reflexo social:

[...] a velhice, como todas as situações humanas, tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence (1990, p. 15).

São diversos fatores que determinam o produto de um envelhecimento saudável do ponto de vista biológico e psicológico. Podem-se citar alguns deles como as condições que o idoso se desenvolveu desde a sua infância até a velhice; as oportunidades culturais e profissionais que teve ou não para desenvolver suas potencialidades intelectuais e sociais; acesso ao atendimento de saúde física e mental quando necessitava; a maneira como lidava

com suas emoções, angústias e frustrações; a realização de seus projetos de vida seja de ordem afetiva ou material e tantos outros que são responsáveis pelo perfil individual de cada idoso.

Paschoal acrescenta a esta ideia quando assim aborda:

A velhice deveria ser encarada como mais uma etapa da vida, etapa que pode e deve ser significativa. Há idosos que agem assim e alcançam um equilíbrio imenso. Mas a maioria fica à cata de um sentido (ou um novo sentido) para a sua vida. Ecléa Bosi afirma que “durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem e que dão significados a nossos gestos cotidianos”. (2002, p. 41).

Torna-se importante, pois, tomar consciência de todo o complexo mecanismo que envolve as relações humanas na velhice, visando com isso, novas atitudes capazes de minimizar os reflexos causados pelo envelhecimento. Como expõe Zimerman quando assim cita:

Envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo. Tais alterações são naturais e gradativas. É importante salientar que essas transformações são gerais, podendo se verificar em idade mais precoce ou mais avançada e em maior ou menor grau, de acordo com as características genéticas de cada indivíduo e, principalmente, com o modo de vida de cada um. A alimentação adequada, a prática de exercícios físicos, a exposição moderada ao sol, a estimulação mental, o controle do estresse, o apoio psicológico, a atitude positiva perante a vida e o envelhecimento são alguns fatores que podem retardar ou minimizar os efeitos da passagem do tempo. (2007, p. 21).

Os aspectos singulares e diferenciados com que cada idoso vivencia o seu processo de envelhecimento, exige da sociedade moderna uma nova mentalidade voltada para a vida e para a valorização de suas histórias e experiências. É preciso haver mais investimento em convívio familiar, assim como, em tarefas que os mantenham integrados ao ambiente onde vivem. Não existindo uma fórmula pronta de como viver melhor o envelhecimento, torna-se necessário à existência de projetos que estimulem o envolvimento consigo mesmo, com os outros e com a vida.

1.2 Os desafios e expectativas do envelhecimento populacional no Brasil

A temática sobre o envelhecimento populacional tornou-se um grande desafio na atualidade e, pauta necessária a ser discutida tanto em países desenvolvidos como, em países ainda em desenvolvimento. Esse processo decorre em função do aumento da expectativa de vida e redução das taxas de natalidade, ou seja, crescente número de idosos e redução de crianças e jovens. Segundo relatório de 2013 da Organização das Nações Unidas (ONU), a previsão da expectativa de vida para a população idosa em nível global é de 76 anos no período entre 2045-2050 e 82 anos em 2095-2100 nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Até o final do século, as pessoas que moram nos países desenvolvidos poderão viver, em média, 89 anos, enquanto as que moram nas regiões em desenvolvimento devem viver cerca de 81 anos.

De acordo com os Indicadores Sócio-demográficos e de Saúde no Brasil (2009), o processo de transição demográfica iniciou-se no século XX nos anos de 1940, quando se notou o declínio das taxas de mortalidade e o não acompanhamento dos níveis de natalidade. Até meados dos anos 40 o Brasil apresentava um padrão demográfico relativamente estável. O sistema de saúde pública, à previdência social, à infraestrutura urbana, à regulamentação do trabalho, assim como os avanços da indústria química farmacêutica, contribuíram para a redução de várias doenças, principalmente infectocontagiosas e pulmonares que incidiam em altos níveis de mortalidade. A partir dos anos de 1960 o Brasil apresentou significativa queda de fecundidade, levando a uma radical transformação do padrão demográfico da sociedade brasileira: com lento crescimento de crianças e jovens e paralelamente, um aumento na população de pessoas ativas e idosas.

O Brasil vem modificando o seu perfil populacional, superando a mortalidade do segmento jovem e perecendo por enfermidades mais complexas e onerosas, providas pelo envelhecimento populacional. Mas, quais os impactos que as alterações da estrutura etária da população brasileira podem produzir sobre as políticas sociais, públicas e ambientais durante o decorrer do século XXI? Para responder a esta pergunta, necessita-se de um aprofundamento teórico e humanizado sobre as questões que permeiam nosso contexto histórico, e saber, que tipo de valores societários existe e quais se almejam alcançar.

Embora, o panorama do processo de envelhecimento da população brasileira se modificou já algumas décadas, somente agora a sociedade começa a se conscientizar sobre os impactos que o envelhecimento populacional acarreta. Diante disso, ressalta-se a importância de um constructo que favoreça ao longo da vida adquirir conhecimentos que permitam um

desenvolvimento mais saudável tanto nos aspectos físicos, quanto mentais e sociais, desde a infância até a velhice. Uma aprendizagem que forneça muito mais que informações sobre os processos de desenvolvimento humano, mas que oportunize um pensar e sentir mais humanitários. Impulsionando a melhor convivência entre as gerações, facilitando assim, a superação das crises sociais contemporâneas.

Para que a sociedade acompanhe qualitativamente a longevidade humana, se faz necessário, em todas as etapas da vida, incluir a temática ‘velhice’ no cotidiano familiar, escolar e em espaços que promovam o pensar sobre como envelhecer sem perder a identidade de cidadãos e cidadãs. As possibilidades de convivência intergeracionais oportunizadas pelo aumento da expectativa de vida, devem se reverter em ganhos para a sociedade e não em preconceitos e estereótipos oriundos de uma coletividade que ainda valoriza a idade cronológica e aparência do ser.

Goldani assim define os preconceitos etários no Brasil:

Crenças e atitudes preconceituosas em termos de idade podem não ser prejudiciais em si e por si. Contudo, a discriminação por idade ocorre se essas crenças e atitudes legitimam “o uso da idade cronológica para demarcar classes de pessoas a quem são sistematicamente negados recursos e oportunidades de que outros desfrutam [...]” (2010, p. 413).

Os preconceitos etários no Brasil, conforme Goldani (2010) ocorrem tanto nas famílias como nos órgãos governamentais, no sistema de saúde, nas mídias e no mundo do trabalho. Percebe-se que muitos idosos e adultos jovens (acima de 30 anos) são substituídos profissionalmente por trabalhadores mais jovens e com mão de obra mais barata. Nota-se um investimento em prevenções de doenças crônicas como a AIDS para a população mais jovem e meia-idade, negando esta realidade à terceira idade. Existe a crença de que os idosos não são sexualmente ativos, o que diverge dos dados estatísticos que comprovam o aumento do vírus nesta população.

Assim, se faz necessário pensar em várias perspectivas que visem melhor compreender os impactos do envelhecimento na atual sociedade. Buscando sempre o bem-estar dos indivíduos antes e durante o seu envelhecimento. Contrariando a lógica capitalista que visa apenas o lucro e que exclui pessoas que ainda podem produzir. O aumento da expectativa de vida deve contemplar mais esperanças e possibilidades aos idosos e a quem com eles convivem. Gerando nesses anos ganhos de vida mais crescimento, experiências e trocas de saberes entre as gerações, famílias e sociedade.

Miranda se posiciona ao escrever sobre o tempo e as vivências dos idosos na civilização atual:

Entendemos o Tempo como algo a ser combatido. Num processo agitado da chamada “civilização” contemporânea, ele se torna efêmero em seu contexto mais abrangente, como um vaso de plástico a ser jogado fora. Neste ritmo, descartamos o que nos é mais precioso: o velho. É na memória do que fomos que evoluímos para um caminho onde podemos eleger o que temos de melhor. E na humanidade é o idoso quem tem em seu corpo guardado as histórias e os aprendizados que nos conduziram até o presente. (2009, p. 9).

Diante disso, percebe-se que o idoso é o alicerce fundamental da sociedade, que ainda é tão ingrata e excludente com os mais velhos. Com o crescimento da população idosa no Brasil, precisa-se repensar o papel dos idosos. Mais que isso, necessita-se valorizá-los e respeitá-los pelos saberes adquiridos em suas trajetórias. Tornando suas experiências de vida referências para o presente e futuro social. A este respeito, Miranda ainda conclui:

Bom seria se o Tempo não fosse visto como um inimigo e pudéssemos abraçar as rugas e calvícies com a mesma ternura com que seguramos a mão de uma criança. Entender a vida como um corpo único talvez fosse um meio de alcançarmos a eternidade, então entenderíamos o Tempo não como algo a ser combatido, mas como um grande amigo que nos abre as portas para a sabedoria. (2009, p. 10).

Com o aumento da expectativa de vida, o convívio entre as diferentes gerações deve ser mais dialógico e menos distanciado afetivamente e socialmente. Uma convivência intergeracional saudável poderá ocorrer quando os mais jovens souberem reconhecer o valor precioso daqueles que fizeram uma longa caminhada antes deles, adquirindo consigo vastas experiências que poderão ser compartilhadas. O sentimento de pertencimento e de valorização pessoal dos idosos poderá ser resgatado quando estes aprenderem a aceitar melhor suas limitações, reconhecer suas potencialidades e buscar integração e participação com o seu meio.

1.2.1 Aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais do envelhecimento

O envelhecimento é um processo de degradação progressiva e difere para com os indivíduos, não tendo um tempo exato para começar. O grau e a velocidade do envelhecimento humano dependerão da intensidade dos declínios físicos, psicológicos, sociais e ambientais. Esse processo de deterioração afeta naturalmente todos os seres vivos,

resultando na morte do organismo.

Cancela assim escreve sobre o processo de envelhecimento e as diferentes fases do ciclo da vida:

Todo organismo multicelular possui um tempo limitado de vida e sofre mudanças fisiológicas com o passar do tempo. A vida de um organismo multicelular costuma ser dividida em três fases: a fase de crescimento e desenvolvimento, a fase reprodutiva e a senescência, ou envelhecimento. Durante a primeira fase, ocorre o desenvolvimento e crescimento dos órgãos, especializados, o organismo vai crescendo e adquirindo capacidades funcionais que o tornam apto a se reproduzir. A fase seguinte é caracterizada pela capacidade de reprodução do indivíduo, que garante a sobrevivência, perpetuação e evolução da própria espécie. A terceira fase, a senescência, é caracterizada pelo declínio da capacidade funcional do organismo. (2008, p. 1).

Atualmente, o objetivo de prolongar a vida propõe não somente a busca pela boa condição física e mental, como também a inclusão social dos idosos permitindo com que estes possam desempenhar suas funções. Para que isso ocorra, necessita-se de várias ações cotidianas que contribuam para uma vivência mais íntegra e com menos sequelas causadas pela senilidade. Entende-se que o envelhecimento ativo conduz a um envelhecimento mais saudável e feliz.

Sabe-se que as alterações físicas do envelhecer sinalizam a entrada na velhice, porém, tais alterações fazem parte de um processo natural. Diferenciam-se pelas condições genéticas e principalmente, pelas condições de vida de cada sujeito. Zimerman cita algumas modificações físicas externas do adulto jovem para o velho:

[...] as bochechas se enrugam e embolsam; aparecem manchas na pele (manchas senis); a produção de células novas diminui, a pele perde o tônus, tornando-se flácida; podem surgir verrugas; o nariz alarga-se; os olhos ficam mais úmidos; há um aumento na quantidade de pêlos nas orelhas e no nariz; os ombros ficam mais arredondados; as veias destacam-se sob a pele dos membros, enfraquecem; encurvamento postural devido às modificações na coluna vertebral; diminuição da estatura pelo desgaste das vértebras. (2007, p. 21).

Assim como ocorrem mudanças físicas externas, ocorrem também mudanças internas, como ainda cita Zimerman:

[...] os ossos endurecem; os órgãos internos atrofiam-se, reduzindo seu funcionamento; o cérebro perde neurônios e atrofia-se, tornando-se menos eficiente; o metabolismo fica mais lento; a digestão é mais difícil; a insônia aumenta, assim como a fadiga durante o dia; a visão de perto piora devido à falta de flexibilidade do cristalino; a perda de transparência (catarata), se não

operada, pode provocar cegueira; as células responsáveis pela propagação dos sons no ouvido interno e pela estimulação dos nervos auditivos degeneram-se; o endurecimento das artérias e seu entupimento provocam arteriosclerose; o olfato e o paladar diminuem. (2007, p. 22).

O decréscimo progressivo das funções corporais, sejam elas internas ou externas, relacionam-se não somente pela carga genética, mas também e principalmente, pelos hábitos manifestados durante toda a vida. Fachine e Trompieri escrevem sobre as diferenciações biológicas e culturais do envelhecer:

O envelhecimento pode variar de indivíduo para indivíduo, sendo gradativo para uns e mais rápido para outros (CAETANO, 2006). Essas variações são dependentes de fatores como estilo de vida, condições socio-econômicas e doenças crônicas. Já o conceito “biológico” relaciona-se com aspectos nos planos molecular, celular, tecidual e orgânico do indivíduo, enquanto o conceito psíquico é a relação das dimensões cognitivas e psicoafetivas, interferindo na personalidade e afeto. Desta maneira falar de envelhecimento é abrir o leque de interpretações que se entrelaçam ao cotidiano e a perspectivas culturais diferentes. (2012, p.107).

Como o envelhecimento é heterogêneo, ou seja, não se manifesta linearmente, se faz importante conhecer todas as suas características, objetivando assim, encontrar alternativas para melhor viver este processo. Diminuindo os efeitos senis e otimizando recursos para lidar com os impactos causados pelas limitações e modificações físicas, torna-se valorativo as investigações que se faz em prol do ser humano.

Sabe-se que a aproximação da velhice e conseqüentemente as modificações corporais trazidas por ela, refletem nos fatores psicológicos e sociais dos idosos. Numa sociedade ainda em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, onde os padrões de beleza e juventude são extremamente valorizados, os sentimentos de perda com a chegada da velhice se ampliam. Segundo Lima e Rivemales, as transformações inerentes ao envelhecimento, principalmente as relacionadas com o corpo, são de difícil elaboração. Como assim escrevem:

Cada um tem uma imagem corporal de si mesmo, e essa imagem muda em cada etapa da vida. Sendo a velhice uma dessas etapas, é nela que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, pela dificuldade de aceitação da imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude. (2013, p. 159).

As perdas físicas vão interferindo no desenvolvimento psicológico e social, trazendo muitas vezes, doenças como depressão e outras. Quanto ao aspecto psicológico, Zimmerman cita algumas mudanças causadas pelo envelhecimento:

[...]dificuldade de se adaptar a novos papéis; falta de motivação e dificuldade de planejar o futuro; necessidade de trabalhar as perdas orgânicas, afetivas e

sociais; dificuldade de se adaptar às mudanças rápidas, que têm reflexos dramáticos nos velhos; alterações psíquicas que exigem tratamento; depressão, hipocondria, somatização, paranóia, suicídios; baixas autoimagem e autoestima. (2007, p. 25).

Convém salientar que conforme Zimerman (2007) tanto as características físicas quanto as características psicológicas estão relacionadas com fatores hereditários e também, com a trajetória individual, sentimentos e atitudes em relação à vida. A imagem do corpo apresentada pela velhice deveria ser aceita de forma natural por todos. Mas a perfeição estética que nossa sociedade exige, trata estas modificações como defeitos. Interferindo assim, na nossa maneira de pensar, sentir e estimar-se. Colocando barreiras que torna mais difícil ainda o processo de envelhecimento.

Todos os avanços da ciência e as inovações tecnológicas que estão ampliando a expectativa de vida da população idosa merecem nossas considerações. Porém tudo isso implica em novos conceitos do que é ser velho hoje no Brasil e no mundo. Exige também, novas adaptações e comportamentos desde a infância, incluindo maior respeito e apreço àqueles que estão envelhecendo e precisam de maior atenção.

Nos aspectos sociais, Zimerman (2007) concorda que as modificações no status do velho refletem no envelhecimento social. Crise de identidade, mudanças de papéis, aposentadoria, perdas diversas, diminuição dos contatos sociais, são algumas questões pertinentes e rotineiras para quem está vivenciando esta fase da vida. Os valores societários preservam a opinião de que somente tem valor quem produz bens materiais e tem poder aquisitivo para consumir, ou seja, as crianças, jovens e adultos; os “velhos” se tornam insignificantes. Na cultura ocidental, se supervaloriza o mundo do trabalho, a beleza e a juventude, diminuindo o status para os mais velhos.

Na atualidade, já houve algumas transformações quanto à imagem dos idosos. Portanto, ainda resta muito a se fazer. Quando aqui se fala em imagem, não se restringe aos aspectos físicos apenas; refere-se também, a realidade subjetiva dos idosos: sentimentos, percepções, autoimagem e autoestima. Para isso, se torna necessário abrir espaços para a inserção desta população. Neste aspecto, Lopes argumenta:

Constituímo-nos e reafirmamo-nos como sujeitos ao longo da vida, em uma sociedade, em uma cultura. Isso inclui relações de aliança e de conflito, solidariedade e dominação, inclusão e exclusão, e também pertinência e marginalidade. Vale a pena examinar como a cultura se torna co-responsável por boa parte dos sofrimentos dos mais idosos. Nesse modelo genérico de velhice ainda presente, ao inscrever a velhice como fator de piedade e

filantropia, nega-se a ela o reconhecimento social advindo da conquista de maior visibilidade pelo segmento. Assim, os significados culturais que se somam às terminologias induzem a uma representação social e a uma imagem que reduzem os mais idosos a uma situação de fragilidade e, conseqüentemente, de dependência. É essencial romper com essa visão cultural de um destino a ser cumprido na vivência da velhice. (2009, p.144).

Dialogar com estes significados contribui para um novo pensar e agir para com os idosos. Propagar e oportunizar espaços de convivência, momentos culturais, lazer e até mesmo a participação nas atividades do lar, contribui e incentiva para uma rotina mais feliz e com sentimentos mais positivos em relação a si e a vida.

1.2.2 As relações intergeracionais: conflitos ou diálogos?

Entende-se que as relações entre as diferentes gerações são necessárias e importantes para o desenvolvimento humano quando estão consolidadas no afeto e respeito ao outro. Com o aumento da expectativa de vida a convivência intergeracional se torna mais efetiva entre as famílias. Mas, será que as crianças, jovens, adultos e idosos estão preparados para conviver em harmonia diante de épocas e valores tão distanciados? Serão capazes de superar diferenças, construir novas aprendizagens e superar conflitos? Estas são algumas questões que norteiam este capítulo e onde proponho uma maior reflexão.

Venturi e Bokany apresentam o panorama atual dos idosos brasileiros, conforme retratam:

Em suma, de modo geral a imagem da velhice é mais negativa que positiva – mas está longe de ser apenas negativa, sobretudo na perspectiva da população idosa. Sem deixar de ser críticos sobre as dificuldades específicas que enfrentam, decorrentes da idade, os idosos brasileiros valorizam mais que os não idosos os aspectos positivos de sua condição. Têm consciência e denunciam o forte preconceito social e a discriminação contra a pessoa idosa – as várias expressões do desrespeito e da invisibilidade a que muitas vezes são relegados -, mas ao mesmo tempo percebem que ser idoso hoje é melhor do que já foi ser idoso(a) na época em que eram mais jovens. Ou seja, melhorou, mas há muito por fazer. (2009, p. 28).

Todos almejam ter uma vida longa e saudável, porém, poucos são aqueles que se preparam para uma colheita mais satisfatória na velhice. Primeiro porque carece os incentivos, desde a infância, de preparar-se em todas as fases para a longevidade. Felizmente, na realidade atual, existem melhores recursos para se prolongar a vida e até mesmo retardar o envelhecimento, mas não para evitá-lo. Negar a velhice dificulta ainda mais o processo

natural da vida e conseqüentemente, implica muitas vezes, em sentimentos de insatisfação e inferioridade.

A maior negação da velhice vem da nossa própria sociedade capitalista. Assim, escreve com muita propriedade Chauí:

A função social do velho é lembrar e aconselhar – *memini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, “não merece o nome de Cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie”, a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. (2007, p. 18).

Segundo Oliveira (2008), relação intergeracional é aquela em que “gerações distintas se vejam como iguais nos direitos e deveres e diferentes no modo de ser e agir” (p. 67). Este conceito remete a singularidade de cada sujeito articulado com os valores culturais e societários no seu tempo histórico. Partindo dele, entende-se melhor a relevância do estudo sobre as relações intergeracionais.

No capítulo II, Seção II, art. 4º, inciso I da Lei nº 8.842 de 04 de janeiro de 1994 que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cita-se a seguinte diretriz: “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações”. Questiona-se se a sociedade está preparada para o convívio intergeracional? E, principalmente, qual é a função da educação formal neste sentido? Sena corrobora quando assim escreve:

A falta de informação é um dos fatores que promove o preconceito e a não inclusão social da pessoa na sociedade. Nesse sentido, a escola, a família e a sociedade têm muito a contribuir para a formação de uma sociedade intergeracional, ao promover essas ações educativas não somente na escola, mas em qualquer espaço, público ou privado. (2011, p. 40).

Atualmente, vê-se a necessidade de uma ênfase especial no estreitamento das relações entre as diferentes gerações, visando diminuir com isso os estereótipos e preconceitos advindos da terceira idade. Tal processo visa possibilitar o diálogo e redescobrir as diferenças e semelhanças entre os jovens e os mais velhos. Esta troca de informações proporciona estímulos a ambos, estabelecendo laços afetivos mais próximos, ampliando a percepção para outras realidades de vida. Neste aspecto, concorda Todaro:

O envelhecimento populacional é, assim, um fato que merece atenção, porque aumenta a probabilidade de convivência entre pessoas de diferentes

idades e cria a necessidade de planejar políticas e práticas sociais que favoreçam a participação social dos idosos, aspecto central da cidadania. Em face dessa realidade, parece-nos que as questões relativas a atitudes respeitadas façam parte dos conteúdos de ensino, compondo o currículo escolar, a fim de buscar educar para uma adequada convivência entre as pessoas, independentemente da diferença de idade. (2009, p. 8).

Daí, a importância da escola como espaço oportuno de construção de conhecimentos para valorizar as experiências dos idosos, reafirmar sua importância no contexto atual e auxiliar no preparo dos educandos para enfrentar com mais sabedoria a sua própria velhice. Educação que estimule o aceitação aos idosos, permitindo sua integração e participação no contexto familiar e social.

Uma cultura social se constrói através dos valores e práticas transmitidos pelos mais velhos aos mais jovens. Numa sociedade ainda tão arraigada a valores individualistas e competitivos, acaba-se por perder momentos de convivência em prol das exigências que o mundo material faz. Tornando assim, o tempo escasso para as relações familiares; o diálogo sendo substituído pelas novas tecnologias; as crianças e jovens cada vez atribuídos com mais tarefas extraclases, perdendo o lúdico do brincar; os adultos consumidos pelo mundo do trabalho e ao que ele pode comprar, enfim. Nessa roda viva, os idosos perdem a significância, sentindo-se e fazendo-se isolados. Na verdade, todos estão perdendo nas relações em que não há intercâmbio e reciprocidade de saberes.

1.3 A sala de aula como espaço legítimo para falar sobre o envelhecimento

Sendo a escola um dentre muitos lugares, onde o processo de ensino-aprendizagem ocorre, a educação passa a descentralizar-se, ou seja, não está restrita somente aos espaços formais de ensino para que ela possa ocorrer. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) fundamenta esta afirmação, conforme seu Art. 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Embora, não atribuindo total responsabilidade da tarefa de educar as instituições escolares, sabe-se da grande influência que estes espaços de ensino têm no desenvolvimento dos processos formativos dos sujeitos. Desde a organização do currículo escolar, da

elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) e das práticas pedagógicas, a escola vai contribuindo, ou melhor, deveria contribuir para a construção de cidadãos e cidadãs críticos que possam exercer seus papéis, tanto no mundo do trabalho como na vida social.

As instituições de ensino como lugar de produção de conhecimentos, deveriam interagir dinamicamente com o meio no qual os educandos estão inseridos, buscando conexão com os seus contextos. A sociedade atual está cada vez mais exigindo dos homens saberes pertinentes para lidar com as inovações tecnológicas e os novos comportamentos, indivíduos que saibam equacionar os problemas sociais e ambientais. Para isso, é necessário que a escola não negue os acontecimentos atuais, ao contrário, que leve para sala de aula momentos de discussões e reflexões. A escola deve oferecer condições ao sujeito de desenvolver-se subjetivamente, paralelo a realidade objetivada socialmente. Neste sentido, Moretto assim corrobora:

Os novos rumos da educação brasileira apontam para a busca da formação de um novo profissional e de um novo cidadão. Essa orientação necessita transformar-se em ação no ambiente privilegiado de interação que é a sala de aula. Para isso é preciso que tanto a escola como os educadores, individual e coletivamente, tenham clareza quanto ao papel social da escola, à natureza do conhecimento, ao processo de apropriação do conhecimento e o papel do professor em contexto escolar [...] (2003, p. 13).

O universo escolar tão importante para intermediar o mundo com suas diversas possibilidades passa a se tornar a cada dia, mais obsoleto. Com a tecnologia cada vez mais avançada, o ensino formal deve aprender a se “reinventar”, tornando-se mais conecto com os acontecimentos históricos do momento. Possibilitando assim, oportunidade de crescimento e emancipação dos sujeitos.

Todaro assim refere-se à educação:

A educação é um processo contínuo vivido pelo ser humano ao longo de toda a vida e, como tal, excede os limites da escola. Nem a criança nem o adulto são um papel em branco. Durante a vida, as pessoas não são apenas ensinadas ou alvos da ação condutora da educação proporcionada por outrem, elas também ensinam e conduzem o próprio processo de desenvolvimento mediado por influências externas capazes de provocar nelas uma reflexão cada vez mais crítica [...]. (2009, p. 25).

Com esse breve panorama, pode-se contextualizar e ressaltar a importância da educação e da sua necessária atualização em prol de sua sustentabilidade. Como instituição social, a escola deve desenvolver temas que integrem em seus conteúdos, assuntos inerentes à convivência humana, entre eles, a velhice. Este tema em particular, requer a reinvenção de

convívios que despertem o afeto, o respeito e o apreço pelas pessoas mais velhas. Arroyo contribui com esta reflexão quando assim escreve:

[...] Nesse processo de redefinir o saber escolar, as funções sociais, políticas e culturais da escola em função de projetos de sociedade e de ser humano, de cidadão e cidadania não perdemos a centralidade nem do conhecimento, nem de nosso ofício de ensinar. Nos redescobrimos em horizontes, intencionalidades e significados mais abertos. Reaprendemos que nosso ofício se situa na dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a sermos humanos. Por aí reencontramos o sentido educativo do nosso ofício de mestre, docentes. Descobrimos que nossa docência é uma humana docência. (2008, p. 53).

As possíveis contribuições sobre a temática do envelhecimento pelas instituições de ensino, em todos os níveis de educação (educação infantil, ensino fundamental e médio) e da educação superior (graduação e pós-graduação), são essenciais para melhor compreender este processo e, trata-se atualmente, de conteúdo obrigatório. A norma que exige nos currículos escolares a educação para a terceira idade está referendada no artigo 22 da Lei nº 10.741/2003 (Estatuto do Idoso) onde assim consta:

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Vê-se que a obrigatoriedade ao tema, tem por objetivo eliminar os preconceitos aos idosos através do estudo e conhecimento da educação para a terceira idade. Assim como, preparar as gerações mais novas a aceitar e planejar adequadamente uma velhice mais satisfatória. Para diminuir o preconceito nada melhor do que a inserção de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento nos currículos dos diversos níveis de ensino formal. Mas, questiona-se aqui se na prática escolar este tema é inserido nos planejamentos de ensino?

Investir na educação de crianças e jovens visando à melhoria das atitudes em relação aos idosos é uma maneira de auxiliar os sujeitos e sociedade a envelhecer melhor, com mais dignidade. Ressalta-se assim, a relevância do ato educativo para transformar estigmas acerca do idoso e oportunizar convivências mais fraternas e harmoniosas. Ato educativo este que se amplia e se exterioriza dos muros da escola, estando presente em todos os ambientes sociais. Cachioni aborda sobre a educação quando assim escreve:

A educação é um processo contínuo vivido pelo ser humano ao longo de toda a vida. Não só em contato com a escola, principal agência encarregada de realizá-la, e por intermédio da qual a sociedade transmite, conserva e aperfeiçoa seus valores, como também em contato com as demais

instituições sociais e agências educacionais. À medida que amadurece, o leque de influências biológicas, psicológicas, sociais e culturais torna-se cada vez mais amplo e aumenta a possibilidade de auto-educação do ser humano. Nem a criança nem o adulto, por menos letrado e por menos intelectualmente sofisticado que este seja, são um papel em branco. Ao longo de toda a vida ninguém é somente ensinado ou alvo da ação condutora da educação proporcionada por outrem. (2003, p. 43).

A escola e principalmente a sala de aula, por ser um espaço dinâmico e de produção de conhecimentos, deve ser utilizada também, como lugar de novas experiências sociais sobre a velhice e preparo dos sujeitos para a longevidade. Este novo campo interdisciplinar e seu fazer pedagógico deve buscar o diálogo e a problematização das questões do envelhecimento, com o intuito de fomentar nos educandos a reflexão sobre os aspectos que envolvem a heterogeneidade da velhice. Torna-se essencial, a mediação dos educadores para alicerçar tais conhecimentos frente à mudança demográfica atual.

Mas, o que será que os currículos do ensino formal e os planejamentos em sala de aula estão fazendo, na prática, para dar conta desta realidade social: poucas crianças e jovens e, muitas pessoas idosas? Abordar-se-á algumas questões sobre o tema no capítulo a seguir.

1.3.1 Saberes e fazeres pedagógicos com o tema transversal ‘velhice’

Abordar as questões pedagógicas do ensino remete a uma série de estruturas que ultrapassam a organização dos conhecimentos e métodos para a construção da relação ensino-aprendizagem. Então, surge à palavra *currículo* e automaticamente, pensa-se em conhecimentos organizados sistematicamente. De certo modo, pode-se concordar com este conceito, porém, torna-se essencial ampliá-lo para melhor compreendê-lo.

Para Silva o currículo é:

Em suma, depois das teorias críticas e pós-críticas, não podemos mais olhar para o currículo com a mesma inocência de antes. O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *currículum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (2007, p. 150).

Sacristán corrobora quando aborda a questão sobre o currículo como forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, onde este que serve a certos

interesses concretos acaba por refletir no currículo. Afirma que a organização escolar tradicional mantém distantes a sala de aula e a escola, isoladas e sem conexões com o ambiente exterior. Diante disso ainda escreve:

Uma característica lamentável das aprendizagens escolares continua sendo que se mantêm muito dissociadas da aprendizagem experiencial extra-escolar dos alunos. Esse distanciamento se deve à própria seleção de conteúdos dentro do currículo e à ritualização dos procedimentos escolares, esclerosados na atualidade. A brecha aumenta e se agrava, à medida que o estímulo cultural fora da instituição é cada vez mais amplo, atrativo e penetrante. (1998, p. 71).

A inclusão de assuntos relacionados ao envelhecimento nos espaços formais de ensino representa um desafio à educação que temos. Ainda encarcerada pela disciplinaridade, pelos conteúdos isolados e fragmentados. Isso demonstra a imperiosa necessidade de adequar os currículos que formam os professores e alunos, para que estes possam naturalmente estabelecer relações paralelas para responder às exigências das instituições escolares e ao mesmo tempo, obter visões reais do mundo e da cultura onde estão inseridos. Tornando o currículo um meio eficiente de comunicação entre a escola e o mundo, aberto e receptivo aos conteúdos novos para melhor lidar com a complexidade do conhecimento. Todaro escreve sobre este aspecto:

No contexto escolar, os conteúdos atitudinais são comumente identificados com os temas transversais oferecidos no ensino fundamental. Para aumentar sua eficácia, é desejável que busquem oportunidades para fortalecer atitudes de respeito às diferenças etárias e à heterogeneidade da velhice, a fim de promover reflexão sobre crenças e comprometer-se com a formação da cidadania. Para as crianças, a participação em projetos que promovam o debate sobre idosos e questões intergeracionais representa a possibilidade de participar da construção do seu próprio desenvolvimento como cidadãos críticos. (2009, p. 26).

Mas, na prática cotidiana o que seria trabalhar transversalmente os conteúdos, em particular, o tema envelhecimento? Existe diferença entre interdisciplinaridade e transversalidade? A fim de esclarecer alguns conceitos, parte-se do pressuposto que ambas fazem parte das dimensões pedagógicas da ação docente. Bovo assim escreve sobre o surgimento do conceito de interdisciplinaridade:

A interdisciplinaridade surgiu no século XIX, pela necessidade de dar uma resposta a fragmentação causada pela concepção positivista, pois as ciências foram subdivididas surgindo, várias disciplinas. Após longas décadas convivendo com um reducionismo científico, a idéia de interdisciplinaridade foi elaborada visando restabelecer um diálogo entre as diversas áreas dos conhecimentos científicos. (2004, p. 2).

A partir desta introdução, pode-se perceber que a interdisciplinaridade baseia-se na integração de conhecimentos e ruptura das fronteiras entre as disciplinas. Daí ressalta-se a importância do papel do professor na intermediação dos conteúdos de forma a articular teoria e prática, evitando a fragmentação do conhecimento e sim, possibilitar uma interação entre as diversas disciplinas num processo de intensa reflexão. Conforme Bovo, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) diferenciam a interdisciplinaridade e transversalidade da seguinte forma:

A interdisciplinaridade é definida nos PCNs como a dimensão que: (...) questiona a segmentação entre os diferentes campos do conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles, questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu (BRASIL, 1998, P. 30). A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender a realidade da realidade) (BRASIL, 1998, p.30) (2004, p. 3).

Os temas transversais devem ser trabalhados na perspectiva das atuais preocupações sociais, como eixos temáticos que giram em torno das disciplinas curriculares, respeitando os interesses dos alunos e o espaço sociocultural onde estes estão inseridos. Falar em envelhecimento passa a ser relevante em sala de aula, no momento em que a longevidade é um fato e traz consequências ambientais. Embora, o Brasil tenha aumentado o número de idosos através dos benefícios tecnológicos e os avanços da medicina, ainda há muito que investir em políticas públicas para comportar o crescimento deste perfil populacional.

Quando se fala em interdisciplinaridade e transversalidade nas ações pedagógicas, pensa-se nestas ferramentas como instrumentos para uma formação integral dos educandos. No momento em que há possibilidades de construção progressiva de conhecimentos, acesso a tecnologia e o compartilhamento de ideias, se torna possível à busca pela autonomia e emancipação. Dessa forma, tanto o ensino como a aprendizagem se tornam motivadoras e contribuidoras de um encontro formativo pleno.

Em face da complexidade do ato de educar, cada vez mais os professores devem estar atentos a sua prática pedagógica, conscientes do seu papel de mediadores de conhecimentos e buscando a formação continuada. Atualmente, ser professor requer habilidades e competências que motivem os alunos na caminhada educativa ainda tão carente de intencionalidade.

A este respeito, Libâneo escreve sobre o caráter de intencionalidade do ensino:

É preciso que os educadores entrem num acordo sobre que tipo de cidadão deseja formar e que tipo de escola. Hoje temos objetivos de todos os gostos. Se você disser: quero que a escola seja principalmente um espaço de socialização dos alunos, que seja um lugar de encontro e compartilhamento entre as pessoas, que seja um lugar para que sejam acolhidos seus ritmos, suas diferenças, suas inclinações pessoais, então, nesse caso, o sistema de ciclos é ótimo, a flexibilização e o afrouxamento da avaliação é coerente. É claro que essas coisas são importantes, mas penso que esperar isso da escola é muito pouco. (2008, p. 116).

Dessa forma, devem-se promover espaços de formação que levem os docentes a refletir sobre os assuntos que norteiam a sociedade, dentre eles, os temas geradores sobre o envelhecimento. Como assim refere Todaro:

[...] Considerando nossos problemas de desigualdade na distribuição de bens e de oportunidades sociais, é de prever que os idosos terão cada vez mais dificuldades e que haverá cada vez maiores impedimentos à implementação de políticas e práticas sociais que façam jus à contribuição dos idosos à sociedade se as novas gerações não tiverem informações realistas, atitudes positivas e valores que contemplem a equidade e a dignidade humana quando se trata dos mais velhos. (2009, p. 67).

Tanto os *saberes* como os *fazeres* pedagógicos devem estar imbricados de comprometimento com o meio ambiente e com a sociedade. Numa relação responsável, ética e democrática. Tornando os espaços no contexto escolar receptivos aos temas relativos aos idosos, à velhice e ao envelhecimento. Para isso, precisa-se saber o que as crianças e jovens tem por conhecimentos sobre esta tríade.

1.3.2 O que as crianças têm a dizer sobre a velhice?

As crianças, assim como os adultos, têm em seu imaginário opiniões construídas a respeito da velhice. Estas construções subjetivas vão sendo incorporadas através da convivência familiar, do contato com outras crianças, através das mídias, dos livros didáticos, enfim. Todos os ambientes por onde frequentam, em suas diferentes idades, são responsáveis por influenciar positivamente ou negativamente as questões sobre o envelhecimento.

Na atualidade, onde os parâmetros de beleza e da juventude são muito valorizados, o que pensam as crianças sobre os idosos? O que acham que as pessoas mais velhas deveriam fazer ou onde deveriam estar (casas, instituições, outros lugares)? Que relações estabelecem

com os mais velhos? Estas e outras indagações estão relacionadas historicamente e culturalmente naquilo que se aprende sobre a velhice.

Lopes e Park reforçam a importância de estudos voltados à representação das crianças acerca do envelhecimento, quando assim escrevem:

Estudos que busquem conhecer a representação social acerca do velho em grupos de crianças e de outras faixas etárias são pertinentes, tendo em vista que as novas imagens e informações sobre a velhice, os velhos e o envelhecimento que têm circulado pela sociedade, bem como, as alterações na configuração etária da população, contribuem para a (re) construção das representações sociais. Conhecer tais representações permite obter pistas sobre o modo como os indivíduos atuam e se relacionam com os velhos e com sua própria velhice. (2007, p. 147).

As relações sociais e intergeracionais podem ser promovidas no ambiente familiar e escolar, buscando uma integração por meio de uma educação solidária e coletiva. A escola como espaço que abriga a diversidade deve propor questões que incentivem o respeito e diminua as diferenças entre crianças e idosos. Neste aspecto, encontra-se consenso nesta afirmativa quando Mazutti e Scortegagna assim escrevem:

Dessa forma, validamos o pressuposto de que o espaço escolar, pelas vivências e diversidades no contexto que proporciona, possibilita que a criança construa ou (re) construa sua concepção acerca do envelhecimento social. Os laços afetivos construídos entre avós e netos a partir da infância e a história familiar experienciada são significativos para o enfrentamento das diferenças e o desenvolvimento de estratégias que permitam o respeito e a tolerância das mesmas, propiciando um compartilhar relações. (2006, p. 107).

Ao observar a infância e a velhice como graus de desenvolvimento humano em contraposição, se nota os desafios necessários para interligar os convívios que oportunizem o não isolamento social dos idosos, assim como, os benefícios adquiridos pelas crianças e adolescentes com as experiências dos mais velhos. Todaro corrobora quando escreve sobre crianças e velhos na sociedade atual:

Como a infância e a velhice se assemelham e se diferenciam na sociedade atual? Nos livros infantis, a velhice normalmente é representada pelas imagens tradicionais da avó grisalha, gordinha e mansa, sentada numa cadeira de balanço, com os óculos colocados sobre o nariz, ou do avô bondoso, mais impaciente, de hábitos rígidos, afastado do mundo do trabalho, muitas vezes de pijama. Raramente nos damos conta de que essas imagens são insuficientes para representar a velhice atual. Extremamente heterogênea, ela contém esses perfis, mas também o perfil de velhos ativos e produtivos, que não se comportam como os velhos dos estereótipos. Da mesma maneira idealizada e estereotipada, as crianças são mostradas como seres saudáveis e alegres, que brincam ou estudam, mas, na vida, muitas

delas não têm boas condições de desenvolvimento e outras são trabalhadoras precoces. (2009, p. 11).

As imagens interiorizadas por muitas crianças em relação ao idoso, ainda giram em torno de fragilidades físicas, mentais e materiais. Pouco se pensa ou se quer falar no envelhecimento orgânico e em suas consequências. Não há um preparo adequado para se envelhecer com mais aceitação e qualidade de vida. Quando se é jovem, pensa-se que o envelhecimento é para os outros e não para si. Infelizmente, culturalmente, ninguém é educado para envelhecer.

Zimerman aborda a questão das oposições entre a juventude e velhice quando assim escreve:

Vivemos em uma sociedade em que a expectativa é ser adulto. Quando uma criança ou um adolescente projeta o futuro sempre se vê como um adulto jovem, formado, com alguma profissão, trabalhando e ganhando dinheiro. Não se imagina um velho infeliz e até prefere nem pensar na velhice, como se o velho já fosse um semimorto ou alguém com uma doença infectocontagiosa. Para muitas pessoas, quando se fala em velho a imagem que vem à mente é a de um sapato gasto, furado e que, portanto, já não serve para mais nada. (2007, p.28).

Como se pode ver, não é mais possível, ignorar as mudanças acarretadas pelo perfil demográfico da população idosa. Tornando-se essencial um olhar atento e uma escuta sensível as falas das crianças em torno do tema envelhecimento. Perceber quais os constructos que estão sendo elaborados por elas, interferindo se necessário for, em suas atitudes e comportamentos para com os mais velhos. Quanto mais cedo se oportunizar a reflexão sobre as questões do envelhecimento, melhor. Podendo assim, as crianças e jovens terem uma atitude mais ativa e positiva frente à vida, envelhecendo com mais estímulos e sentindo-se mais valorizadas.

1.4 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano

A presente pesquisa tem como base a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), de Urie Bronfenbrenner (2002) que traz uma nova perspectiva para a compreensão do desenvolvimento humano, problematizando as interações entre os sujeitos e os vários níveis de ambientes que são por eles frequentados.

Urie Bronfenbrenner nasceu na Rússia em 1917. Aos seis anos, foi com a família

para os Estados Unidos. Formou-se em Psicologia e Música na Universidade de Cornell, em 1938 e passou a trabalhar na graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Fez o mestrado na Universidade de Harvard. Completou o doutorado na Universidade de Michigan, em 1942. Ingressou na Faculdade Cornell em 1948, onde permaneceu durante o resto de sua vida profissional. Morreu em 25 de setembro de 2005. Foi autor, co-autor e diretor de mais de 300 artigos e capítulos de 14 livros. Dentre os mais famosos, encontramos: “A ecologia do desenvolvimento humano” (1979) e “Making human beings human: Bioecological Perspectives on Human Development” (2005 – Sage Publications)

Bronfenbrenner (2002) percebe o ser humano como um ser ativo na criação e recriação de ambientes. Assim, as interações ocorrentes entre pessoa e ambiente são transformadas mutuamente ao longo do tempo. Essa reciprocidade existente nessas interações influencia o desenvolvimento humano e ao mesmo tempo o ambiente no qual ele vive.

Uma definição de Bronfenbrenner a respeito da Ecologia do Desenvolvimento Humano:

A ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos. (2002, p.18).

Para Bronfenbrenner (2002) a percepção que se tem do ambiente é mais importante do que a realidade objetiva existente, ou seja, para ele não importa como o ambiente se apresenta objetivamente e sim, como ele é percebido pelas pessoas e a influência que exerce nelas.

O modelo reformulado da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano (1979) para a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (1995) integra: processo, pessoa, contexto e tempo (PPCT). A organização do ambiente ecológico se dá como um encaixe de estruturas concêntricas, observando as relações interpessoais em ambientes mais próximos como a família, aos mais amplos como o contexto social, econômico e político dos indivíduos.

O ambiente ecológico que é o lugar onde as pessoas interagem, ou seja, tudo que se encontra fora do organismo, são estruturados em quatro níveis ambientais: *microsistema*, *mesossistema*, *exossistema* e *macrossistema*. Explicando brevemente os conceitos, assim

seria:

- **Microsistema:** o complexo de inter-relações dentro do ambiente imediato, face-a-face. Ex.: a família.
- **Mesosistema:** influências advindas das inter-relações entre os microsistemas. Ex.: a escola.
- **Exossistema:** um ou mais ambientes que não envolvem diretamente a pessoa em desenvolvimento, mas no qual ocorrem eventos que afetam de alguma forma o ambiente em que está inserida. Ex.: local de trabalho dos pais.
- **Macrossistema:** compõe os valores culturais, crenças, situações sociais e acontecimentos históricos que afetam os outros sistemas ecológicos. Ex.: ideologias.

Daí a importância de compreender todos os processos que envolvem o ser humano, seu desenvolvimento, suas interações, suas transições ecológicas, que levam a sua evolução quanto indivíduo na sociedade. Participar, muitas vezes, mesmo que indiretamente do cotidiano de nossos familiares, amigos e outros espaços, contribui e muito em nossa aprendizagem. Chamamos de exossistema quando tomamos conhecimento de todas as informações que nos são passadas de forma indireta e que acabam contribuindo no nosso desenvolvimento.

Foi com o objetivo de contribuir para as descobertas teóricas e empíricas do desenvolvimento humano que Bronfenbrenner (2002) afirmou que a pessoa em desenvolvimento não é uma tabula rasa sobre o qual o meio provoca seu impacto, mas como uma entidade em crescimento, dinâmica que acaba por reestruturar o próprio meio em que reside.

Através de interações recíprocas e dinâmicas entre a pessoa e o seu contexto através do tempo, resgatam-se os aspectos da Pessoa, dos Processos, do Contexto e do Tempo. As reformulações da teoria, que antes era ecológica para bioecológica, alteram-se quando as pessoas e suas interações não são mais vistas como apenas função do ambiente, mas como uma função do processo.

Para Narvaz e Koller, (2004) o novo Modelo Bioecológico propõe que o desenvolvimento humano seja estudado através da interação desses quatro núcleos inter-relacionados: *o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo*.

- **Processo:** são as formas particulares de interação entre organismo e o ambiente que

operam ao longo do tempo e que são importantes para o desenvolvimento, enfatizando os processos proximais que envolvem interações mais complexas.

- A Pessoa: envolvem as características biopsicológicas e as características construídas na interação com o ambiente.
- O Contexto: compreendem a interação dos quatro níveis ambientais denominados de microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema, formadores do ambiente ecológico.
- O Tempo: permite examinar a influência das mudanças e acontecimentos ao longo do ciclo da vida sobre o desenvolvimento humano. No Modelo Bioecológico, este elemento é analisado em três níveis: *Microtempo*, *Mesotempo* e *Macrotempo*. O Microtempo refere-se à continuidade e à descontinuidade dos processos proximais observados dentro de pequenos episódios; o Mesotempo refere-se à periodicidade dos episódios de processo proximal através de intervalos maiores de tempo, sendo que os efeitos cumulativos podem produzir resultados significativos no desenvolvimento e o Macrotempo refere-se às expectativas e os eventos em mudança dentro da sociedade através de gerações e como estes eventos afetam e podem ser afetados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano dentro do ciclo de vida.

O Modelo Bioecológico, através da sua observação naturalística, envolve uma série de integrações na qual permite ao pesquisador compreender a realidade estudada. A *inserção ecológica* que consiste na entrada da equipe de pesquisa no ambiente de investigação possibilita que o pesquisador integre o ambiente do fenômeno investigado. Assim, de acordo com Narvaz e Koller:

Cabe destacar como pontos fortes da teoria ecológica do desenvolvimento humano alguns aspectos, tais como: 1) a atenção ao contexto sociocultural, em especial a diferentes culturas e subculturas, incluindo-se aqui os aspectos de gênero, raça/etnia e nível socioeconômico, geralmente negligenciados em outros modelos; 2) a sensibilidade à diversidade e à pluralidade do desenvolvimento em diferentes culturas e em determinados períodos históricos; 3) a articulação entre vários níveis de análise, tanto em relação à teoria quanto à pesquisa; 4) a integração entre ciência teórica e empiricamente fundada, rompendo com a tradicional dicotomia encontrada em pesquisa; 5) a proposta da observação naturalística, com a operacionalização do importante conceito de validade ecológica; 6) a valorização da aprendizagem cotidiana que se dá através das interações face-a-face, características dos processos proximais como importantes ao desenvolvimento e 7) a integração dos aspectos políticos ao processo de pesquisa. (2004, p. 63).

Bronfenbrenner (2002) vem ao encontro das propostas dos educadores ambientais,

quando propõe a visão sistêmica, as interações dos organismos-ambientes, a busca de soluções para o equilíbrio ecológico da sociedade. A integração dos seres humanos com todas as suas dimensões físicas, culturais, sociais, está imbricada num paradigma epistemológico transformador, que supere o desumano modelo de desenvolvimento social e econômico vigente. Assim, corrobora Bronfenbrenner na construção de um contexto mais humano, com consciência individual, mas projetada ao pertencimento cultural e planetário.

1.4.1 Desenvolvimento humano e qualidade de vida

O desenvolvimento humano, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), considera que para aferir o avanço na qualidade de vida de uma população é preciso ir além do viés puramente econômico e considerar outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana. Mas, como medir o desenvolvimento humano? Para atender a esta necessidade, foi criado pelo PNUD o conceito de Desenvolvimento Humano e de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) criado em 1990 pelo PNUD é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. O objetivo da criação do IDH foi o de oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. Criado por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, o IDH pretende ser uma medida geral e, sintética, que apesar de ampliar a perspectiva sobre o desenvolvimento humano, não abrange nem esgota todos os aspectos de desenvolvimento.

O IDH é um índice de desenvolvimento humano que tem por centro das discussões, as pessoas. Refere-se às capacidades e oportunidades adequadas para que estes sujeitos possam fazer escolhas do que querem *ser* e como querem *viver*. Este processo de emancipação é a base fundamental do desenvolvimento humano proposto pelo PNUD. Serve de comparação entre os países, com objetivo de medir o grau de desenvolvimento econômico e a qualidade de vida oferecida à população.

Para que todos os cidadãos e cidadãs pudessem ser analisados, surgiu o IDHM que se inspira no IDH. O IDHM é um índice de Desenvolvimento Humano Municipal, composto pelo indicador esperança de vida ao nascer. Esse indicador mostra o número médio de anos que as pessoas viveriam a partir do nascimento, mantidos os mesmos padrões de mortalidade observados no ano de referência.

A proposta de desenvolvimento humano do PNUD pode ser mais bem entendida, conforme figura abaixo:

Figura 01. Proposta de desenvolvimento humano do PNUD



Fonte: http://atlasbrasil.org.br/2013/o_atlas/desenvolvimento_humano

Mas, quais seriam as características que afetam o desenvolvimento humano e de que forma influenciam na qualidade de vida? Para Bronfenbrenner (2002), em síntese, o desenvolvimento humano acontece nas relações entre um indivíduo em atividade com o seu contexto. Os seus níveis ecológicos constituem a direção da força do desenvolvimento humano, ou seja, as relações interativas entre pessoas e contextos e sua regulação adaptativa servem para beneficiar ambos. São as interações flexíveis entre ambiente e pessoa que acabam por definir a essência do ser humano, dentro do sistema de Bronfenbrenner (2002).

Assim sendo, Capra contribui ao escrever sobre o desenvolvimento humano quando aborda a inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos: físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais que integram as totalidades do sistema. Para o autor, a concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e de integração, como assim escreve:

A evolução humana, portanto, progride através de uma interação dos mundos interno e externo, dos indivíduos e das sociedades, da natureza e da cultura. Todos esses domínios são sistemas vivos em interação, apresentando modelos semelhantes de auto-organização. [...] (1998, p. 292).

A noção de desenvolvimento humano está imbricada na continuidade da evolução, em todas as fases da vida. Esta evolução não ocorre sempre linearmente e se reflete em diversos aspectos da vida social, cognitiva, física e afetiva. Na Psicologia do Desenvolvimento, temos perspectivas diversas. Na abordagem Sociointeracionista de Vygotsky, vê-se que o desenvolvimento se dá em relação de troca entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação, como assim escreve:

Nosso conceito de desenvolvimento implica a rejeição do ponto de vista comumente aceito de que o desenvolvimento cognitivo é o resultado de uma acumulação gradual de mudanças isoladas. Acreditamos que o desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra. [...]. (2007, p. 80).

Vê-se que o desenvolvimento humano não é determinado apenas por processos de maturação biológicos ou genéticos. O *meio* por onde evolui o indivíduo é um fator de máxima importância para que este evoluir contínuo se dê de forma qualitativa. A cultura, uma das grandes influências no desenvolvimento humano, além dos fatores biológicos e hereditários, contribui com o aprendizado e desenvolvimento, através das interações sociais. Estas interações entre desenvolvimento e aprendizagem que se estabelece num contexto cultural,

com aparato biológico e genético, são movidas por mecanismos de aprendizagem provocados por mediadores.

Assim, o prolongamento da vida e a necessidade de vivê-la mais intensamente e feliz, se constitui como essencial desde o nascimento até a finitude. Esta preparação ao longo dos ciclos vitais para o envelhecimento deve existir e é de suma importância para a busca de conforto, bem-estar e felicidade no desempenho das funções físicas, sociais, psíquicas e afetivas dentro da realidade familiar e social à qual se pertence.

1.4.2 A contribuição da Gerontologia no processo de envelhecimento

Dada a atual ênfase ao idoso, uma população socialmente importante e com relevância de estudos por diversas áreas do conhecimento, encontra-se a Gerontologia. Voltada para a longevidade e qualidade de vida do idoso a Gerontologia é uma ciência, cuja essência é fundamentalmente multi/interdisciplinar. A palavra Gerontologia é de origem grega onde significa o estudo da velhice.

O idoso deve ser considerado um agente ativo em seu desenvolvimento e deve buscar sua independência, dentro de suas possibilidades, para viver com mais satisfação e dignidade. Diante as problemáticas que o envelhecimento impõe, a Gerontologia vem a acrescentar uma conscientização maior sobre os processos de envelhecer, investigando as trajetórias biológicas, comportamentais e sociais dos indivíduos.

O fenômeno do crescimento da população idosa requer maior atenção à velhice, devendo ser este assunto abordado em todos os espaços. Informando que esta é uma etapa que dependerá muito do comportamento que se teve durante toda a vida, Zimerman assim escreve sobre a importância da Gerontologia:

A gerontologia estuda as mudanças que acompanham o processo de envelhecimento do ponto de vista físico, psicológico e sociológico, preocupando-se também com a adaptação do indivíduo às várias transformações que vão ocorrendo com a idade, as implicações da personalidade e da saúde mental nesse processo. Ou seja: a gerontologia tem como meta o bem-estar integral do idoso, com a participação de técnicos de diversas áreas, como assistentes sociais, fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, arquitetos, administradores, enfermeiros, entre outros. Esse trabalho multidisciplinar tem como objetivo resgatar o valor do

idoso, procurando integrá-lo na família e na sociedade e garanti-lhe uma melhor qualidade de vida. (2007, p. 15).

A atual transição demográfica se tornou um problema mundial de urgência, tanto em países desenvolvidos como ainda em desenvolvimento. Tornando-se a temática do envelhecimento pauta para discussões e reflexões em todas as especialidades. Pois, tratando-se do desenvolvimento humano, processo natural de todos os seres humanos, reflete em todos os sujeitos a busca para melhor entender este processo e assim, melhor vivenciá-lo.

O crescimento populacional das pessoas idosas quase sempre se dá de forma desigual e estigmatizado, principalmente no Brasil. Sabe-se que todos querem viver mais anos, mas ninguém gosta de pensar em ficar velho. Ainda mais quando se valoriza as pessoas pelo que elas têm materialmente ou como se apresentam fisicamente, o que é supervalorizado em nossa sociedade. Ser idoso é ter que viver e conviver com as fragilidades físicas e sociais imposta pelo tempo e pela cultura social a que se está inserida. Daí, afirma-se o quanto são importantes às políticas públicas efetivas e bem estruturadas que possam dar suporte ao bem-estar e a qualidade de vida ao idoso.

O envelhecimento atual no Brasil e no mundo permite com que os idosos possam participar e conviver mais no âmbito social. Mas será que estes idosos que estão conseguindo viver por mais tempo estão exercendo seus direitos, partilhando seus saberes e fazeres? Essa é a caminhada que a Gerontologia vem percorrendo em busca da inserção e da qualidade no desenvolvimento dos idosos. Cortê assim escreve quando fala sobre os direitos da população idosa no Brasil:

No Brasil, a luta pelos direitos dos idosos está sendo travada há mais de 30 anos. Ela se iniciou na sociedade civil que, durante anos, pressionou, e ainda o faz, o Estado para o reconhecimento das necessidades e dos direitos de sua população mais velha. Apesar das políticas oficiais evidenciadas, na condição de minoria sociológica nesse segmento, faltam, muitas vezes, espaços e interlocutores para a explicitação, o debate e a negociação de suas necessidades. (2009, p. 56).

O aumento da expectativa de vida é com certeza uma das maiores conquistas da humanidade. Porém, esse caminho conflituoso entre viver mais e ao mesmo tempo sentir-se improdutivo, requer a busca de um equilíbrio que possa dar continuidade ao desenvolvimento qualitativo na longevidade. Envelhecer é um processo complexo, por isso necessita de uma ciência ampla que se dedique a estudar o processo de envelhecimento nos seus aspectos biopsicossociais. Assim, a Gerontologia vem contribuindo com conhecimentos a que intervêm em favor do cuidado ao ser humano durante o envelhecer.

Para Santos (2003) a justificativa da existência da Gerontologia está relacionada ao aumento da expectativa de vida e a outros fatores que dão origem aos problemas demográficos e impactos sociais atuais. Acrescenta também, que foi na sociedade Ocidental no século XX que o cuidado com os idosos tornou-se uma especialidade. Tornando-se inicialmente como ciência, embora trabalhos precursores tenham sido realizados no século XIX. Na década de 30 a inglesa Marjorie Warren desenvolveu uma abordagem específica ao idoso, no controle de pacientes crônicos, em Londres. No século XX, o russo Metchinikoff apresentou um tratado onde correlacionava velhice a um tipo de autointoxicação e, nesse momento, referiu-se, pela primeira vez à palavra Gerontologia. Ainda nesse século, Nascher, geriatra americano, nascido em Viena, criou o termo Geriatria, um ramo da Medicina que trata das doenças que podem acometer os idosos. Mais tarde, foi criado o termo Gerontologia, como um ramo da ciência que se propõe a estudar o processo de envelhecimento em seus aspectos biopsicossociais e os múltiplos problemas que podem envolver o ser humano.

A Gerontologia visa compreender então, o processo de envelhecimento saudável em seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Objetivando a reabilitação e a promoção do idoso num contexto mais propício ao seu desenvolvimento, estendendo estes cuidados aos seus familiares/cuidadores. Planejando um atendimento qualificado e ético ao idoso, buscando recuperar multidisciplinarmente, suas potencialidades.

O que difere a Gerontologia da Geriatria baseia-se no conceito de que a Gerontologia é a ciência que estuda o processo de envelhecimento humano e as formas para promover uma melhor qualidade de vida, constituída por uma equipe de diferentes especialidades que complementam conhecimentos ao assunto. A Geriatria é a área médica que estuda e trata das doenças típicas das pessoas idosas, tais como: imobilidade, instabilidade, incontinência e outros. Se ocupando, essencialmente, dos problemas de saúde do idoso. Ambas buscam compreender melhor a velhice e todas as modificações decorrentes da idade, assim como, amenizar suas perdas.

Cachioni aborda a questão da Gerontologia quando assim escreve:

A gerontologia ocupa um lugar de destaque entre as várias disciplinas científicas, beneficiando-se e sendo beneficiada pelo intercâmbio de idéias e dados, num amplo campo de natureza multi e interdisciplinar, ancorado pela biologia e pela medicina, pelas ciências sociais e pela psicologia. Os estudos básicos da gerontologia têm sido aplicados a um número crescente de situações e áreas, quando o objetivo é o uso do conhecimento científico para a solução de problemas que afligem as pessoas e os grupos sociais. Por força das novas exigências sociais, ela comporta também numerosas interfaces

com áreas de aplicação e de prestação de serviços, principalmente a geriatria, a fisioterapia, a enfermagem, o serviço social, o direito, a psicologia clínica e a psicologia educacional, o que permite classificá-la também como campo multiprofissional (Neri, 2000). (2003, p. 19).

Construir uma trajetória de vida *para* e *na* velhice, requer principalmente, a consciência dos fatores hereditários, sociais, culturais e ambientais neste constructo e também, a interpretação subjetiva de cada indivíduo em relação à vida. Suas diversas posturas e escolhas durante a existência repercutem de forma a dificultar ou facilitar o processo de envelhecimento. Os significados que vão sendo atribuídos sobre a velhice, são adquiridos desde a infância e perduram pela existência. Diante disso, reforça-se a importância da trajetória vital para reduzir estigmas e assumir compromissos com o próprio envelhecimento, investindo em atitudes mais positivas e comportamentos mais saudáveis. Envelhecer não é um produto final e sim, um caminho com possibilidades de ser construído permanentemente.

1.5 A dimensão da Educação Ambiental sobre a questão da velhice

A Educação Ambiental, como perspectiva educativa, enfoca todas as relações entre a humanidade e o meio natural. Fundamenta-se basicamente na mudança de comportamentos e valores, propondo a noção de responsabilidade de cada indivíduo consigo e com o planeta. Reigota assim refere-se sobre a educação ambiental:

Consideramos então que, com esses princípios básicos, a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos e as cidadãs para exigir e construir uma sociedade com justiça social, cidadanias (nacional e planetária), autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza. (2009, p. 14).

A cooperação e o diálogo entre os indivíduos e instituições sem discriminações, objetivando melhor qualidade de vida, são algumas das propostas da Educação Ambiental. A construção dos valores sociais e competências devem atender a conservação do meio ambiente em suas complexas relações. Morin acrescenta que: “A compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana.” (2005, p. 101).

Diante disso, a Educação Ambiental busca a transformação social, a promoção da qualidade de vida das pessoas e a sua emancipação. Loureiro aborda essa questão sobre educação e emancipação quando assim escreve:

[...] Educar é emancipar. A ação emancipatória é o meio pelo qual podemos romper com a barbárie do padrão vigente de sociedade e de civilização. Emancipação e transformação social são elementos que explicitam não se tratar de uma Educação Ambiental genérica, de um conjunto de conceitos que servem indistintamente para qualquer atividade que se autodenomine como Educação Ambiental. (2012, p. 17).

A Educação Ambiental crítica, permite uma melhor compreensão dos complexos problemas ambientais planetários e urge na busca de mudanças no sistema. Por si só, não resolverá a crise ambiental, mas partindo de homens e mulheres com consciência local e global, atuantes em prol de possíveis soluções, transformarão a sociedade.

A Educação Ambiental deve estar presente em todos os espaços de forma criativa, dinâmica e permanente, integrando conhecimentos e busca de soluções para os problemas ambientais. Através da reforma do pensamento e comportamento, se darão melhores as relações econômicas e culturais entre a humanidade, natureza e entre os homens. Santos faz uma comparação entre a preservação do futuro de cada indivíduo e o futuro da sociedade ao qual fazemos parte e sugere:

Vocês viram essa coisa espantosa que é a discrepância entre o nosso futuro individual e o futuro de nossa sociedade. Sabemos que nosso futuro é limitado porque nossa vida é limitada; por isso, tanto quanto podemos, cuidamos de nossa saúde, de nossa alimentação; cuidamos de nosso futuro porque ele é limitado. Com a sociedade não ocorre o mesmo: não é necessário cuidar do futuro da sociedade porque ele é infinito. O que estou propondo é visarmos o futuro de nossas sociedades quase como se fosse nosso futuro pessoal. É preciso contrair o futuro e, ao mesmo tempo, ampliar o presente. É um procedimento epistemológico que, espero, possamos ver juntos como fazer. (2011, p. 26).

As exigências sociais, as novas tecnologias, levam os idosos a quererem superar suas dificuldades físicas e psicológicas para se sentirem integrados na sociedade. Envelhecer na contemporaneidade implica na elaboração de uma Educação Ambiental voltada para amenizar os conflitos, as frustrações decorrentes desse processo e atendê-los em suas necessidades. A importância dessa educação, não só para os profissionais que cuidarão dos seres humanos idosos, mas para os próprios idosos e para a sua família parece ser uma saída para trabalhar melhor os estigmas que a sociedade e o próprio idoso sentem em relação à velhice.

A educação para qualidade de vida na velhice é questão emergente na atualidade, pois se percebe demograficamente o crescimento da população idosa. Assim sendo, há necessidade de criação de novos modelos não só educacionais, mas também, econômicos, sociais e políticos que contribuam com a permanência ativa e mais saudável de uma geração

que ainda é vista como incapaz de acompanhar todas as mudanças tecnológicas ou então, “atrasada”.

Ver o idoso como ser integral, corpo e espírito é necessário para o começo de qualquer processo de ensino-aprendizagem para com eles. Respeitar com naturalidade tudo o que o idoso é e pode ser ainda, dá sentido para qualquer trabalho em benefício dessa população tão carente de significados no seu dia-a-dia.

Ost et al. escrevem a respeito dos conflitos da terceira idade:

Especificadamente com relação à velhice, esta etapa da vida está marcada pela oitava e última idade do desenvolvimento psicossocial do ser humano: a integridade do ego ou o desespero. Nessa fase, os adultos mais velhos, passam pelo processo de avaliação, resumo e concordância de suas vidas, para aceitar a aproximação com a morte. Aqueles que, ao fazerem esta análise, não encontram grandes motivos para orgulho pessoal e contentamento, tenderão ao desespero. O tempo passou, a morte está chegando, e nada mais de duradouro poderá ser iniciado. Erikson (1998) argumenta que a pessoa não deve chegar a esta fase com o tormento de que “deveria ter feito” mais ou “poderia ter sido” melhor. A certeza de que viveu uma vida produtiva trará uma maior aceitação na hora da morte, que se mostra adjacente. (2009, p. 189).

O processo de envelhecimento provoca no organismo modificações biopsicossociais; porém é na velhice que esse processo aparece de forma mais evidente. A percepção acerca do processo de envelhecer é de que o ser humano, rejeitando a morte como rejeita, recusando-a com todas as suas forças tende a rejeitar também a velhice; talvez por ser a fase da vida que mais se aproxima da morte, tornando a velhice um peso.

Pensar em como vai ser nosso próprio envelhecimento, é uma responsabilidade individual. Sabe-se que oportunizar-se conhecer, aprender e reaprender certos hábitos, é fundamental para manter ativa a memória e os movimentos corporais. Quem opta por reclamar o tempo todo e vive a lamentar o presente está perdendo uma bela oportunidade de viver novas experiências e reparar na continuidade da vida.

A velhice e o envelhecimento são temas que se apresentam cada vez mais presentes no cotidiano dos indivíduos, principalmente dos idosos. Uma velhice satisfatória, com qualidade e bem-estar não é apenas uma virtude pessoal, mas resultado de uma interação do indivíduo com o mundo e no mundo. Cachioni assim se refere:

[...] Por constituir um grupo social e não somente um grupo de idade, a marca social da velhice é estar em oposição à juventude, que é supervalorizada. Isso explica as tendências de, ao mesmo tempo, idealizar e depreciar a figura dos velhos; ora considerá-los como pessoas amáveis e

dóceis, ora como intransigentes e mal-humorados; às vezes como seres assexuados, outras como fogosos. Diz-se que os velhos perdem o interesse por novidades ou que sua capacidade de aprendizagem não mais existe. O velho pode ter tido como alguém generoso e desprendido, ou, ao contrário, como mesquinho e avarento. (2003, p.129).

Os psicólogos sinalizam diferenças visíveis entre o que é ser idoso e o que é ser velho. Velho na verdade é quem perdeu o sorriso, a jovialidade, a arte de sonhar e conquistar. O idoso, mesmo com o cansaço do passar dos anos, conserva em seu íntimo a alegria de viver, o bom humor, o seu amor verdadeiro pela vida, por si mesmo e pelas pessoas com as quais convive.

Os profissionais da área humana como: professores, psicólogos, psicopedagogos que trabalham com a educação e com o comportamento humano, podem e devem pensar nessa clientela com maior enfoque. Há muito que fazer, ou seja, não se pode mais pensar que os idosos não têm futuro. Deve-se sim, preparar encontros, atividades que permitam a inserção dessas pessoas com maior idade dentro de um contexto mais democrático, criativo e facilitador de novas oportunidades. Arruda e Laguna assim sugerem, quando escrevem:

Participar de grupos na maturidade é a melhor opção de ocupar o tempo livre, pois é no grupo que a pessoa, muitas vezes, aprende a ser útil a si mesma e à sociedade. Assim, a participação em grupos resgata no idoso seu direito de cidadão, privilegiando seus conhecimentos e oportunizando-lhe um espaço de convivência fraterna onde possam despertar capacidades adormecidas ou troca de aprendizados. Toda a situação grupal seja, em grupo grande ou pequeno, de arte terapia ou de lazer, de convivência ou ocupacional, é terapêutica; pois visam melhorar o desenvolvimento das relações interpessoais do sujeito criando uma dinâmica que tira a pessoa idosa do isolamento social ou a livra de uma ociosidade que prejudica sua saúde física e mental. (2009, p. 108).

Certo é que se torna necessário procurar novos objetivos, à medida que se atinge os anteriores. Isso faz parte da vida e é fundamental para quem se recusa a vegetar. Muitos escolhem a solidão, outros se dão mais uma chance. Sabe-se que as dificuldades existem e cabe a cada indivíduo superá-las. O importante é pensar positivo, acreditar no potencial que se tem e integrar-se aos grupos sociais, jamais isolar-se.

Entender a complexidade de viver é ampliar conhecimentos, é evoluir com as descobertas, é respeitar a condição humana. Quanto maior a complexidade, maiores são as incertezas, onde o exercício do saber fazer, da práxis, leva a constante renovação de atitude intelectual sobre ciência e sociedade. Nesse sentido, pode-se entender que o envelhecimento é um processo, onde a velhice é a última fase do processo humano de nascer, viver e morrer.

É evidente que toda trajetória vital percorrida pelo idoso é subjetiva e depende de condições ambientais. A sua constituição é baseada na hereditariedade, mas influenciada pelas relações e experiências vivenciadas durante a sua formação. Reconhece-se assim que o meio ambiente influencia no desenvolvimento de potencialidades, de aprendizagem contínua e de reflexões tão necessárias a todos os ciclos da vida. É importante ensinar as pessoas a enfrentarem positivamente sua terceira idade, não apenas nessa etapa, mas durante toda a vida.

A Educação Ambiental como educação política se preocupa com as relações societárias vigentes entre natureza, homens e humanidade. Não adianta existirem bons planejamentos para a terceira idade, se não houver ética nessas relações. Por isso, Reigota aponta como fundamental para a ruptura das relações vigentes, não só na sociedade brasileira, mas também na sociedade planetária, quando afirma o propósito da Educação Ambiental:

Ela busca estabelecer uma nova aliança entre a humanidade e a natureza, desenvolver uma nova razão que não seja sinônimo de autodestruição, exigindo o componente ético nas relações econômicas, políticas, sociais e pessoais. (2009, p. 97).

A Educação Ambiental está articulada com todas as questões socioambientais, na criação de espaços coletivos mais justos, na compreensão do mundo e suas complexidades. Busca contribuir na construção de novos padrões civilizatórios e societários diferentes do que se tem atualmente, baseado sempre numa ética ecológica. Compreender a vivência tão conflituosa dos idosos faz parte de um dos problemas ambientais que necessita de atenção e reparo por parte de todos os cidadãos e cidadãs do mundo. Assim como diz Loureiro: “[...] Somente podemos pretender um mundo novo se temos a convicção de que este pode ser construído pela ação consciente dos sujeitos [...]”. (2012, p. 129).

1.5.1 A tríade: Educação, Meio Ambiente e Envelhecimento Humano.

Entende-se por educação em sentido amplo, a apropriação de valores, costumes e hábitos que a sociedade vai construindo para melhor viver e conviver, transferindo os seus constructos para outras gerações. A educação vai se desenvolvendo através das experiências individuais e coletivas do cotidiano, permitindo o ajustamento cultural e social que determinada sociedade intenta ser. Portanto, a educação se dá também, fora dos muros da

escola, ou seja, o ato de educar e ser educado encontra-se intrínseco na humanidade e em suas relações.

A educação formal baseia-se no processo contínuo de formação curricular em instituições de ensino oficializadas podendo estas, serem públicas ou privadas. Dos princípios e fins da educação nacional, compreende-se, segundo a Lei nº 9.394/96 da LDB – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu art. 2º:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

No Brasil, de acordo com a Lei acima citada, a educação escolar compõe-se em dois níveis: Educação Básica (formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e, Educação Superior. Todos estes níveis de ensino têm por finalidade desenvolver pessoas capazes de progredir intelectualmente e humanamente, capacitando-os através da formação comum, a exercer sua cidadania de maneira crítica, ética e autônoma.

Freire refere-se sobre a importância da identidade cultural dos sujeitos na sociedade:

[...] Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*. (2000, p. 46).

Por tanto a educação é um princípio dinâmico de comunicação e de trocas de experiências e conhecimentos, não se limitando ao espaço formal de ensino para existir, porém, dele depende e muito para progredir. Segundo Arroyo há algumas contradições entre a educação institucionalizada que se apresenta atualmente e, o que ela deveria ser, quando assim argumenta:

Educar como adestramento, como moralização para termos um povo ordeiro e trabalhadores submissos. Esta visão da educação é bastante divulgada. A escola, o ensino, o aprender as letras lembram processos sociais menos conformadores, mas libertadores. Desencontros que têm marcado a visão da educação e da escola e a auto-imagem de seus profissionais. Nos vemos mais como docentes do que como educadores e vemos a escola como tempo de ensino, mais do que como tempo de educação. (2008, p. 50).

Para que as instituições de ensino se tornem espaços de emancipação de sujeitos e não reprodutores de conhecimentos, se torna necessário redefinir as funções sociais, políticas e culturais da escola em prol dos projetos de sociedade e de seres humanos que se quer educar. Saber a intencionalidade da educação é um requisito básico para começar a pensar sobre ela e assim, modificá-la. A recuperação dos centros formais de ensino em espaços de vivências contextualizadas se faz necessário para dar sustentabilidade ao propósito tão importante que é educar para o conhecimento epistemológico.

A ação de instigar constantemente a curiosidade e a criatividade no educando e não domesticá-lo com saberes prontos, é um dos deveres da escola. Desde o início na educação infantil, o exercício da criticidade e da criatividade deve ser trabalhado de forma a emancipar os sujeitos. Torná-los mais autônomos e participativos, requer investimentos em profissionais capacitados e comprometidos com a educação, mas também com a humana docência que se refere Arroyo: “[...] Aprendi, aprendemos que educar é revelar saberes, significados, mas antes de mais nada revelar-nos como docentes educadores em nossa condição humana. É nosso ofício. É nossa humana docência.” (2008, p. 67).

Sabendo disso, questiona-se: Que influências o meio ambiente exerce sobre as questões educacionais? O que é Meio Ambiente? Para melhor compreender o que é meio ambiente, apoia-se na definição de Dias quando assim escreve:

O meio ambiente, ou simplesmente ambiente, não é formado apenas pela flora e fauna, água, solo e ar, como era tradicionalmente definido. Hoje, as atividades dos seres humanos sobre a Terra produzem tantas influências, que a sua **cultura** faz parte da definição de **meio ambiente**. Muitos danos ambientais são causados por decisões políticas e econômicas erradas. Assim, para serem compreendidas, as questões ambientais não podem ficar restritas à ecologia. Faz-se necessário considerar os aspectos políticos, éticos, econômicos, sociais, ecológicos, culturais e outros para que se obtenha uma visão global do problema e das suas alternativas de soluções. (2004, p. 07).

Sendo o meio ambiente constituído por fatores abióticos (ar, água, energia, solo etc.), fatores bióticos (flora e fauna) e ainda pela cultura humana (composta por seus valores e paradigmas), todos somos responsáveis por sua preservação e sustentabilidade. No Brasil, o modelo de sociedade capitalista existente produz as desigualdades sociais. Uma grande parte da população carece de recursos financeiros e materiais para sobreviver e, uma menor parte dispõe de excedentes que levam ao consumismo desenfreado. Este aumento no consumo de bens materiais eleva o aumento da produção e da pressão sobre os recursos naturais, ocasionando sérios problemas ambientais.

Ainda buscando clarificar o entendimento sobre o que é meio ambiente, apoia-se em Reigota quando assim se refere ao termo:

Defino meio ambiente como: um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processo de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (2009, p. 36).

A visão da natureza como propriedade de exploração do homem já não pode mais ser aceita, visto que o ser humano faz parte dela. É através do encontro entre ambiente e relações humanas que a sociedade se constitui, produzindo suas escolhas de como ser e viver. Estreitar os caminhos para uma boa convivência entre seres humanos e natureza, diminuiria consideravelmente os problemas socioambientais. A busca por novas relações de reciprocidade entre homem e natureza se torna essencial para a construção de uma cidadania ambientalmente sustentável.

Diante a tantas crises ambientais na atual sociedade, o envelhecimento humano se faz presente e requer atenção. Seus aspectos envolvem tanto as questões educacionais como ambientais. Não se pode pensar em envelhecer atualmente, sem considerar todos os fatores que perpassam pela longevidade. Fatores que interferem no prolongamento da vida e que também, geram impactos ao meio ambiente.

Considerando a educação como processo que se desenvolve em todos os lugares e o meio ambiente como as relações sociais e naturais que ocorrem em um determinado lugar, o tema envelhecimento humano se faz intrínseco a estes contextos. Cada vez mais se vê o aumento do número de idosos e diante disto, deve-se começar a preparar com antecedência o caminho a ser percorrido para envelhecer com mais saúde e disposição de viver.

Neste sentido, Junior corrobora quando escreve sobre a importância do planejamento da velhice, principalmente quando ainda se é jovem e dentro do contexto escolar:

[...] Concordamos com aqueles que sugerem que uma verdadeira preparação para um envelhecimento saudável começa na escola e que durante nossa vida como um todo fomos pouco ou muito pouco preparados para conviver com o processo do envelhecimento [...]. (2010, p. 12).

Diante a esta afirmativa, reconhece-se a influência da escola nesta construção e a sua indispensabilidade para começar a preparar crianças e jovens para um envelhecer mais saudável e feliz. Diminuir os estigmas e preconceitos, valorizar mais os idosos, compreender como se dá o envelhecimento biológico, suas mudanças físicas e psicológicas são de extrema

importância para reverter o quadro de exclusão que a maioria dos idosos ainda sofre. Acreditar no ser humano até o final da vida é ainda um grande desafio a vencer, porém necessário aos novos tempos.

Inserir conteúdos voltados à temática do envelhecimento humano se faz necessário. Não somente na teoria da legislação vigente, mas na prática da sala de aula como forma de combater preconceitos e sensibilizar as novas gerações para o assunto em questão. Dialogar na escola sobre os estereótipos positivos e negativos do envelhecimento na atualidade e principalmente, verificar se há um projeto de vida para se viver melhor a velhice são questões pertinentes se há intenção de transformar esse processo em algo mais natural e menos sofrido.

Desconstruir os estigmas causados pelo envelhecimento não é algo fácil de conseguir, mas pode ser iniciado dentro das escolas com ações educacionais que levem a reflexão sobre estas questões. A escola como meio ambiente propício para o exercício do pensamento crítico e reflexivo deve ser utilizada como espaço de criação. Deve preparar para o convívio intergeracional, assim oportunizando relações de respeito mútuo, ética e afeto entre as diferentes gerações.

Para Todaro a escola, enquanto instituição social tem fundamental importância ao inserir o assunto sobre a velhice entre os conteúdos, como assim expõe:

[...] Por isso, é preciso reinventar convívios, transformando a cultura do preconceito na cultura do respeito à diversidade etária, de gênero e de classe social. Na escola, essa reinvenção de convívios pode ocorrer de maneira formal, por meio da inserção do tema velhice entre os conteúdos. Engana-se quem pensa que somente o currículo ensina. As crianças, desde muito pequenas, vivem em um ambiente intergeracional natural, do que fazem parte pais, avós, irmãos mais velhos e outros adultos. (2009, p. 15).

Educar crianças e jovens para que possam estabelecer melhores convivências e atitudes em relação aos idosos, fazendo-os se projetar num futuro próximo no lugar daqueles que são mais velhos, torna-se um compromisso inadiável das instituições escolares. Este compromisso visa a tornar homens e mulheres em cidadãos e cidadãs mais solidários e atuantes na sociedade. Desenvolvendo ações que resgatem mudanças no comportamento dos indivíduos para melhor viver e incluir este segmento etário nas questões políticas e sociais do cotidiano.

1.5.2 Aprendizagem e construção da velhice pelo viés da Educação Ambiental

Partindo dos paradigmas preconceituosos que estigmatizam os idosos, é necessária uma transformação cultural nos diversos contextos sociais, para superação desses estigmas que o envelhecimento produz. Esta proposta de pesquisa pretende ir ao encontro de muitas reflexões e debates em prol da conscientização de homens e mulheres sobre a responsabilidade individual e coletiva de aprender a planejar e construir o envelhecimento.

Porto escreve algumas considerações atuais da sociedade sobre o adulto velho:

A velhice, em nível macrossistêmico, configura-se como sinônimo de alienação, marginalização, esquecimento, negação de participação no patrimônio social e cultural do povo. É difícil avaliar o sentimento que invade o idoso ao se perceber como um ser humano desconsiderado e desvalorizado por uma sociedade que ele ajudou a construir. [...] (2009, p. 189-207).

Considerando essa realidade como questão emergente de mudança, a presente pesquisa buscou aprofundar os conceitos que se tem de *velho*, *velhice* e *envelhecimento* e entender melhor o porquê de tanta desvalorização, procurando minimizar os seus reflexos quando impõe através de uma nova cultura o respeito humano nas relações com os idosos.

Tem como base a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), de Urie Bronfenbrenner (2002) onde fundamenta que a integração de ambientes diversificados, desde o mais imediato ao mais remoto, influenciam no processo desenvolvimental durante toda a vida. Fica indissociável a questão da influência do ambiente no processo evolutivo do ser humano e das perspectivas que para ele se apresentam no decorrer de sua existência.

Diante a todas estas questões é importante pensar com maior responsabilidade sobre todas as fases da vida, principalmente, a velhice. Por ser a última fase do ciclo vital, com muitos declínios e perdas, por se aproximar da morte, merece ser vivenciada com menos pesar e melhor aceitação e realização. Aproveitando ao máximo todas as oportunidades e respeitando sempre os ritmos que são particulares de cada um.

Luta-se em favor dos idosos quando se oportuniza a eles novas competências, motivando-os assim a elevar sua autoestima. Cachioni aborda a questão do envelhecimento quando se refere: “Conhecimentos e crenças sobre a velhice têm um papel fundamental na determinação da maneira pela qual as pessoas entendem e lidam com a velhice e o processo

de envelhecimento [...]”. (2003, p. 218).

Para que se possa realizar a educação ambiental alicerçada na busca de uma transformação de valores, em prol da superação dos conflitos sociais é necessário estar disposto a ensinar e aprender, posicionando-se politicamente e ultrapassando da consciência alienada para uma consciência crítica capaz de revolucionar a humanidade.

Importante, então, compreender o complexo mecanismo que envolve as relações humanas, considerar suas trajetórias, seus processos históricos, seus contextos, objetivando com isso minimizar os impactos negativos causados pelo envelhecimento. Criando uma nova mentalidade social voltada para essa população que está “vivendo” mais, ou melhor, “sobrevivendo”, graças à ciência e a tecnologia, mas que ainda não aprendeu a planejar o curso do seu envelhecimento. É preciso haver mais investimento social, educativo e político nestas questões, tornando a sociedade mais receptiva e preparada para conviver num país que caminha velozmente a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido.

Esta pesquisa faz o convite a tornarmos-nos instrumentos de transformações quanto educadores ambientais, aumentando a responsabilidade individual e coletiva de todos os sujeitos acerca dos acontecimentos que envolvem o meio ambiente. Contribuindo para novas descobertas teóricas e empíricas sobre o desenvolvimento humano e seu poder de superação diante aos desafios do mundo moderno.

Loureiro argumenta com muita propriedade as características da Educação Ambiental Emancipatória quando aborda:

A Educação Ambiental Emancipatória se conjuga a partir de uma matriz que compreende a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na criação de espaços coletivos de estabelecimento das regras de convívio social, na superação das formas de dominação capitalistas, na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade. Como práxis social que contribui no processo de construção de uma sociedade pautada por novos padrões civilizatórios e societários distintos dos atuais, na qual a sustentabilidade da vida, a atuação política consciente e a construção de uma ética que se afirme como ecológica sejam seu cerne. [...] (2012, p. 17).

A conexão da Educação Ambiental e o idoso encontram-se no interesse em comum de buscar mecanismos que minimizem a opressão e a discriminação sobre aqueles que vivenciam a velhice. Oferecendo aos mais jovens a oportunidade de projetar uma nova sociedade, mais democrática e mais tolerante para lidar com as questões do desenvolvimento humano, principalmente com o envelhecimento. Bosi a esta reflexão faz uma indagação e

responde com muita convicção: “[...] Como deveria ser uma sociedade para que na velhice um homem permaneça um homem?” A resposta é radical: “[...] seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como um homem. [...]” (2007, p.20).

Freire acrescenta ao assunto quando relaciona a educação como mecanismo de libertação, e assim escreve:

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se chamam e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência. (1999, p. 53).

Faz-se urgente as mudanças de comportamento e valores entre sociedade e humanidade, em particular no trato com o idoso. Essa possibilidade se torna viável através da educação. Uma educação libertadora como Freire (1999) assim se refere, que supere a contradição entre opressores e oprimidos. Realidade que se torna possível quando há comprometimento de todos os indivíduos e profissionais que trabalham com o comportamento humano. Quando estes na pluralidade de seus saberes se propõem a atender as necessidades da população idosa, ajudando-os a rever o seu próprio envelhecimento e à população mais jovem a pensar em novos conceitos sobre a velhice.

2 Estudo principal

2.1 Questão de pesquisa

É possível, por meio do ensino formal, investir na educação de crianças através de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento e assim, auxiliar os indivíduos e sociedade a diminuir os preconceitos acerca dos idosos e envelhecer melhor?

2.2 Objetivos

2.2.1 Geral

Investigar de que forma o contexto das instituições de ensino da rede pública e privada, podem contribuir para a desconstrução dos estereótipos negativos associadas à velhice, despertando nos educandos o entendimento sobre o processo de envelhecimento humano e preparando-os para conceber de forma natural essa etapa da vida.

2.2.2 Específicos

- Identificar se há concepções e práticas de ensino em torno do tema ‘envelhecimento’ nas escolas da rede pública e privada que contribuam para minimizar os preconceitos em torno dos idosos e que corroborem para a produção de conhecimentos sobre o assunto em questão;
- Verificar que ações são desenvolvidas nas escolas no sentido de favorecer a formação de valores, hábitos e atitudes entre as gerações, de modo que essa etapa do curso da vida seja vista com mais dignidade e com maior responsabilidade de todos os cidadãos;
- Observar no cotidiano da escola quais as concepções dos alunos e professores acerca do processo de envelhecimento, promovendo através de ações educacionais, reflexões sobre a importância de desenvolver um projeto ao longo da vida para melhor envelhecer.

2.3 Metodologia

2.3.1 Participantes

Para a realização desta pesquisa, foram analisadas três turmas dos anos iniciais do ensino fundamental de três escolas distintas. Sendo que duas escolas foram da rede pública: uma municipal e uma estadual e, a outra escola da rede privada, todas na cidade do Rio Grande/RS. Antes de dar início a inserção ecológica nas instituições, estimou-se uma totalidade máxima de setenta sujeitos a serem analisados, entre discentes e docentes. Porém, o número total de sujeitos pesquisados foi de cinquenta e quatro: quarenta e oito discentes, três professoras e três coordenadoras pedagógicas.

Esta pesquisa não teve a intenção de divulgar os nomes das instituições escolares envolvidas e nem tão pouco dos professores e alunos. Assim, os nomes das escolas (locais de pesquisa) não foram divulgados e sim, nomeados por suas redes de ensino (Municipal Estadual e Privada). Os dados originais, por medida de segurança, ficaram de posse da pesquisadora e sua orientadora.

Com as professoras das turmas disponibilizadas pela direção de cada escola e as coordenadoras pedagógicas que aceitaram participar desta pesquisa, foi realizada uma entrevista semiestruturada, conforme modelo, em anexo, a esta tese. Aos alunos não foram realizadas entrevistas e sim, atividades pedagógicas como: desenhos, leituras, escritas e outros recursos didáticos que apuraram os conhecimentos destes sobre o envelhecimento. Não foi utilizada imagem individual ou coletiva dos participantes e nem das instituições e sim, algumas imagens das atividades pedagógicas realizadas pelos alunos, sem identificação dos mesmos.

Os critérios de inclusão e exclusão desta pesquisa para os discentes, respeitou a idade de ingresso nos anos iniciais do ensino fundamental (6 anos) no primeiro ano até o quinto ano (por volta dos 10/11 anos de idade). Foi respeitada esta faixa etária e este ciclo educacional, sendo eleitas as turmas conforme disponibilidade e interesse das escolas. Não houve critérios de inclusão e exclusão para os docentes.

Atendendo aos critérios para suspender ou encerrar a pesquisa foram respeitadas as decisões por continuar ou interromper a qualquer momento a participação dos sujeitos envolvidos, seja por sua livre iniciativa ou por algum risco ou dano físico, emocional, moral que porventura pudesse ter ocorrido devido a esta pesquisa e que não foi previsto no termo de

consentimento. Sendo sempre informados ao Comitê de Ética em Pesquisa todos os fatos adversos ou relevantes que pudessem alterar o curso normal deste estudo.

2.3.2 Pesquisa-ação

A elaboração de um projeto de pesquisa, segundo Deslandes é um trabalho artesanal e de produção intelectual intensa; de articulações de conhecimentos e tecnologias, rumo à abstração da realidade empírica. Como assim refere-se:

Um projeto de pesquisa constitui a síntese de múltiplos esforços intelectuais que se contrapõem e se complementam: de abstração teórico-conceitual e de conexão com a realidade empírica, de exaustividade e síntese, de inclusões e recortes, e, sobretudo, de rigor e criatividade. Um projeto é fruto do trabalho vivo do pesquisador. Para isso, ele vai precisar articular informações e conhecimentos disponíveis (um amplo conjunto de saberes e técnicas), usar certas tecnologias (o uso de internet ou de certos programas, por ex.), empregar sua imaginação e emprestar seu corpo ao esforço de realizar a tarefa. [...] (2009, p. 31).

Os aspectos metodológicos são fundamentais na apresentação do projeto, pois mostram brevemente o delineamento da pesquisa de campo e as bases epistemológicas que serão alicerçadas as questões de pesquisa. Além disso, busca identificar os instrumentos e procedimentos que serão utilizados para coleta de dados e as formas de análise que serão utilizadas. Sobre a importância de definir a metodologia num projeto de pesquisa, Deslandes assim alerta:

A definição da metodologia requer dedicação e cuidado do pesquisador. Mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetivos de estudo. (2009, p. 46).

Para que se faça uma avaliação precisa da realidade é preciso além de conhecer as técnicas e saber operá-las, ter capacidade de compreensão e saber descrever o foco de estudo. Devem-se considerar sempre os fenômenos sociais, a historicidade dos fatos vinculados à pesquisa e os ambientes macrossistêmicos. Thiollent acrescenta a este assunto:

Além do controle dos métodos e técnicas, o papel da metodologia consiste em orientar o pesquisador na estrutura da pesquisa: com que tipo de raciocínio trabalhar? Qual o papel das hipóteses? Como chegar a uma certeza maior na elaboração dos resultados e interpretações? [...] (2011, p. 33).

Esta pesquisa social de base qualitativa foi orientada de acordo com o método da pesquisa-ação, bem como do referencial teórico da Abordagem Biológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Bronfenbrenner (2002). Foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, análise de documentos e atividades pedagógicas como representações por desenhos individuais e em grupos, diário de campo, observações dos participantes e outros. Para Chizotti as pesquisas ativas estão reunidas sob dois títulos: pesquisa-ação e/ou pesquisa intervenção e pesquisa participativa. Conceitualizando assim as pesquisas ativas quando escreve:

As pesquisas ativas, de modo geral, visam auxiliar a promoção de algum tipo de mudança desejada; pressupõem uma tomada de consciência, tanto dos investigados como dos investigadores dos problemas próprios e dos fatos que os determinam para estabelecer os objetivos e as condições da pesquisa, formulando os meios de superá-los. (2008, p. 77).

A pesquisa-ação não é uma metodologia e sim um método ou uma estratégia de pesquisa social, onde estabelece formas de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente e coletivamente. Os participantes acabam por desempenhar um papel ativo, modificando o meio, através de sua participação, transformando uma situação atual numa outra situação esperada.

Esse método de pesquisa tem por objetivo, contribuir para o melhor equacionamento do problema teórico em questão, como assim escreve Thiollent:

Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (2011, p. 22).

Para Tripp a pesquisa-ação é uma forma distinta de investigação-ação e, é por ele definida, como uma tentativa contínua, metódica e empiricamente fundamentada na tentativa de aperfeiçoar a prática. Para uma melhor compreensão sobre a pesquisa-ação, assim a descreve:

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (2005, p. 445).

Neste sentido, intentou-se buscar alternativas, através da estratégia metodológica da pesquisa-ação, que viabilizasse um processo educativo ao ser humano, onde a aprendizagem e construção da velhice pudessem ser projetadas com mais estímulos. O aumento da expectativa de vida dos idosos, não pode ser uma conquista apenas cronológica e sim, uma oportunidade de saber-fazer desse momento um acréscimo de experiências positivas.

2.3.3 Instrumentos

Os materiais submetidos à análise tiveram sua origem em entrevistas semiestruturadas com o corpo docente e pedagógico das escolas, atividades pedagógicas com as crianças, diário de campo, observação dos participantes e outras fontes de informação que levantaram dados sobre as instituições.

2.3.3.1 Entrevista Semiestruturada

Entre as diversas formas de abordagem técnica do trabalho de campo, conforme Minayo (2009) as entrevistas semiestruturadas caracterizam-se pela utilização de perguntas às vezes dirigidas e outras não, oportunizando a flexibilidade na comunicação e tentando evitar respostas induzidas.

A entrevista foi entregue impressa ao corpo docente (professoras e coordenadoras pedagógicas) para que pudessem responder por escrito. Foi proporcionado o tempo necessário (uma semana) para que as participantes refletissem com calma sobre as questões e respondessem com segurança a cada item. Depois de devolvidas, foi indagado a cada participante se houve algum desconforto ou dificuldade para responder o questionário. Todas as participantes afirmaram que responderam ao questionário com tranquilidade.

2.3.3.2 Observação Participante

A utilização da técnica observação participante nesta pesquisa, tem como pressuposto, complementar os dados obtidos nas entrevistas. Na aproximação do contexto que se dá face a face entre o pesquisador e o objeto a ser pesquisado, esta técnica permitiu uma maior riqueza de detalhes não observáveis nas entrevistas.

A este respeito, assim refere-se Minayo:

Definimos *observação participante* como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente. (2009, p. 70).

Foram relatadas junto ao diário de campo, em anexo a esta tese, as observações dos participantes, realizadas dentro dos ambientes pesquisados, com os critérios e indicadores pertinentes que atendiam aos objetivos desta pesquisa. Oportunizando assim, através das entrevistas, da observação participante e do diário de campo a busca da compreensão dos fatos reais contidos na fala e no comportamento dos atores sociais pesquisados.

2.3.3.3 Diário de Campo

O Diário de Campo, segundo Minayo (2009), é um instrumento ao qual se recorre na pesquisa qualitativa com o objetivo de registrar as informações obtidas desde o início do trabalho de campo. Nele podem-se anotar sentimentos, questões, observações pessoais em diversos momentos da pesquisa, o que reafirma a importância da sua utilização. Para melhor compreender, Minayo assim escreve:

O principal instrumento de trabalho de observação é o chamado *diário de campo*, que nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades. Respondendo a uma pergunta frequente, as informações escritas no *diário de campo* devem ser utilizadas pelo pesquisador quando vai fazer análise qualitativa. (2009, p. 71).

2.3.3.4 Outros Registros

Foi utilizado o registro fotográfico de parte do material coletado, que para Minayo (2009) esses registros ampliam o conhecimento do estudo porque proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado. Não tendo a intenção de registrar visualmente as instituições e os participantes, as imagens utilizadas foram apenas de algumas das atividades pedagógicas dos alunos, sem identificações.

Através da utilização das entrevistas, da observação participante, do diário de campo, dos registros visuais e outras informações, buscou-se compreender melhor os aspectos rotineiros, os conflitos e as expectativas geradas nos contextos pesquisados.

2.3.4 Procedimentos

2.3.4.1 Coleta de Dados

Recorrendo aos instrumentos que foram utilizados nesta pesquisa e diante a variedade de estratégias e técnicas para se coletar dados, toda e qualquer informação foi atentamente coletada e registrada. Inicialmente, após aprovação do projeto de tese pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde - CEPAS/FURG, conforme Parecer nº 49/2015 em 25/05/2015 (APÊNDICE 09), foram contatadas as instituições de ensino e solicitadas autorizações da direção escolar para então, iniciar a coleta propriamente dita. Os dados coletados foram analisados através da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano – TBDH de Urie Bronfenbrenner (2002).

Em cumprimento às etapas metodológicas, foi iniciada a inserção ecológica nas escolas, observando os sujeitos e identificando quais os melhores procedimentos para aplicação deste estudo. A escolha das três turmas para a realização desta pesquisa foi eleita pela direção das escolas e não pela pesquisadora.

No primeiro momento, foi apresentada uma breve explicação sobre os procedimentos metodológicos às professoras e coordenadoras pedagógicas das turmas destinadas. Após, as mesmas, individualmente, responderam por escrito um questionário com perguntas semiestruturadas que permitiu um panorama dos conceitos subjetivos que cada uma tem sobre o processo de envelhecimento. Incluídas nestas questões da entrevista estavam

implicadas também, as questões educacionais, ou seja, a relevância desta temática em sala de aula e a existência ou não de sua aplicabilidade no cotidiano escolar. As inserções foram desenvolvidas em *mesotempo*¹ através de um encontro semanal em cada escola, concomitantemente. Foram dois encontros com os docentes (professoras e coordenadoras) de cada escola para preenchimento dos TCLEs e realização das entrevistas e, cinco encontros com os discentes para aplicação das atividades pedagógicas, totalizando sete encontros/semanas com as três instituições de ensino.

No segundo momento foram coletados conceitos dos alunos sobre o que é ser idoso, como os veem e se pensam como será o seu próprio envelhecimento. Através da solicitação de desenhos (individuais e em grupos); de trabalhos de pesquisa; de leitura e interpretação de textos que exploraram o assunto envelhecimento, foram convidados à refletir sobre como vive hoje esta população. Ao mesmo tempo, buscou-se uma aproximação com seus idosos, estimulando-os a conhecê-los um pouco mais. Neste estágio de coleta junto aos educandos, priorizou-se realmente saber o que cada aluno tinha como referencial de idoso e a partir disso, interagir com os mesmos sugerindo maior aproximação entre as gerações.

No terceiro momento, tendo em mãos os conceitos dos alunos sobre o envelhecimento, intentou-se aproximá-los ainda mais sobre o tema da pesquisa. Oportunizando a criação e construção de cartazes por eles que registrassem como os idosos são tratados e o que precisa ser mudado para respeitá-los e incluí-los na sociedade; através do estudo dos principais artigos do Estatuto do Idoso, apresentando esta lei como amparo para que os direitos dos idosos sejam respeitados; traçando um paralelo do tempo dos seus avós/avôs para o tempo atual, visualizando as mudanças ocorrentes neste período e; conscientizando-os de que é necessário um planejamento saudável quando ainda se é jovem para um envelhecer melhor. Estas atividades permitiram uma reflexão aprofundada e, possivelmente, uma modificação nessas crianças no seu pensar e agir para com os mais velhos.

¹ O Tempo: permite examinar a influência das mudanças e acontecimentos ao longo do ciclo da vida sobre o desenvolvimento humano. No Modelo Bioecológico, este elemento é analisado em três níveis. *Microtempo*, *Mesotempo* e *Macrotempo*. O *Microtempo* refere-se à continuidade e à descontinuidade dos processos proximais observados dentro de pequenos episódios; o *Mesotempo* refere-se à periodicidade dos episódios de processo proximal através de intervalos maiores de tempo, sendo que os efeitos cumulativos podem produzir resultados significativos no desenvolvimento e o *Macrotempo* refere-se às expectativas e os eventos em mudança dentro da sociedade através de gerações e como estes eventos afetam e podem ser afetados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano dentro do ciclo de vida. (Bronfenbrenner, 2002).

3 Análise e Discussão dos Dados com base na TBDH

A utilização da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Bronfenbrenner (2002) como suporte para análise e discussão dos dados nesta tese de doutorado, justifica-se pela convicção de que pessoas em desenvolvimento são influenciadas por seus diversos contextos ao longo do curso da vida. Compreendendo o homem e o ambiente como interlocutores que se complementam e dialogam, modificando e sendo modificados através de suas ações, buscou-se no ambiente institucional despertar o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das crianças para com os idosos.

Em todas as fases da pesquisa foram analisadas as interações dos quatro núcleos inter-relacionados propostos pela TBDH (2002): *o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo*, assim como os quatro níveis ambientais: *microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema* dos alunos, professores e coordenadores pedagógicos. Através das estratégias da pesquisa-ação bem como da teoria referenciada, se complementou a análise que verificou que o contexto do ensino formal pode sim, colaborar na educação de crianças para um melhor envelhecer. Sendo assim, estas duas formas de estudo trouxeram significativas contribuições para a aprendizagem das crianças sobre o tema e melhores condutas sociais para se conviver com os mais velhos.

No componente – *pessoa* – foram consideradas algumas características dos sujeitos participantes, como: idade, gênero, religião, grau de escolaridade e local de origem. No componente – *processo* – foram analisados como cada pessoa avalia suas próprias experiências em relação aos idosos e como os percebem na sociedade atual. No elemento – *contexto* – foram avaliados os ambientes que os participantes se desenvolveram e as contribuições que tiveram em seus desenvolvimentos com as questões sobre o envelhecimento. Como último elemento – *tempo* – permitiu caracterizar as transições ecológicas dos sujeitos, os eventos que constituíram a sua história de vida e os reflexos positivos ou negativos em seus desenvolvimentos.

A inserção ecológica permite uma maneira singular de análise das interações entre as pessoas e seus contextos, oportunizando uma compreensão extensiva às características da pessoa, incluindo também as características do ambiente em que esta vive. Nesta concepção sistêmica do modelo teórico de Bronfenbrenner (2002), intentou-se compreender o

desenvolvimento humano não de forma isolada, mas numa relação direta com fatores sociais e ambientais, num processo contínuo, contextualizado e coerente.

As escolas como ambientes *mesossistêmicos* tornam todos os papéis exercidos pelas pessoas integradas nas instituições, relevantes, influenciados e influenciáveis para o desenvolvimento dos que ali convivem, advindas estas influências das inter-relações entre os microsistemas. Os ambientes que não envolvem diretamente a pessoa em desenvolvimento, mas que de alguma forma afeta o ambiente onde está inserida – *exossistema* -, também foi considerado nesta análise. E por fim, todos os valores culturais, crenças, situações sociais e acontecimentos históricos que afetam os outros sistemas ecológicos chamado de *macrossistema*.

Os pressupostos da Educação Ambiental que estão alicerçados neste estudo preocupam-se com o futuro da sociedade e com a qualidade de vida das presentes e futuras gerações. Como proposta educativa, a Educação Ambiental dialoga por diversos campos de saberes e permite reflexões que busquem superações de conflitos entre natureza e sociedade. Na área educacional, se torna cada vez mais relevante conectar o currículo escolar com a consolidação de um meio ambiente mais digno e ético. As instituições de ensino são pilares importantes que auxiliam na sustentação da sociedade e devem intervir para aprofundar perspectivas ambientais em prol do desenvolvimento humano.

A exposição dos fundamentos teóricos desta tese apresenta relevância na Educação Ambiental, nos estudos com o envelhecimento humano e no contexto do ensino formal para superação das atitudes e valores para com os idosos na atual sociedade. Buscou-se, através da pesquisa-ação e da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TDBH), compreender de forma mais abrangente as influências que o sistema educacional oferece para a perpetuação da desvalorização dos idosos ou de possíveis propostas de (re)educação que auxilie na superação do paradigma ecológico sustentado pela sociedade capitalista.

Abaixo, serão apresentados alguns dados dos perfis institucionais das três escolas pesquisadas, assim como, as entrevistas com as professoras e coordenadoras pedagógicas das referidas instituições.

3.1 Análise dos perfis institucionais e das entrevistas com o corpo docente

A partir da inserção ecológica da pesquisadora nas instituições foi feito o convite às coordenadoras pedagógicas e professoras das respectivas turmas para participarem deste estudo. Após a concordância dos referidos docentes, foi informado a eles, a existência do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 03) com as informações sobre a pesquisa e a necessária assinatura dos docentes, coordenadores e pesquisadora. Assim como, a assinatura dos pais e/ou responsáveis dos alunos num TCLE (APÊNDICE 05) específico a eles, autorizando os alunos menores de idade, a participarem das atividades pedagógicas. Após a referida autorização foi apresentado o TALE – Termo de Assentimento Livre Esclarecido (APÊNDICE 04) para o consentimento das crianças nesta pesquisa.

O Modelo Bioecológico, através da sua observação naturalística, envolve uma série de integrações na qual permite ao pesquisador compreender a realidade estudada. A inserção ecológica que consiste na entrada da equipe de pesquisa no ambiente de investigação possibilita que o pesquisador integre o ambiente do fenômeno investigado. Pode-se entender melhor a conceitualização da teoria de Bronfenbrenner quando assim por ele é definida:

A pesquisa ecológica, as propriedades da pessoa e do meio ambiente, a estrutura dos cenários ambientais e os processos ocorrendo dentro e entre eles devem ser considerados como interdependentes e analisados em termos de sistemas. (2002, p. 33).

Com a finalidade de responder aos objetivos propostos desta pesquisa e de manter o anonimato das instituições e sujeitos pesquisados, as escolas foram classificadas de acordo com sua rede de ensino: *Municipal, Estadual e Particular*. Após a familiarização com o campo de estudo, tão necessário ao pesquisador, foi utilizada inicialmente uma tabela de perfil institucional para cada escola, visando conhecer e divulgar alguns dados institucionais. Segue abaixo, alguns elementos possíveis de serem apresentados das três instituições estudadas:

Quadro 01. Demonstrativo dos Perfis Institucionais

DADOS DAS INSTITUIÇÕES			
Nome da Instituição:	Municipal	Estadual	Particular
Cidade/Estado:	Rio Grande/RS	Rio Grande/RS	Rio Grande/RS
Total de alunos:	1.072	547	411
Total de professores:	114	43	31
Professores com Especialização:	71	18	11
Professores com Mestrado:	06	-	01
Professores com Doutorado:	-	-	-
Data da entrevista:	09/06/2015	02/06/2015	08/06/2015

As três escolas pesquisadas foram selecionadas por conveniência da pesquisadora: por serem de fácil acesso e bem conceituadas na cidade do Rio Grande – RS. A estrutura física de ambas as escolas são adequadas, com espaços apropriados para os diferentes recursos de ensino. As salas de aula encontravam-se limpas e arejadas em todos os encontros. As escolas são bem organizadas quanto à entrada e a saída de pessoas, oferecendo segurança aos alunos. Os pátios são adequados para as crianças brincarem e se percebeu a presença de monitores que garantem a segurança das crianças.

Neste sentido, o espaço físico das instituições é relevante para o desenvolvimento humano. Bronfenbrenner (2002) já enfatizava sobre a importância de estudar os comportamentos humanos relacionados aos ambientes nos quais estes se desenvolvem. Isto não quer dizer que quanto maior o espaço físico das instituições, maior seja sua eficiência pedagógica. A capacidade de um ambiente escolar funcionar efetivamente como um contexto positivo para o desenvolvimento vai depender de vários fatores interconectados socialmente e ambientalmente.

Analisando o demonstrativo dos perfis institucionais, foi possível constatar um número pequeno de professores com pós-graduação nestas instituições, especialmente com mestrado e doutorado. Os cursos de pós-graduação *stricto sensu* ainda são mais direcionados aos pesquisadores que queiram seguir carreira acadêmica, o que não impossibilita de se formar professores-pesquisadores na educação básica de ensino. Embora com uma série de

fatores como: falta de tempo dos professores de investirem na educação continuada, excesso de carga horária, baixa remuneração, pouco incentivo dos órgãos públicos, mesmo assim, a sociedade clama por professores-pesquisadores que sejam reflexivos e produtores de conhecimentos.

Neste sentido, Libâneo colabora quando assim escreve sobre a importância da atividade de ensino estar associada ao conhecimento epistemológico:

[...] Sendo a atividade de ensino um processo de transmissão, interiorização e produção do conhecimento, implicando especialmente as formas de ajudar os alunos a interiorizar conhecimentos e modos de agir, ela não pode desconhecer os processos de investigação e de constituição dos objetos de conhecimento ao longo da história. Ou seja, o pedagógico está sempre associado ao epistemológico. (2008, p. 63).

Nesta perspectiva, percebe-se a docência como uma prática profissional dinâmica e complexa. A profissão docente vai se construindo na articulação do conhecimento teórico e prático, tecendo várias relações sociais que permeiam os saberes dos professores e a sua prática educativa. Assim sendo, o ensino associado à pesquisa permite que o professor produza novas informações aos seus alunos, instigando-os a criticidade e a criatividade. Ressignificar a profissão docente acaba se tornando uma tarefa dos próprios professores quando buscam o resgate de sua própria identidade.

Quanto ao número de professores em relação ao número de alunos em sala de aula, pode-se observar quantitativamente a seguinte média, conforme os dados retirados do Quadro 01 acima divulgado:

Quadro 02. Média aritmética simples de alunos por professores em sala de aula

Instituição	Estimativa de alunos por professores
Rede Municipal de Ensino	9,40 alunos para cada professor
Rede Estadual de Ensino	12,72 alunos para cada professor
Rede Particular de Ensino	13,25 alunos para cada professor

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 /96 no Capítulo II que trata sobre a Educação Básica em seu Art. 25 consta que: “Será objetivo permanente das autoridades responsáveis alcançar relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais do estabelecimento”. Em parágrafo único complementa que: “Cabe ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, estabelecer parâmetro para atendimento do disposto neste artigo”.

Com o Projeto de Lei do Senado nº 504/2011 que entrou em vigor em 2012 ficou alterado este parágrafo da LDB, visando estabelecer o número máximo de alunos por turma na pré-escola, ensino fundamental e médio. O número máximo de alunos por turma não pode exceder a 25 alunos na pré-escola e nos dois anos iniciais do ensino fundamental e 35 nos anos subsequentes do ensino fundamental e médio.

Diante ao exposto acima, considera-se que é de extrema importância pensar no número máximo de alunos por professores tanto em escolas públicas como privadas. Justifica-se esta afirmação pelo fato de priorizar uma melhor qualidade de ensino e de aprendizagem. Observou-se que na média acima apresentada e, no total de alunos por turma no Quadro 03 logo abaixo, todas as escolas pesquisadas contemplam a exigência do projeto de lei acima mencionado.

Será apresentado a seguir o nível de ensino escolar e o número de aluno das três turmas pesquisadas:

Quadro 03. Nível escolar e número de alunos em cada turma pesquisada

Instituição	Turmas	Quantidade de alunos
Rede Municipal de Ensino	Turma de 5º ano - EF	25 alunos
Rede Estadual de Ensino	Turma de 2º ano - EF	15 alunos
Rede Particular de Ensino	Turma de 4º ano - EF	20 alunos

Bronfenbrenner (2011) aborda que as características ambientais e pessoais podem produzir efeitos no desenvolvimento humano e estão interligadas, ou seja, não podendo essas áreas ser examinadas independentemente. Com isso, entende-se que as condições para que de fato se dê qualitativamente o processo de ensino e aprendizagem, depende tanto da estrutura física e organizacional das instituições como também, do reconhecimento da influência dos outros contextos que afetam as relações dos envolvidos neste processo.

Foi possível observar que as três instituições pesquisadas contam com um espaço apropriado para o exercício da educação, tanto em suas condições físicas, pedagógicas como administrativas. O grau de responsabilidade e comprometimento com a educação nestas escolas promove espaços oportunos de conhecimentos além dos intrínsecos no currículo escolar. Os dados analisados confirmam que estas instituições estão em busca dos seus objetivos educacionais de forma a preparar os educandos para enfrentar os desafios do mundo atual.

Segue a baixo, o quadro comparativo de alguns dados sociodemográficos das professoras e coordenadoras pedagógicas das escolas que foram entrevistadas e que puderam ser revelados:

Quadro 04. Dados sociodemográficos dos docentes entrevistados

Função	Sexo	Idade	Escolaridade	Tempo de exercício na função	Carga horária	Estudou em escolas	Em formação continuada
Coord. Munic.	Feminino	44 anos	Pós-Graduação	4 anos	20 horas	Privadas	Não
Profa. Munic.	Feminino	43 anos	Pós-Graduação	26 anos	20 horas	Públicas e Privadas	Não
Coord. Estad.	Feminino	54 anos	Pós-Graduação	29 anos	40 horas	Públicas	Não
Profa. Estad.	Feminino	49 anos	Pós-Graduação (incompleto)	Não respondeu	44 horas	Públicas e Privadas	Sim. Pós-Grad.
Coord. Partic.	Feminino	42 anos	Pós-Graduação	21 anos	60 horas	Públicas e Privadas	Sim. EJA
Profa. Partic.	Feminino	43 anos	Pós-Graduação	18 anos	60 horas	Públicas	Não

O Quadro 04 apresenta algumas informações básicas do corpo docente entrevistado. As entrevistas foram entregues impressas para preenchimento individual às participantes. A intenção da entrevista por escrito era oportunizar mais tempo para que refletissem sobre as questões propostas. Todas as entrevistadas são do sexo feminino, com idade entre 42 a 54 anos e residentes no município de Rio Grande/RS. Cinco das entrevistadas afirmaram ter a conclusão de curso de Pós-Graduação e apenas uma das professoras ainda está concluindo o

referido nível de educação. O tempo mínimo encontrado na atividade que desempenham atualmente foi de 4 anos e o máximo 29 anos, sendo que uma das professoras não respondeu a este item. A carga horária trabalhada varia de 20 horas até 60 horas. Uma única entrevistada afirmou ter estudado apenas em escola privada, duas delas estudaram em escolas públicas e as outras três entrevistadas em ambas as redes de ensino: públicas e privadas. Apenas duas das seis entrevistadas estão frequentando curso de formação continuada no momento da entrevista (EJA e Pós-Graduação em Supervisão e Orientação Escolar).

Analisando estas informações através da TBDH, considera-se estas características dos sujeitos pesquisados como a idade, gênero, grau de escolaridade, local de origem e outros itens, um dos componentes do núcleo desse modelo: *a pessoa*. As características da pessoa são produtoras como produto do desenvolvimento. Para Narvaz e Koller (2004) a pessoa envolve as características biopsicológicas e as características construídas na interação com o ambiente.

Os dados sociodemográficos apontaram que as entrevistadas atuam somente na área da educação. Sendo que a maior motivação pela escolha da profissão, segundo as participantes, está na realização pessoal, na paixão pela educação e por ensinar, na forte influência da família e na possibilidade de contribuir na educação de crianças e adolescentes. Não havendo nenhuma resposta assinalada por retorno financeiro ou status social. A coordenadora pedagógica da rede municipal de ensino, assim escreveu sobre a motivação da escolha de sua profissão: “*A paixão pela educação sempre quis ser professora*”.

Os dados obtidos revelam que a escolha pelo magistério ainda está muito mais vinculada ao gênero feminino e por motivo de realização pessoal. Diante a um quadro de desvalorização da carreira docente, esta é uma profissão eleita por quem realmente se identifica e gosta do que faz. Neste sentido, Arroyo contribui quando assim se posiciona sobre o ofício de professor:

Nosso ofício é socialmente relevante, não apenas para transmitir competências, habilidades, saberes escolares, conhecimentos de nossa área e disciplina. A consciência política alarga nossa autovisão, da maior densidade social e cultural a nosso fazer. A escola é mais do que escola, professor(a) é mais do que transmissor, habilitador. Os processos de conscientização política podem ser um mecanismo de recuperação de dimensões de nosso ofício que foram perdidas no tecnicismo marcante de nossa tradição escolar. A professora e o professor que avançam na visão política encontram novos sentidos sociais de seu fazer.[...] (2008, p. 207).

Ainda analisando as questões sociodemográficas, foram citadas como atividades preferidas no tempo livre das entrevistadas: ler, jardinagem, dançar, passeios com a família e atividades domésticas. Três das entrevistadas não praticam nenhum tipo de atividade física, uma pratica caminhada, a outra dança (zumba) e uma delas não registrou a atividade por ela praticada. Quanto à religião apenas uma das entrevistadas não cultivava nenhuma religião, as outras cinco representantes registraram ser: uma católica, duas umbandistas, uma espírita e a outra não revelou sua religião. Apenas uma é solteira e as outras cinco são casadas. Vivem no agregado familiar das cinco entrevistadas três pessoas e da outra entrevistada apenas uma. Foi registrado que o tempo dispensado para o lazer com a família fica somente nos fins de semana e feriados.

Percebe-se também que a carga horária trabalhada por algumas das entrevistadas chega a ser triplicada durante o dia, o que minimiza a possibilidade de uma formação continuada a estas educadoras. Assim, o excesso de carga horária diminui também tempo para atividades de lazer com a família e da prática de atividades físicas tão importantes para um desenvolvimento saudável.

Com relação às atividades no tempo livre, sejam elas: físicas, culturais, espirituais ou de lazer, estas promovem as pessoas um estilo de vida mais saudável. Realizar atividades prazerosas contribui para o bem estar físico, psíquico, mental, emocional e espiritual do indivíduo, estimulando-o a viver com mais alegria e saúde. Mas, qual serão os motivos que impede algumas pessoas de ter outras atividades além do seu trabalho? Qual a importância de exercitar outras atividades para investir num envelhecimento mais saudável? Que papel tem a educação neste sentido?

As atividades de lazer e a educação para o tempo livre devem existir desde cedo e não ser projetadas somente para a velhice. Moura e Souza assim refere-se a este aspecto:

A ocupação do tempo livre na velhice é um desafio desde que não incorra em ocupação *per se*, sem discernimento do que é importante para o indivíduo em termos físicos, psicológicos e sociais. Tampouco se pode deixar levar pela questão de que o tempo não esteja, na verdade, sendo ocupado. Visualizar isso requer atentar para minúcias, como o papel do indivíduo no âmbito doméstico com a entrada na aposentadoria e a saída dos filhos de casa; sua posição diante do que a ele significa ser ativo e “fazer algo”; sua necessidade de desfrutar de um tempo dedicado a “fazer nada”, em resposta às décadas de trabalho, em muitos casos, direcionado a uma atividade de pouca satisfação; sua motivação e interesse para ocupar o tempo com atividades que a ele signifique algo e o conduza a algum objetivo mais pessoal, seja ele de saúde ou busca por relacionamentos. É no campo dos

estudos do lazer que se discutem estes desafios colocados à questão do tempo livre na velhice, ao lado de questões mais amplas da vida humana, como a necessidade de produzir, se relacionar e de ser feliz. (2012, p. 176).

O local de trabalho se configura como um importante espaço para o desenvolvimento humano, assim como ambientes que proporcionam outras atividades. A tensão, o cansaço do dia-a-dia, a vida social atrelada à vida eletrônica são fatores atuais de distanciamento de convivências que prejudicam o equilíbrio físico, emocional e psicológico dos seres humanos. Cada vez mais se torna necessário priorizar as relações humanas em prol de uma sociedade que induz ao consumo e a solidão.

Bauman atenta à população a refletir sobre a cultura “agorista” que visa à satisfação através dos bens de consumo e ao mesmo tempo gera a fragmentação dos vínculos humanos:

A possibilidade de povoar o mundo com gente mais afetuosa e induzir as pessoas a terem mais afeto não figura nos panoramas pintados pela utopia consumista. As utopias privatizadas dos caubóis e *cowgirls* da era consumista mostram, em vez disso, um “espaço livre” (livre pra *mim*, é claro) amplamente estendido; um tipo de espaço vazio do qual o consumidor líquido-moderno, inclinado a performances-solo, e apenas a elas, sempre precisa de mais e nunca tem o bastante. O espaço de que os consumidores líquido-modernos necessitam, e que são aconselhados de todos os lados a obter lutando e a defender com unhas e dentes, só pode ser conquistado se expulsando outros seres humanos – em particular os tipos de indivíduos que se preocupam e/ou podem precisar da preocupação dos outros. (2008, p. 68).

Para atender a todas as necessidades e impulsos consumistas a população acaba priorizando por maior carga horária de trabalho ou até mesmo trabalhos paralelos para dar conta das necessidades da família. Estas mesmas necessidades estão embasadas, muitas vezes, nos excessos e no desperdício. As formas sociais e culturais da vida contemporânea vão se delineando cada vez mais individuais e desestruturadas, afastando o homem da natureza e de sua espiritualidade.

Loureiro corrobora com este assunto quando aborda a Educação Ambiental voltada para a formação humana:

Logo, se desejamos uma educação ambiental que mude atitudes e comportamentos, e não apenas este último, devemos compreender como são os ambientes de vida, qual a posição social ocupada pelos diferentes grupos e classes, como estes produzem, organizam-se e geram cultura, bem como as implicações ambientais disso, para que uma mudança possa ser objetivada. Sem que as condições sejam alteradas ou, pelo menos, problematizadas no processo de adoção de novos comportamentos, é difícil que novas atitudes aconteçam. (2012, p. 86).

Bronfenbrenner reforça que para o desenvolvimento humano florescer deve haver uma complementaridade entre o sistema biopsicológico no qual conta com a presença do ser humano, e o sistema socioeconômico-político no qual é caracterizado pela presença do ambiente.

[...]Hoje, estamos começando a ver as complementaridades entre os aspectos afetivos, intelectuais e sociais dos processos do desenvolvimento. Semelhantemente, constatamos as complementaridades do que é a família, a sala de aula e o local de trabalho e a relação que deve existir entre esses contextos se cada um é o sustento e o reforço do desenvolvimento dos seres humanos.[...] (2011, p. 99).

A natureza da teoria e da pesquisa biológica de Bronfenbrenner defende a ideia de que todos os cidadãos podem agir para tornar o ser humano mais humano através das relações dos indivíduos e seus ambientes naturais. Diante disso, corrobora ao explicar sobre o modelo bioecológico do desenvolvimento humano:

O modelo bioecológico, juntamente com seus respectivos delineamentos de pesquisa, é uma evolução do sistema teórico para o estudo científico do desenvolvimento humano ao longo do tempo. Dentro da Teoria Bioecológica, o desenvolvimento é definido como o fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos. Esse fenômeno se estende ao longo do ciclo de vida humano por meio de sucessivas gerações e ao longo do tempo histórico, tanto passado quanto presente. (2002, p. 43).

Foi possível analisar diante a primeira parte do questionário sociodemográfico respondidos pelas professoras e coordenadoras das instituições pesquisadas que nossa sociedade está avançando em termos de qualificação docente. Os cursos de especialização após o curso de graduação proporcionam maior aprofundamento teórico para o exercício da prática educativa. Porém, sabe-se que a formação profissional deve ser contínua e contextualizada para possibilitar cada vez mais novos saberes e melhor utilização destes conhecimentos para a sociedade.

Neste sentido concorda Pinto quando aborda a educação como função social permanente:

A preparação do educador é permanente e não se confunde com a aquisição de um tesouro de conhecimentos que lhe cabe transmitir a seus discípulos. É um *fato humano* que se produz pelo encontro de consciências livres, a dos educadores entre si e os destes com os educandos. (2005, p. 48).

Vê-se também que a metade das entrevistadas não pratica nenhuma atividade física. Faz-se aqui a reflexão da importância que o exercício físico tem diante a saúde e bem estar

das pessoas e, principalmente, dos benefícios que acarreta para um melhor envelhecimento. Há necessidade de se priorizar alguma atividade física para complementar as atividades do dia-a-dia, atenuando assim muitos fatores que levam ao estresse humano, a depressão, a ansiedade e outras patologias que a ciência já revelou.

Zimerman (2007) corrobora com este assunto quando diz que existem três formas de estimulação que podem e devem ser desenvolvidas: psicológicas, sociais e físicas. Acrescenta também que esta estimulação deve incluir dois aspectos importantes como o prazer e o lazer. Finaliza dizendo que se deve buscar atividades que se adaptem a cada pessoa e que seja por ela apreciada ao longo da vida.

Outro aspecto interessante foi à análise da religiosidade na vida das entrevistadas, onde apenas uma delas afirma que não tem nenhuma religião. A grande maioria confirma cultivar e frequentar ritos religiosos. Entende-se que independentemente de qual seja a religião escolhida, é muito importante acreditar em algo maior que possa influenciar positivamente a postura do ser humano diante aos obstáculos da vida material. Contribuindo assim, com a preparação para um envelhecimento mais confiante. Com enfoque neste assunto, encontra-se em Lucchetti et al a seguinte contribuição:

Alguns estudos nacionais têm demonstrado que o impacto das crenças pessoais influencia no envelhecimento bem-sucedido. Em 2005, estudo conduzido no Rio Grande do Sul por Moraes e cols mostrou que aqueles idosos cujas crenças pessoais davam maior significado a suas vidas tinham até dez vezes mais chance de cursar com envelhecimento bem-sucedido, em comparação com aqueles que não as possuíam. Outro estudo gaúcho realizado por Rosa em 2008 mostrou que a resiliência (capacidade humana muito presente em pacientes com bem-estar espiritual, que consiste em enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado nas experiências de adversidade) foi associada ao envelhecimento bem-sucedido. (2012, p. 161).

Estas reflexões baseadas nos dados sociodemográficos dos professores e coordenadores pedagógicos vão ao encontro com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner quando se percebe o desenvolvimento como fenômeno contínuo de mudanças dos seres humanos como indivíduos e grupos. Mudanças estas que devem ser observadas com as pessoas em seus contextos e não de forma isolada. Assim como, com a Educação Ambiental quando desperta a consciência crítica dos sujeitos em não aceitar uma sociedade que dissocia a humanidade da natureza.

Ao analisar os dados sociodemográficos das entrevistadas pode-se concluir que a formação educacional das professoras e coordenadoras pedagógicas vem avançando em

termos de qualificação profissional. Quase todas conseguiram concluir a pós-graduação, apenas uma das professoras estava em conclusão da especialização. No tempo livre das participantes, que é considerado escasso pela carga horária de trabalho, há uma diferenciação no uso deste tempo. Enquanto algumas das entrevistas preferem atividades sociais como a dança e passeios com a família, outras preferem atividades mais introspectivas, como: ler, atividades domésticas e jardinagem.

Bronfenbrenner escreve sobre a importância das transições ecológicas no desenvolvimento humano, ou seja, das mudanças de papel ou ambiente ao longo da vida que oportunizam crescimento não apenas na pessoa em desenvolvimento, mas também as pessoas que estão envolvidas em seu contexto:

A importância desenvolvimental das transições ecológicas deriva-se do fato de elas quase invariavelmente envolverem uma mudança de *papel*, isto é, das expectativas de comportamentos associados a determinadas posições na sociedade. Os papéis têm um poder mágico de alterar a maneira pela qual a pessoa é tratada, como ela age, o que ela faz, e inclusive o que ela pensa e sente. O princípio se aplica não apenas à pessoa em desenvolvimento, mas também a outras pessoas em seu mundo. (2002, p. 7).

Percebe-se então, a relevância de ambientes diferenciados, de mudanças de papéis para à evolução do indivíduo na sociedade. Bronfenbrenner concebe na estrutura de uma teoria ecológica que: “o desenvolvimento jamais ocorre no vácuo; ele está sempre inserido e expresso num comportamento em um determinado contexto ambiental.” (2002, p. 22).

As instituições de ensino como ambiente ecológico relevante de desenvolvimento promovem mudanças e oportunizam diversos papéis que desencadeiam novas atividades e novos padrões de interação social, influenciando assim a trajetória do desenvolvimento de todos aqueles que delas participam.

Questões abertas da entrevista semiestruturada

Dando continuidade a entrevista semiestruturada, agora com as questões abertas, foi feito o seguinte questionamento para as participantes: Convive com algum idoso em sua residência? Se sim, qual o grau de parentesco? Foi possível verificar que das seis entrevistadas apenas uma reside com idosos em sua residência, que são seus pais. Afirma também que os mesmos são ativos, trabalham e são saudáveis. Uma das entrevistadas não respondeu a esta pergunta e as outras quatro afirmaram não residir com idosos.

Neste sentido, Porto acrescenta ao assunto quando aborda sobre a importância das relações familiares com os idosos:

A família continua tendo uma influência significativa para o bem-estar físico e espiritual de seus membros de idade mais avançada. A forma como se estabelece tal relacionamento varia de uma cultura para outra, depende de antecedentes culturais e sociais, mas é fundamental para a assistência e a prestação de serviços entre seus diferentes membros (2009, p. 193).

Analisando este assunto a luz da TBDH de Urie Bronfenbrenner (2011) faz-se menção a importância dos processos proximais no desenvolvimento humano ao longo da vida. Estes processos que são de interação recíproca são também, progressivamente mais complexos entre um organismo humano biopsicológico em atividade e as pessoas, objetos e símbolos existentes no seu ambiente externo imediato. Para que estas interações no contexto imediato possam ser efetivas no desenvolvimento, é necessário que os processos proximais aconteçam em longos períodos de tempo e numa base estável.

Bronfenbrenner contribui para o entendimento dos processos proximais quando assim refere-se:

Para os mais jovens, a participação nos processos de interação ao longo do tempo gera a capacidade, a motivação, o conhecimento e a habilidade para exercer essas atividades com outras pessoas e consigo mesmo. Mediante uma interação progressivamente mais complexa com seus pais, por exemplo, as crianças tornam-se cada vez mais agentes do seu desenvolvimento. (2011, p. 46).

Quando questionei as entrevistadas: Na sua infância, como via o idoso? Tenho as seguintes respostas: *“Com respeito, uma pessoa que possuía uma grande sabedoria”*; *“Com muito respeito, fui ensinada e convivia com meus avós”*; *“Sempre relatei com a figura do vô ou vó, que sempre foram muito queridos e cuidados em nossa família”*; *“Como alguém com muita sabedoria, sempre fui privilegiada em conviver com meus 4 avós (maternos e paternos)”*; *“ Fazíamos visitas semanais aos meus avós” e “Minha avó materna morava períodos com minha mãe e períodos com os outros filhos. Portanto viajava muito. Eu queria ser como ela quando crescesse, isto é, cheia de histórias, de conhecimento, de novidades pra contar e relembrar”*.

Sabe-se que as atitudes dos adultos influenciam no comportamento das crianças quando se trata a um objeto ou a pessoas. Se elas observam uma valorização e atitude positiva com os idosos, certamente manterão positivas suas relações com a velhice. Na verdade, todas

as ações realizadas pelas crianças ao longo de suas vidas, pode influenciar o seu próprio envelhecimento. Assim, corrobora Todaro quando aborda este assunto:

[...] Lamentavelmente, muitas sociedades ainda não conseguem oferecer boas condições ao longo de toda a vida, de modo que a boa velhice seja uma consequência de boas condições de desenvolvimento. Entre essas sociedades, figura o Brasil, onde parcela ponderável dos idosos tem grande chance de ser marginalizada pela pobreza e pelo baixo nível educacional. (2009, p. 12).

Na sequência, indaguei sobre a vida escolar das entrevistadas: Na sua vida escolar, recorda se o assunto “velhice e/ou envelhecimento” era abordado em sala de aula? As respostas de duas das entrevistadas foram que não e uma disse que poucas vezes. As outras duas responderam que não recordam e a restante respondeu que era trabalhado o respeito com os mais velhos.

Todaro continua corroborando a este tema quando acrescenta sobre a importância de ações educativas gerontológicas visando à mudança de atitudes em relação a idosos:

No Brasil, Both (2001) aponta para a necessidade de uma educação voltada para a longevidade, à qual ele dá o nome de *educação gerontológica*. O autor defende a ideia de que a escola e a mídia são lugares onde o sistema impõe seus interesses e, portanto, para onde devem ser encaminhadas novas experiências para alterar linguagens e ideias preconceituosas. O que importa é promover troca de experiências, estudos e pesquisas que contribuam para o exercício da cidadania e para a construção de um novo paradigma sobre a velhice. O autor tece importante crítica à escola que, segundo seu entendimento, não busca aprendizados que possam viabilizar a construção social da velhice e o desenvolvimento dos indivíduos idosos.[...] (2009, p. 41).

Com o intuito de verificar se as profissionais de educação planejavam sua velhice, acrescentei ao questionário: Quais seus planos para a aposentadoria? Tive como respostas: “Viajar, descansar, sem horários”, “Me dedicar ao artesanato. Continuar fazendo atividades prazerosas”; “Ah! Fazer tudo que não tenho tempo agora”; “Após a aposentadoria pretendo me dedicar a ONGS e viajar muito”; “Penso em ter mais tempo para minha família” e “Passear, brincar com minha neta, cuidar do meu pomar, viajar sempre que possível, ler muito e assistir bons filmes”.

Planejar a velhice é questão fundamental nos tempos atuais, onde o aumento da expectativa de vida nos obriga a pensar em um envelhecer com mais dignidade, mas saber viver o presente intensamente é tão importante quanto. Questões que hoje são fáceis de resolver como: fazer compras, pagar contas, cuidar de si mesmo, pode no futuro tornar-se

difícil em função da qualidade do nosso próprio envelhecimento. Então, faz-se importante um planejamento para tentar solucionar estes impasses, caso estejamos impossibilitados de fazê-lo. Seria possível viver com os filhos? Com os netos? Numa instituição? Haveria renda satisfatória para pagar um profissional ou acompanhante? É claro que uma boa renda na aposentadoria soluciona algumas questões na velhice, mas não todas. A vulnerabilidade de um idoso sempre vai ser maior do que a de um adulto jovem.

Baseado nesta reflexão encontra-se apoio ao planejamento da velhice em Rovaris:

Refletir como queremos vivenciar a velhice suscita os seguintes questionamentos: Será que a partir do momento que assumimos a maior idade, não precisamos iniciar um planejamento que guie as próximas etapas da vida, inclusive a velhice? Podemos pensar que isso choca com o confisco da eventualidade da vida, mas como evitar a insatisfação de permanecer em um lugar não desejado? Como reconhecer se o “abandono” da pessoa que amamos foi uma maneira diferente de amar, uma forma de vingança ou apropriação alheia? Como os espaços coletivos de vivências prolongadas, para pessoas acima de sessenta anos, podem dar continuidade ao fortalecimento das histórias de amor? (2014, p. 89).

A próxima questão foi: Qual a importância das instituições de ensino abordar a temática “envelhecimento” em sala de aula? As respostas obtidas foram: *“Acho importante pois os idosos devem ser valorizados pela suas experiências entre outras coisas”*; *“Não acho necessário salientar o tema e, sim o preconceito a qualquer tipo de preconceito”*; *“O mundo está ficando mais “velho”, a expectativa de vida aumentou. É fundamental trabalhar essa questão e diminuir o preconceito”*; *“Grande até porque falta sentimento e respeito por parte das gerações atuais por serem egoístas e pensarem somente em si”*; *“Atuar como prevenção e valorização”*; *“Hoje em dia os laços familiares estão muito fragmentados e com isto os vínculos entre a família e os seus idosos se desfazem muito facilmente. Alguns são esquecidos em instituições. Penso que o diálogo sobre este tema em sala de aula pode despertar sentimentos de apreço e gratidão que no futuro irão se manifestar em atitudes de mais parceria para com aqueles que foram a base da família”*.

Diante as respostas obtidas foi possível analisar que a maioria das entrevistadas acredita ser importante a abordagem do tema envelhecimento em sala de aula. Apenas uma professora não pensa que este assunto seja muito relevante e sim, os vários assuntos que levam a preconceitos e discriminações. Contribuindo com este assunto, Todaro afirma que:

A escola deveria pautar-se por tal entendimento, na possibilidade de avançar no processo de conscientização de indivíduos cada vez mais comprometidos com as diferenças. Não se trata de ensinar as crianças a apenas tolerar os

idosos, mas principalmente de despertar nelas o interesse por essas pessoas de idade muito diferente da sua. Na medida do possível, devem ser oferecidas oportunidades às crianças a fim de que se coloquem no lugar dos idosos e entendam que existem diferentes modos de viver a velhice; e não uma velhice ou um idoso padrão. (2009, p. 19).

Outra questão pertinente para investigação sobre o tema em sala de aula foi: Sê professor, confirme se há ou não espaço em sua prática pedagógica para abordar a temática acima mencionada (envelhecimento)? As respostas foram: “*Sim*”; “*Sim*”; “*Sim. O trabalho com as séries iniciais possibilita trabalhar essa questão de uma maneira mais “leve”, através de histórias podemos levar os alunos a refletirem sobre o envelhecimento, criar situações em que possam se colocar no lugar do outro*”; “*Com certeza é conteúdo garantido durante o ano letivo*”; “*Na escola, fazemos a semana dos Avós e constantemente estão nas oficinas e festas organizadas*” e “*Sim, é questão de dar a devida importância ao tema e realizar um planejamento para por em prática. Fugir do conteudismo*”. Todos os docentes concordaram sobre a importância desta temática em sala de aula.

Fica evidente o comprometimento do corpo docente destas escolas quando afirmam trabalhar com os educandos o tema envelhecimento. Seja através de atividades pedagógicas como leituras que motivem os alunos a refletirem sobre o assunto ou até mesmo, aproximando o convívio dos avós com os seus netos em festas organizadas pela escola. Neste sentido, Sena acrescenta:

Educar crianças para que possam vir a desenvolver atitudes respeitadas em relação aos idosos, propiciar a elas situações de busca para se colocar no lugar do outro e criar oportunidades na escola para refletir sobre os preconceitos quanto à velhice e ao envelhecimento significa contribuir para a constituição de um verdadeiro cidadão crítico, ciente de seus deveres e direitos e, também, para a construção de uma sociedade mais justa e mais plural (TODARO, 2009). Além disso, informar sobre o processo de envelhecimento, em longo prazo, pode propiciar à aquisição de hábitos mais saudáveis de vida, como alimentação saudável, prática regular de exercícios físicos, etc. – atitudes que podem influenciar positivamente o envelhecimento. (2011, p. 36).

Buscando investigar qual a imagem que as professoras e coordenadoras das escolas têm da nossa sociedade para com os mais velhos, foram encontradas as seguintes respostas: “*Com certa discriminação*”; “*Acho que melhorou muito, já que a expectativa de vida dos brasileiros aumentou*”; “*Percebo mudanças significativas. Mais tolerância, carinho, aceitação. As leis e a mídia colaboram para isso*”; “*Como peças que não usamos mais. Esse comportamento me causa angústia e desprezo*”; “*Na verdade, o idoso, na maioria das vezes, é lembrado como alguém doente, que não produz socialmente*” e “*Alguns, em determinados*

núcleos, ainda são tratados como quem já não tem mais nada a contribuir. Mas penso que de uma maneira geral, ocorre uma forte tentativa de resgate, de valorização, até mesmo de inserção”.

Bronfenbrenner aborda que desde a década de 1970 vem se desenvolvendo pesquisas com objetivo de não mais rotular um indivíduo por sua idade cronológica, mas de agregar ao tempo vivido os eventos e contextos históricos, como assim escreve:

Tradicionalmente na ciência do desenvolvimento, a passagem do tempo é tratada como se fosse sinônimo de idade cronológica, isto é, como uma escala para ordenar os indivíduos em termos de quanto tempo eles vivem. Além disso, a idade é vista como um construto puramente pessoal, ou seja, um presumido reflexo de mudanças no desenvolvimento *dentro do indivíduo* e, portanto, não diretamente relacionadas com as condições ou eventos externos. Em especial durante a última década, contudo, a pesquisa sobre o desenvolvimento humano projeta o fator tempo ao longo de um novo eixo. Desde meados da década de 1970, um número crescente de pesquisadores formulou delineamentos de pesquisa cujo tempo é empregado não apenas para ordenar os indivíduos segundo a idade, mas também para ordenar eventos em sua sequência e contexto histórico. Tenho me referido a delineamentos desse tipo como modelos de *cronossistema* (Bronfenbrenner, 1984a). (2011, p. 116).

Foi possível analisar nitidamente que a maioria das imagens dos idosos citadas acima ainda está associada a preconceitos. Embora, existam leis que regem a defesa dos direitos humanos das pessoas idosas, ainda há falta de informação que promove atitudes preconceituosas e a exclusão desta classe. A imagem do idoso doente, frágil, improdutivo ainda permeia nossa sociedade, minimizando oportunidades de trabalho, de lazer e de convívio social para muitos idosos.

Por isso, a importância do comprometimento de educadores com a questão em foco, buscando aproximar as gerações numa troca de afeto e de aprendizagens. Sendo a escola um espaço oportuno de conhecimento formal, é também, um espaço coletivo de respeito mútuo, de ética, de cidadania que deve incentivar a construção de uma convivência melhor entre as diferentes gerações.

Quando questionei se era pertinente que o assunto envelhecimento fosse abordado em sala de aula, as cinco entrevistadas afirmaram que SIM. Apenas uma professora respondeu que qualquer fase da vida deve ser trabalhada com igual importância. Sendo assim, afirma-se a relevância do tema em sala de aula, tornando as instituições de ensino um espaço promotor de novos valores aos idosos.

Na questão 24 questiono: Quais ações seriam eficientes para despertar o afeto, respeito e solidariedade das crianças para com os mais velhos? Responderam-me: *“Atividades como: filmes, histórias, visita ao asilo”*; *“A principal ação deve ser a da própria família, ao educar seus filhos”*; *“O conhecimento e a certeza de que todos pertenceremos a esse “Grupo”*”; *“Maior convivência, atenção ao escutar as histórias dos idosos, incentivo por parte da própria família”*; *“Maior contato das crianças com os idosos, troca de experiências, oficinas,...”* e *“Rodas de conversa com narrativas de experiências vividas pelos mais velhos; exibição de curtas envolvendo relacionamentos carinhosos e construtivos entre jovens e idosos”*.

Sena acrescenta a esta ideia que:

Ações pontuais de educação intergeracional na educação básica já podem ser vistas como, por exemplo, contação de histórias infantis por idosos em sala de aula; dia dos avós nas escolas; visita a instituições de longa permanência para idosos. Entretanto, a legislação brasileira, como apresentada, prevê e fomenta a ações educativas intergeracionais em todos os níveis da educação formal, inclusive atenta para a formação de recursos humanos em Gerontologia. Todavia, na prática essas atividades educacionais ainda são insuficientes. (2011, p. 40).

Faço a seguinte pergunta: Qual a influência da mídia na construção das imagens das crianças em relação aos mais velhos? As respostas que encontrei foram: *“A mídia tem se esforçado bastante mas ainda os mostra como seres que atrapalham”*; *“Hoje acho bem positiva, pois normalmente mostra a “velhice” como melhor idade”*; *“Penso que muito mais positiva do que negativa”*; *“A mídia tanto constrói como destrói uma imagem, portanto deveria ter programas direcionados ao assunto de maneira positiva”*; *“A mídia poderia participar efetivamente; mas no fundo pouco contribui. A preocupação da mídia é que com o crescimento acentuado da população idosa no Brasil, acontecem inúmeros problemas no âmbito econômico, político... e o poder de compra se reduz”* e *“A mídia influi de maneira muito incisiva, considero que dependendo do enfoque dado pode contribuir e/ou denegrir as ideias que as crianças constroem em relação aos mais velhos”*.

A este respeito, Orofino contribui quando assim escreve sobre a mídia e mediação escolar:

Afinal, nosso papel enquanto educadores e educadoras é o de promover a visibilidade a todas as identidades que não circulam no mundo das representações dominantes, das celebridades descartáveis, promovido pela mídia comercial. Através desta postura, podemos contribuir com o combate às formas de exclusão, preconceito e discriminação. (2005, p. 137).

Quando faço o questionamento: Você acha que bons hábitos, atitudes, o cuidado com a saúde, com a alimentação desde a infância e por toda a vida, colaboram ou não para um melhor envelhecer? Todas as entrevistadas foram unânimes em dizer que com certeza isto é fato. Afirmam que há comprovação científica sobre isso, que é possível prevenir uma série de doenças físicas e emocionais mantendo bons hábitos e também, que deve haver uma “preparação” para envelhecer, aceitar as limitações físicas que a idade pode trazer.

A respeito desta reflexão foi possível analisar que existem riscos ambientais e/ou pessoais que podem desencadear doenças em pessoas de mais idades, seja fatores genéticos e até mesmo de estilo de vida. A conquista por um envelhecimento saudável deve ser uma conquista pessoal desde a juventude, ou antes, ainda na infância. Boa alimentação com uma dieta equilibrada, práticas esportivas, não fazer uso de drogas lícitas ou ilícitas e também, saber controlar alguns fatores debilitantes, como alto nível de estresse físico, emocional e mental. Tornando-se assim, a qualidade de vida imperativa para um bom envelhecimento.

Diante a este assunto, encontra-se apoio em Medeiros et al quando assim se posicionam:

O termo envelhecimento saudável sustenta-se no pressuposto de que o processo de envelhecimento humano pode ser até certo ponto modificável. Esse fato gerencia a busca dos estudiosos e experts no assunto por uma abordagem que preze a saúde em seus aspectos biológicos, e sociais. O envelhecimento saudável é definido através de uma série de critérios (tais como satisfação de vida e disposição de espírito) e medidas objetivas (tais como morbidez e mortalidade) e a definição mais proeminente o descreve como sendo a habilidade de manter três características-chave: baixo risco de doença e deficiências relacionadas à doença; alta atividade mental e física; e envolvimento ativo na vida cotidiana. (2015, p. 990).

Com a intenção de saber se as entrevistadas pensam no seu próprio envelhecimento, fiz a pergunta a elas: Você faz um planejamento para o seu envelhecimento? As respostas foram as seguintes: *“Planejamento me parece uma coisa muito estática, rígida. Eu tenho ideias, percepções.”*; *“Depois que tive uma filha, comecei a pensar mais em qualidade de vida.”*; *“Sim, passear, trabalhar (sem compromisso com horários).”*; *“Comecei a pensar um pouco no assunto mas não tenho um planejamento concreto.”*, *“Sim.”* e *“Não”*.

Percebe-se que ainda não há uma consciência plena sobre este assunto. Algumas professoras pensam a respeito, mas não pensam como e onde estarão daqui a alguns anos. Afirmam ser importante esse planejamento, mas ainda não começaram a executar um plano de envelhecimento saudável. Isto prova que ainda não somos incentivados a pensar sobre a

velhice. Fazendo-se então, emergente este pensar e agir em prol de uma longevidade maior aliada a qualidade de vida.

Bosi acrescenta a este assunto quando fala que um remédio contra os danos do tempo estaria no engajamento em causas que dão significados ao cotidiano. A degradação senil, muitas vezes acontece prematuramente quando não existem interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem a sobrevivência digna e repleta de sentido. Assim, manifesta o que é ser velho numa sociedade capitalista:

Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega a medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é um opressor. (2007, p. 18).

Para que se possa viver a velhice sem as opressões que a sociedade impõe, é necessário que os educadores, pesquisadores, profissionais da saúde possam se instruir e divulgar a importância dessa temática. Planejar a velhice desde a infância pode reverter muitas insatisfações e perdas nesta fase. Não se pode desejar uma velhice oprimida e banida da sociedade. Para que isso não ocorra é preciso pensá-la para melhor vivê-la.

Foi acrescida a entrevista uma pergunta direcionada a educação e ao papel de educar: Como educador qual o seu comprometimento com as questões associadas à prática de ensino e também, com a construção da identidade dos seus alunos? Foram observadas as seguintes respostas: *“Muita, porque acredito na educação de troca de conhecimento e principalmente para educar através do exemplo e ética.”*; *“Como base da minha prática, acho muito importante o exemplo.”*; *“A partir do momento em que eu entro na sala de aula já estou comprometida com a construção da identidade deles. Tudo que falo, a maneira como me posiciono, os assuntos que privilegio para serem trabalhados tem impacto direto na formação que pretendo oportunizar à eles.”*; *“Trabalho com eles sobre valores.”*; *“Impossível dissociar educação e construção da identidade. As atividades realizadas na escola constituem gestos implícitos ou explícitos que permitem ao aluno ocupar seu espaço, pleno desenvolvimento.”* e, *“Acredito que o nosso papel social é de suma importância, pois o trabalho que desempenhamos junto aos filhos de trabalhadores, muitos destes explorados e desfavorecidos do atendimento às suas necessidades primárias, pode instrumentá-los para que busquem alcançar condições de vida mais salutar e que questionem com lucidez esta sociedade capitalista e desumana em que estamos inseridos.”*

Pelo discurso citado, foi possível analisar o real comprometimento destas professoras e coordenadoras na construção da identidade dos seus alunos. Percebe-se a consciência que as mesmas têm, da importância dos valores éticos e morais no desenvolvimento dos alunos, das atitudes que exteriorizam dentro de sala de aula e da opressão que sofre a sociedade em geral por causa de um sistema excludente e desigualitário. A escola ainda continua sendo uma esperança para todos de reverter às desigualdades sociais e proporcionar condições de vida melhor.

Freire contribui com este assunto quando aborda que ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural:

[...]Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*. (2000, p.46).

Por fim, solicitei que cada entrevistada deixasse uma mensagem a um idoso ao qual estimasse muito: *“Agradeço cada palavra, cada gesto de carinho comigo e com minha filha. Mesmo não tendo parentesco, se criaram laços de amor que ultrapassaram qualquer convenção de família.”*; *“Envelhecer é uma dádiva que deve ser encarada não como uma perda de habilidades, mas como uma oportunidade para transmitir os conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Te amo.”*; *“Minha amada mãe, te cobras tanto o fato de não poderes mais ajudar os filhos ou cuidar dos netos, sei que te sentes menos importante por isso. Mas, vou repetir o que tenho dito nos últimos anos: obrigada por estares conosco, obrigada por tudo o que fizeste. Agora, tua atividade principal é nos deixar te amar e cuidar, assim como fizeste e fazes ainda por nós.”*; *“Meus idosos já faleceram. Perdi avós, pais e tios muito queridos. Ainda convivo com minha sogra à qual diria: Sua lucidez e dinamismo me encantam, mas lembre-se de que teu filho também já trilhou uma parte da vida dele (65) e que experiências varias viveu e que desta forma pode muito contribuir com o teu bem estar neste período de tua vida. Trocas são importantes, valorizações são atitudes de carinho.”*; *“Que ele continue me ensinando pela sabedoria e pela sua vontade de viver e produzir sempre e me fazer acreditar que temos que ser fortes a cada dia que nasce.”* Uma professora da rede particular não deixou nenhuma mensagem.

A solicitação destes depoimentos teve o intuito de sensibilizar as entrevistadas para que valorizassem algum idoso, mostrando que sempre vai existir alguém de mais idade que foi ou é importante em nossas vidas. Assim corrobora Kachar quando escreve:

Muito mais eficiente que os remédios antidepressivos seria o contato com o Outro, que sopra mesmo quando os outros se vão, e cujo sopro pode tornar a todos que não cessam de vir membros de uma mesma família humana[...] (2001, p. 186).

3.2 Análise das atividades pedagógicas com os educandos

O estudo com os alunos das instituições das redes de ensino pública (municipal e estadual) e privada teve por objetivo conhecer quais os saberes das crianças sobre o tema envelhecimento e, posteriormente, através da pesquisa-ação, contribuir com novos conhecimentos sobre o tema aos alunos das turmas pesquisadas. Oportunizando através desses encontros, uma reflexão mais profunda sobre esta fase da vida, abrindo espaços para minimizar preconceitos, conscientizar o respeito tão devido aos idosos e também, ressaltar a importância de se pensar neste assunto em todas as etapas da vida.

Na rede de ensino municipal, houve o aceite de 24 (vinte e quatro) crianças para participar desta pesquisa, sendo assinados todos os TCLEs pelos pais e/ou responsáveis consentindo a participação dos menores, assim como, o mesmo número de TALEs assinados pelos alunos, concordando em participar da mesma. Na rede estadual foram assinados 11 (onze) TCLEs e o mesmo número dos TALEs. Por fim, na escola de ensino privado houve 13 (treze) assinaturas dos TCLEs e o mesmo número dos TALEs. Foram respeitados todos os alunos e responsáveis que não quiseram participar deste estudo.

Segue a seguir, o demonstrativo do total de alunos por turma que participaram desta pesquisa nas três instituições escolares:

Quadro 05. Demonstrativo do total de alunos participantes da pesquisa

REDE DE ENSINO	ALUNOS POR TURMA	PARTICIPANTES	OBSERVAÇÃO
Municipal	25	24	-
Estadual	15	11	-
Particular	20	13	-
TOTAL	60	48	Houve 80% de participação

3.2.1 Inserção na Rede Municipal de Ensino

Foi estruturado um plano de atividades (APÊNDICE 06) para melhor desenvolver a proposta de pesquisa para todas as turmas. Nele consta itens como: data, nível de ensino, rede escolar de ensino, tema transversal, duração da atividade, áreas ou disciplinas envolvidas, objetivos, metodologia, recursos, sequência didática, avaliação e bibliografia. O conteúdo trabalhado foi o mesmo para as três turmas com algumas diferenciações no modelo de duas atividades para o 2º ano – EF em função da idade e do ano escolar dos alunos. No total, foram realizados cinco encontros (um por semana) com duração média de uma hora/aula cada atividade.

Intentou-se aqui, através da TBDH e do suporte teórico estudado apresentar as atividades pedagógicas realizadas com os alunos e analisá-las de maneira reflexiva e não categórica, por se tratar de uma pesquisa qualitativa e não quantitativa.

1º encontro: (15/06/2015)

Neste primeiro encontro com as crianças da rede municipal, foi realizada a minha apresentação pessoal e profissional, apresentada a proposta da minha pesquisa e a importância do auxílio deles para que este trabalho se concretizasse.

A primeira atividade solicitada aos alunos visou descobrir quais os conceitos internalizados que os mesmos já possuíam sobre o que é ser “velho” ou “idoso”. A partir da representação do que é ser idoso através do desenho, buscou-se considerar o modo singular e subjetivo dos conteúdos pessoais e sociais de cada criança. Antes do início da atividade foram dadas algumas questões reflexivas sobre o que é ser idoso, que características físicas as

pessoas mais velhas apresentam, onde moram, que atividades realizam, quais suas condições de saúde, onde podem ser encontradas, enfim. Após estas questões norteadoras, foi entregue uma folha de ofício para cada aluno e solicitado à confecção do referido desenho. Após o término da atividade, todas as crianças foram convidadas para apresentar seus desenhos à turma e verbalizar o que sabiam sobre o tema proposto.

Abaixo, segue alguns desenhos dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da escola municipal e a representação do que é ser “velho” ou “idoso” para eles:



Figura 02. Aluno A



Figura 03. Aluno B



Figura 04. Aluna C



Figura 05. Aluna D

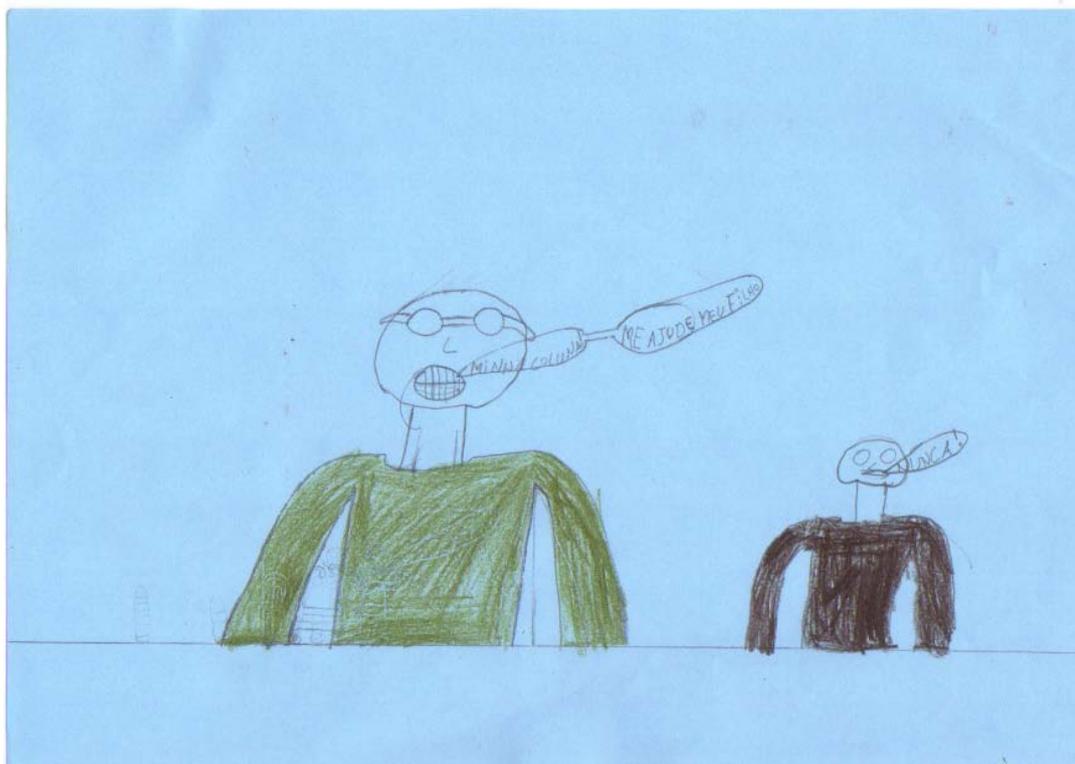


Figura 06. Aluno E

Nesta turma de 5º ano da rede municipal, pode-se analisar que os alunos foram muito receptivos, porém, estavam inseguros na confecção dos seus desenhos. Conversamos antes sobre o que era ser idoso para eles e as características físicas mais citadas foram: idoso tem barba branca, pele enrugada, dores nas costas e joelhos, perda da audição. Quanto ao local de moradia mais comum aos idosos, o asilo foi muito citado. A justificativa dos alunos sobre os idosos residirem em asilos foi a de que os filhos não tem tempo para cuidá-los e que no asilo eles seriam bem cuidados. Mas, as crianças reconheceram que o melhor lugar para os idosos residirem é junto à família ou em suas casas. Muitos alunos narraram também que os idosos não fazem nada no dia-a-dia e outros, que os idosos ajudam a cuidar os netos. Poucas crianças quiseram mostrar seus desenhos e comentá-los para a turma.

Ao analisar os desenhos de modo geral desta turma, pode-se perceber a presença de idosos utilizando bengalas, idosos residentes em asilos, avós cuidando de suas netas, idosos sozinhos e idosos junto à família. Em especial os desenhos aqui divulgados, como na figura 02 do Aluno A, nota-se dois idosos apresentando o seu lugar de moradia, o asilo. Estes idosos que aparecem no desenho têm características joviais. Observa-se uma piscina no ambiente desenhado, sol ao lado direito da folha e, através da janela do asilo é possível verificar outro idoso sorrindo e assistindo televisão no espaço interno da instituição. Passando assim, a ideia de que o asilo é um bom lugar para se viver a velhice e que é possível, vivê-la com mais naturalidade.

Para que se possa entender um pouco o imaginário das crianças e suas representações através do desenho, buscou-se o apoio de alguns autores para melhor compreender e analisar os desenhos delas. Neste sentido, Bédard (2013) corrobora com este assunto quando afirma que há diferenças entre analisar e interpretar um desenho. Para esta autora, a análise é um enfoque técnico e racional com embasamento comprovado. Já a interpretação dos desenhos das crianças se torna o resultado ou a síntese da análise.

Na figura 03 do Aluno B, foi possível notar que este aluno fez menção às características físicas do idoso. O desenho por ele representado tem um idoso que diz: *“Ah! Que dor nas costas”*, a barba branca, o uso de óculos, o ouvido desenhado maior expressando o prejuízo da audição, enfim. Características estas que acabam passando uma ideia de perdas físicas decorrentes da idade, mas que através do sorriso do idoso desenhado, parece não haver tristezas para se viver a velhice.

A representação do desenho, segundo Bédard vai além da estética elaborada pela criança, conforme assim afirma:

O desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de uma maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Não devemos esquecer-nos de que o que nos interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos, não sua perfeição estética. (2013, p. 8).

A análise da figura 04 da Aluna C nos reporta a um cenário mais melancólico, onde um idoso se encontra sozinho e de bengala, com um olhar perdido e sem destino. Apenas dois passarinhos estão na sua volta. É possível notar a presença de um sol, de um edifício e um banco ausente de pessoas. Este desenho passa um sentimento de fraqueza física e de solidão na velhice. A falta de perspectivas retrata o panorama do desenho apresentado.

Ainda acrescentando sobre a compreensão dos desenhos infantis, encontra-se apoio em Cognet quando aborda a necessidade dos outros para a constituição dos desenhos:

O desenho infantil não existe fora da cultura, fora da interação com o outro. Não existe desenho “puro”, como talvez ainda se encontre, em zonas protegidas das atividades humanas, uma água límpida e clara. Muito pelo contrário, assim como a linguagem, o desenho infantil precisa de olhares, incentivos e interpretações para nascer e prosperar. É o grupo humano que permite que a criança desenhe; ela não é um adulto em miniatura, mas sim um ser que precisa dos outros para advir[...] (2014, p. 13).

Na figura 05 da Aluna D pode-se observar uma casa interna rica em detalhes. Esta parece ser a casa da vovó, pois tem um quadro que diz: “*A casa da vovó nunca é longe*”. Nota-se o fogão com uma panela cozinhando, uma mesinha com lápis e uma folha em cima dizendo: “*Te amo vó*”, armários, janela, enfim. Há a presença da criança entregando uma folha para a avó ler, ambas sorridentes. Esta avó está caracterizada de modo tradicional, com um coque na cabeça, vestido abaixo do joelho e avental. Certamente esta representação demonstra o afeto da criança por sua avó e do aconchego que ela recebe em sua casa, onde a diferença de idade das duas não as afasta, ao contrário, as aproximam pelos laços de afeto.

Na figura 06 do Aluno E pode-se observar a representação de um homem mais velho (considerado o idoso para a criança), de óculos e com uma expressão de dor e, outro homem mais novo, ambos parecidos e posicionados de frente dialogando. No diálogo o homem mais velho diz: “*Minha coluna! Me ajude meu filho*”. O outro homem mais novo responde: “*Nunca!*” Este desenho reporta uma dificuldade de relacionamento entre eles, mesmo apresentando semelhanças físicas. Ficam explícitas aqui, as características físicas que as crianças mencionam no idoso como: as dificuldades visuais e as dores nas costas.

2º encontro: (22/06/2015)

Continuando ainda a visualizar os conceitos internalizados dos alunos sobre a velhice, foi elaborada nesta segunda atividade a abordagem sobre as fases da vida (APÊNDICE 07). Conversamos sobre as diferentes fases da vida desde o nascimento, a infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice, como processos naturais de desenvolvimento. Intentou-se aqui descobrir através do imaginário das crianças qual seria a projeção que representariam de si mesmos na sua própria velhice. Foram abordadas as características físicas de cada fase, atividades que cada qual desenvolve na idade correspondente, até adentrarmos ao tema envelhecimento. Após esta introdução foi entregue uma folha de ofício para que individualmente cada criança iniciasse o processo de reflexão sobre o seu próprio envelhecimento, através do desenho. No final da atividade, todos os alunos foram convidados a apresentar seus desenhos à turma e verbalizar suas projeções acerca do seu próprio envelhecimento.

Abaixo, segue alguns desenhos dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da escola municipal e a representação de como eles se imaginaram idosos:



Figura 07. Aluna A

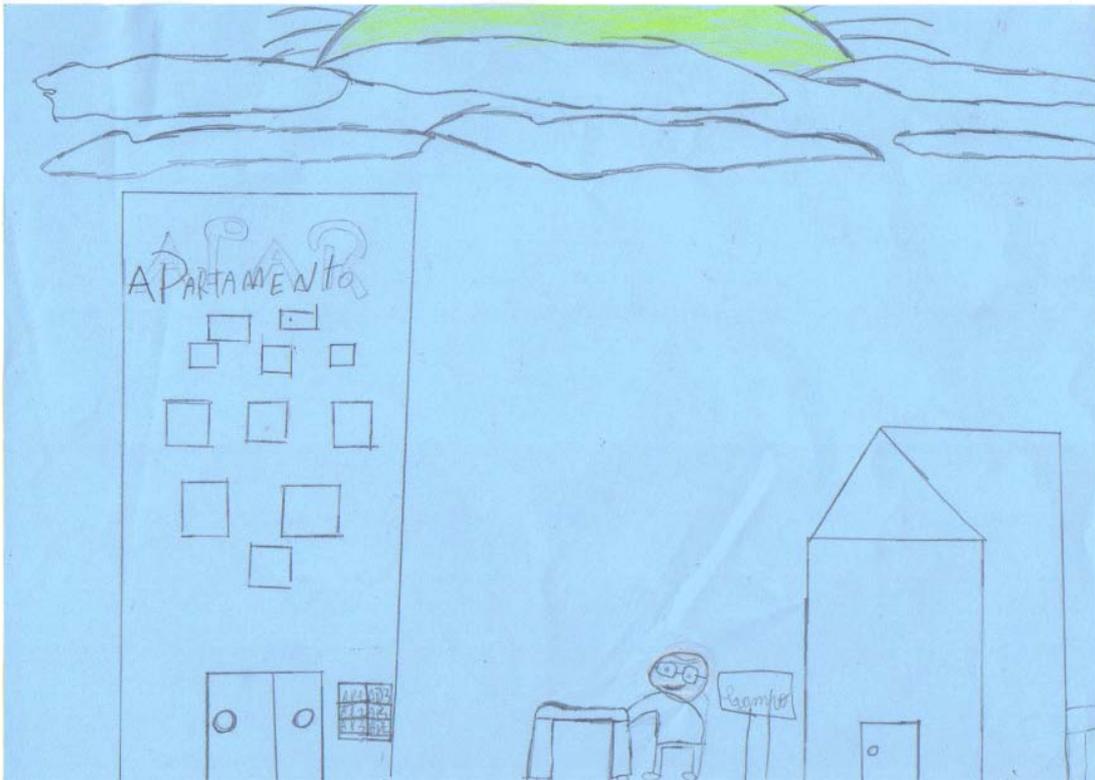


Figura 08. Aluno B



Figura 09. Aluna C



Figura 10. Aluno D



Figura 11. Aluna E

Neste dia, durante a abordagem sobre as fases da vida, foi possível reconhecer o quanto as crianças sabiam distinguir as diferenças de cada fase. Durante a infância foi chegado ao consenso por eles de que esta é a melhor fase da vida, pois é recheada de brincadeiras, jogos no computador, celulares, TV e isenta de compromissos como: ter que pagar contas, fazer comida e outras atividades domésticas, segundo eles. Na adolescência foi citada pelas crianças a época da mudança do corpo, do namoro e de continuar estudando. Na fase adulta é hora de trabalhar e pagar contas, conforme dito pelos alunos. Na velhice é hora de descansar e ficar quietos.

Infelizmente, ainda existe em nossa cultura a ideia de que o idoso não tem mais serventia, de que é frágil, portanto, não deve se ocupar de nada nos seus dias. Assim, muitos dos idosos acabam realmente acreditando nisso e aos poucos vão se alienando da vida. Cabe questionar se este alheamento é realmente uma escolha da população idosa ou é a sociedade que incuti esta imagem denegrida, alienando-os? Neste sentido, Neri argumenta que:

A exclusão produzida por atitudes, preconceitos e estereótipos limita-os o acesso dos idosos aos recursos sociais e lhes acarreta isolamento, senso de inferioridade, baixo senso de auto-eficácia e incompetência comportamental. Sociedades que excluem seus idosos oferecem poucas oportunidades às novas gerações de construir relações saudáveis com a própria velhice e prejudicam a continuidade cultural.[...] (2009, p. 44).

Após ter conversado com as crianças sobre as fases da vida, solicitei aos mesmos que fizessem o desenho de como seriam quando ficassem idosos(as). Todos ficaram me olhando surpresos com a solicitação e com dificuldades de se projetarem na última fase da vida. A partir dos desenhos foi possível observar que o asilo não foi mais mencionado como lugar de moradia para eles no futuro e sim, suas casas junto a seus futuros filhos e/ou netos. Poucos alunos apresentaram seus desenhos ao grupo, mostrando ainda insegurança em socializar suas ideias. Verificou-se em alguns dos desenhos a presença de bengalas, de óculos, do coque na avó e no seu cuidado com os netos.

Na figura 07 da Aluna A percebeu-se a projeção de uma idosa com características físicas tradicionais como: óculos e coque. Esta aluna, porém, imaginou-se morar em sua própria casa na velhice, distanciando assim, o asilo como local de moradia mencionado por eles anteriormente.

Sabe-se que através do desenho é possível visualizar alguns momentos do funcionamento psíquico, os medos, os desejos, as angústias e tantas outras projeções

intrínsecas nas crianças. Neste sentido, Cognet corrobora quando fala da importância do destino do desenho da criança:

Assim, o destino do desenho da criança é multiforme: para o psicólogo ou psicanalista, ele surge como um espelho, com reflexos mais ou menos límpidos, da organização, e até dos conflitos intrapsíquicos do sujeito; para o professor, o que se identifica é a sua evolução, em comparação com um desenvolvimento médio (a criança está adiantada ou atrasada?); para as famílias, ele é um presente, repetido de forma quase cotidiana, que evoca o universo interior, a magia da infância, mas também a capacidade de ficar sozinho face ao seu imaginário, criar, aplicar-se e, para os mais jovens, preparar-se para as tarefas escolares que estão por vir. (2014, p. 09).

Continuando com a apresentação de alguns desenhos desta turma, foi possível observar que na figura 08 o Aluno B se autodesenhou morando em um condomínio e tendo também, uma casa de campo. Ao se retratar, observa-se além dos óculos e da calvície, um andador onde o mesmo se apoia. Ao mesmo tempo, tendo representado as suas limitações físicas (o andador) para locomover-se, mostra-se sorridente, parecendo não se abater perante as dificuldades da idade. Distanciando assim, novamente, o asilo como lugar de moradia.

Na figura 09 a Aluna C se desenhou de óculos, de coque, sentada numa cadeira de frente para uma de suas cachorrinhas. Esta aluna se imaginou vivendo na sua própria casa, rodeada com três cachorros. Sua casa decorada com cortinas, flores, árvores e animais passa a ideia de uma velhice tranquila e feliz.

Bédard afirma que a presença da casa nos desenhos das crianças é algo frequente e que representa as emoções vividas a partir do ponto de vista social das crianças. Assim como, refere-se ao desenho dos animais como expressão de dificuldades em ser compreendida pelos adultos. Contribui, assim referindo-se sobre os desenhos:

Os desenhos permitem-nos incrementar consideravelmente nossos dados sobre o temperamento, o caráter, a personalidade e as necessidades da criança. Assim, ajuda-nos a descobrir e a reconhecer as diferentes etapas pelas quais atravessa. (2013, p. 59).

Pode-se observar na figura 10 que o Aluno D se desenhou numa cadeira de balanço com uma bola de futebol em cima do pé. Ao lado dele o seu filho, sua filha e esposa. Sua esposa também está sentada numa cadeira de balanço. Este aluno se imaginou com sua família residindo em sua própria casa, rodeados de animais como gatos, peixes e galinhas.

Na figura 11 a Aluna E se projetou acerca de sua velhice de forma bem positiva. A mesma se desenhou em um aeroporto, com uma mala e uma bolsa de viagem. Seu aspecto

físico é bem disposto, com cabelos escuros e sorrindo. Em compensação não evidencia ninguém ao seu lado, ou seja, nenhuma companhia para dividir sua vida na velhice. Parece que este é apenas um detalhe que não interfere na autoestima e na disposição desta aluna ao se projetar idosa.

3º encontro: (30/06/2015)

Já com uma prévia sobre o imaginário dos alunos sobre o que é ser idoso e como seriam e onde estariam quando chegasse esta fase para eles, venho a contribuir neste encontro, através da pesquisa-ação, com a apresentação do livro: “Minha avó já foi bebê!” de Paula Sandroni, fazendo junto com eles uma reflexão sobre o envelhecimento. A pretensão desta atividade de leitura e interpretação de texto foi a de despertar a sensibilidade das crianças para com os idosos, aproximar as gerações e desmistificar os estereótipos negativos da velhice.

Thiollent aborda que a pesquisa-ação tem sido concebida principalmente como metodologia de articulação do conhecer e do agir, remetendo a uma transformação de cunho social. Nesta concepção metodológica reconhece-se o papel ativo dos observadores na situação investigada, assim como a dos pesquisadores que se mantêm longe da neutralidade de suas pesquisas. Assim, refere-se Thiollent a este assunto:

Na pesquisa-ação, uma capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação. Isto pode ser pensado no contexto das pesquisas em educação, comunicação, organização ou outras. O fato de associar pesquisa-ação e aprendizagem sem dúvida possui maior relevância na pesquisa educacional, mas é também válido nos outros casos. (2011, p. 75).

O texto acima mencionado: “Minha avó já foi bebê!” relata a história de duas personagens: Mariana (a neta) e a Estela (avó de Mariana). Neste encontro, Mariana comenta que adora sábado, porque é o dia de passear na casa da avó. Neste dia, a Vó Estela resolve apresentar seu álbum de bebê a Mariana. As duas fazem comparações do tempo de bebê da Vó Estela para o de Mariana, concluindo muitas mudanças.

Após a leitura do texto com as crianças, foi entregue uma folha de ofício contendo três perguntas interpretativas sobre o texto, onde cada aluno(a) respondeu e entregou a pesquisadora:

1ª) Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época de Mariana. Quais foram essas mudanças e qual a sua opinião sobre elas?

2ª) Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô ou avó? O que acha da ideia?

3ª) Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

A primeira questão objetivou comparar os tempos mais antigos com os atuais em termos tecnológicos e outros indicadores sociais, visando assim, saber da opinião dos alunos sobre as mudanças ocorridas. Na segunda questão, intentou-se fazê-los refletir sobre a ideia de se tornarem avós/avôs, e questioná-los se já haviam pensado nisso antes, posicionando-se sobre esta projeção. Na terceira e última questão, tendo os avós/avôs como referencial de idosos mais próximos das crianças, tentou-se investigar semelhanças e afinidades com este referencial. Esta história foi muito bem quista pelos alunos e com certeza despertou a afabilidade com os mais velhos.

A seguir, segue algumas questões respondidas pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental da escola municipal:

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
 Livro: Minha avó já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

Os brinquedos tinham fralda de pano, não
 se discutia-se, a mãe não tinha o dinheiro
 de lavar os filhos, a mamadeira na
 calça da mãe e não tinha dia de

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô ou avó? O que acha da ideia?

quando a filha dela for um dia filha
 a mãe é igual!

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

não quero, não quero ser igual a ela



Figura 12. Aluno A

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
 Livro: Minha avô já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

não tinha máquina de lavar roupa tinha que lavar na mão e não tinha bacias de cartões tinha que usar pano

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô ou avó? O que acha da ideia?

de pai que ela ter filhos eles não ter filhos e aí ela será avó, eu não pensei ainda. legal

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

eu queria ser igual ao meu avô porque que ele é muito legal e ele fez duas travessuras de jogar bola e ele joga com meus e as vezes depois de jogar bola ele remete dor nas costas e eu rio ele é muito legal.



Figura 13. Aluno B

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
 Livro: Minha avó já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

Sim as mudanças são muitas eu não
 falar algumas faladas antes eram de pano
 agora são descartáveis, antes as roupas
 só eram lavadas na mão agora tem
 máquina de lavar e muitas outras
 coisas então as mudanças foram pes-
 tizas e muito boas.

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô ou avó? O que acha da ideia?

Ela será chamada de avó quando ela
 tiver filhas e quando tiver netos,
 Sim eu já tive pensado em ser avó
 eu acho que essa ideia é muito boa
 por que eu não poder brincar com
 meus netos e eu acho que esse futuro
 poderá ser muito bom.

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

Sim eu gostaria por que quando eu
 for avó eu não ser que não a minha
 mãe está de idade ser muito bom
 passar pela essa fase de ser avó
 mais ainda tem que falta muito
 tempo para isso acontecer.



Figura 14. Aluna C

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
 Livro: Minha avó já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

Sim no tempo da vó Estela as coisas eram mais difíceis não existia coisas eletrônicas Hoje existe coisas eletrônicas Hoje as coisas são bem mais fáceis.

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avó ou avô? O que acha da ideia?

A Mariana tem filhas e as filhas dela tem filhas a Mariana será avó. Sim eu já pensei em ser avó, eu acho que vai ser legal ser avó.

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

Eu queria ser que meu avô que eu gosto muito dele ele me ajudava em tudo que eu precisava, faz 3 anos que ele morreu mais eu gosto muito dele.



Figura 15. Aluna D

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
 Livro: Minha avó já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Esteia era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

Sim, ela nasceu e viveu em uma casa
 e depois nasceu e viveu adulta e também
 usou farmácia e usou copo e ganhou
 a roupa idosa e levou mesmo Rastrolas
 para a neto.

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô ou avó? O que acha da ideia?

No futuro ela será chamada de avó, Não
 Não souja não.

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

Não, só que eu não sei eles por que
 eles morrem.



Figura 16. Aluno E

Neste dia todas as crianças desta turma estavam presentes, conversando bastante no momento em que cheguei. Estavam agitadas pelo feriadão do dia anterior (29/06), buscando contar as novidades uns aos outros. Perguntaram-me se iriam desenhar novamente, mas respondi que não e apresentei aos mesmos o livro a ser trabalhado naquele dia. Li a história para eles mostrando as ilustrações e a cada momento fazendo uma reflexão sobre o tempo passado e o tempo presente, sobre os avanços tecnológicos e o modelo de idoso na atualidade. Solicitei as respostas das três questões com a proposta de reflexão sobre o fato de que um dia também irão envelhecer. Também, busquei verificar se as imagens dos idosos que eles convivem são as mesmas desejadas para eles na velhice. Todos os alunos se concentraram bastante para responder as questões, fazendo-as em silêncio. Após, foram entregando suas respostas para a pesquisadora.

Após a análise das respostas, pode-se observar na primeira questão que as diferenças do mundo de hoje para antigamente, foram para melhor na sua maioria. Os alunos citaram, de acordo com a leitura realizada, as seguintes mudanças da época da Vó Estela para a de Mariana: as fraldas eram de pano ao invés de descartáveis, a ausência de máquina de lavar roupas e a utilização do tanque para isso, o uso de toucas nos bebês que não se utiliza mais nos dias atuais, a inexistência de aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos. Sendo concluído por eles que atualmente a vida ficou mais fácil e que hoje existe mais conforto do que antes.

Na figura 15 da Aluna D é possível confirmar a afirmação acima, quando assim responde na primeira questão: *“Sim no tempo da vó Estela as coisas eram mais difíceis não existia coisas eletrônicas Hoje existe coisas eletrônicas Hoje as coisas são bem mais fáceis”*.

Foi possível observar na segunda questão que a maioria dos alunos já havia pensado em ser avô/avó, achando a ideia positiva. Aqueles que nunca pensaram sobre esta possível realidade, após refletirem sobre o assunto, também afirmaram que a ideia seria boa. Justificaram que seria bom para brincar com os netos, dar presentes, fazer as vontades deles, cuidá-los como cuidarão dos seus filhos. Apenas um aluno que não havia pensado nesta possibilidade afirmou não apreciar a ideia de se tornar avô/avó, sem justificar o porquê. Na figura 16 o Aluno E responde a esta questão: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô/avó? O que acha da ideia? *“No futuro ela será chamada de avó, Não, Não muito boa.”*

Na terceira questão a maioria dos alunos gostaria de serem parecidos com seus avôs/avós, seja pelas brincadeiras que eles proporcionam, pelas comidas saborosas das avós,

da atenção e do carinho dispensado a eles, pelos presentes recebidos, por serem alegres e divertidos e pela amizade sincera. Apenas dois alunos não gostaram da ideia de se tornarem avôs/avós no futuro. Os motivos da negação de um deles foi à de que não quer envelhecer e do outro porque não conheceu os avós devido à morte deles.

Na figura 12 do Aluno A e 14 da Aluna C pode-se constatar o medo natural do envelhecimento na resposta deles quando indagados se gostariam de ser iguais as suas avós ou aos seus avôs. O aluno A respondeu a indagação assim: *“Não porque não queria envelhecer”*. Ainda permanecendo nesta questão, nota-se a resistência ao envelhecimento na figura 14 da Aluna C: *“Sim eu gostaria por que quando eu for avó eu vou ser que nem a minha avó então deve ser muito bom passar pela essa fase de ser avó **mais ainda bem que falta muito tempo para isso acontecer**”*.

O medo de envelhecer ainda está muito associado à proximidade da morte. Teme-se a dependência, as doenças, a solidão, a perda da dignidade, enfim. Os comportamentos em relação aos idosos e à velhice são socialmente aprendidos ao longo da vida. Por isso a necessidade de promover informações as criança, desde cedo, para minimizar as atitudes negativas sobre o envelhecimento, melhorando assim a relação do ser humano com a vida, com a morte e com a velhice.

4º encontro: (07/07/2015)

Continuando com as atividades propostas aos alunos, através da pesquisa-ação, foi realizada neste dia a leitura do livro: “Ser idoso é... Estatuto do Idoso para crianças de Fábio Sgroi. Este autor apresenta por meio de ilustrações divertidas e poéticas como devemos tratar os idosos, associando, de maneira lúdica os principais artigos do Estatuto do Idoso. A intenção desta atividade foi verificar se os alunos tinham conhecimento da existência desta lei, de informá-los sobre os direitos dos idosos e de questioná-los sobre a sua importância em nossa sociedade. Visou também, instigar a reflexão sobre valores como: respeito, tolerância, dignidade e a solidariedade aos mais velhos.

Após a leitura do texto acima, o mesmo foi discutido entre todos, buscando situações do dia-a-dia que exemplificassem os artigos estudados. Posteriormente, foi entregue uma folha e solicitado aos alunos uma pequena produção textual referente ao aprendizado sobre o livro.

Neste dia, a turma estava em absoluto silêncio quando cheguei. Questionei-os se já ouviram falar sobre o Estatuto do Idoso. Todas as crianças fizeram uma negativa com a cabeça e responderam que não, exceto um menino que disse que já havia escutado algo sobre isso, mas que não sabia exatamente o que era. Então, apresentei o livro mencionado e começamos uma leitura sobre o mesmo. Conversamos sobre os principais artigos desta lei e alguns alunos foram contando histórias com os avós, bisavós ou idosos que conheciam.

Nestes exemplos do dia-a-dia, as crianças referiram-se a falta de educação das pessoas negando auxílio aos idosos, sobre a fragilidade deles mediante os assaltos, da lucidez de alguns idosos acima de 90 anos que conheciam e da necessidade de se respeitar os direitos deles. Através da produção textual, todos responderam o que este conhecimento acrescentou para si.

Para o próximo e último encontro, solicitei que os alunos pesquisassem sobre o envelhecimento trazendo para aula recortes, entrevistas de como vivem os idosos atualmente no Brasil para realizarmos uma atividade de encerramento em grupo.

Abaixo, segue algumas produções textuais escritas pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental da escola municipal:

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças
Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

Eu achei a história ~~boa~~ interessante. Por que ela falava sobre o estatuto do idoso, que a partir de sessenta anos a pessoa é considerada idosa, que as pessoas mais novas tem que ceder o lugar para o idoso se o ônibus estiver lotado, que o idoso tem direito a 50% de desconto para lazer e diversão, ele tem direito a saúde.



Figura 17. Aluno A

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças
Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

O Estatuto do Idoso é uma lei que eu não conhecia e uma lei muito importante porque ajuda as pessoas a respeitar o idoso. É também ajudar o idoso e respeitar os idosos. Nós devemos obedecer essa lei porque ela nos ajuda a respeitar o idoso.



Figura 18. Aluna B

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças
Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

Eu aprendi que devemos respeitar
o idoso, porque um dia nós
também vamos ser idosos.
Respeitar o próximo é,
dar o lugar no ônibus,
etc. Eu também aprendi que
o idoso já foi criança, então
um dia vamos ser idosos
também, então se quisermos
ser respeitados no futuro
devemos respeitar no present
e



Figura 19. Aluna C

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças
Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

Eu acho muito importante a lei do estatuto do idoso, pois com essa lei os idosos são mais respeitados.

Para mim todos os idosos tem direito de ter um lar, família, respeito, saúde, e a lei do estatuto do idoso não pra isso.



Figura 20. Aluna D

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças
Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

Eu acho que isso de estatuto
de idoso é muito importante
porque nós devemos sempre ser
afetos dando muito amor e carinho
No super mercado que tem a caixa
de idoso devemos deixar o idoso
na frente porque assim
eles fazem a gente gastar mais
tempo do pai.



Figura 21. Aluna E

Foi possível observar, através das produções textuais recebidas dos alunos que o Estatuto do Idoso é muito importante para o cumprimento dos direitos dos idosos, assim como, para garantir a qualidade de vida deles. A maioria dos alunos desconhecia esta lei e ficaram estimulados ao cumprimento dela, após conhecê-la. Na figura 18 pode-se comprovar a aceitação deste conhecimento quando a Aluna B escreve: *“O Estatuto do Idoso é uma lei que eu não conhecia é uma lei muito importante porque ajuda as pessoas respeitar o idoso. E também ajudar o idoso e respeitar os idosos. Nos devemos obedecer essa lei porque ela nos ajuda a respeitar o idoso”*.

A leitura de livros ou textos infantis tem extrema importância para uma ação educativa com as crianças. É um instrumento que possibilita a aquisição de novos conceitos através do diálogo entre o autor e o leitor/ouvinte. No encontro transformador em sala de aula a criança tem a oportunidade de problematizar, imaginar, idealizar o que está sendo apresentado. Neste sentido, Todaro (2009) contribui quando afirma: *“Ao desafiar as crianças por meio da apresentação de situações que, até então, não eram percebidas por elas, instaura-se a concepção problematizadora, como proposta por Paulo Freire[...] (p. 42)”* Diante a interação com a leitura, a consciência constrói significados aliados ao contexto vivenciado pela criança, mobilizando estas a uma postura mais crítica e criativa diante a vida.

Na figura 19 a Aluna C mostra ter consciência de que pelo processo natural da vida, as crianças serão os idosos de amanhã, como assim escreve: *“Eu aprendi que devemos respeitar o idoso, porque um dia nós também vamos ser idosos[...]”*. Esta frase comprova que a educação é um veículo de mudanças de atitudes em relação a vários temas, em específico aqui, à velhice.

5º encontro: (13/07/2015)

A atividade buscou, através do trabalho de construção de cartazes em grupos, socializar o conhecimento aprendido sobre o envelhecimento e de como devemos tratar os idosos. Foi solicitado o material de pesquisa que eu havia pedido no encontro anterior aos alunos, mas não houve interesse de nenhum aluno desta turma em pesquisar sobre o assunto. Tanto os pais como os professores devem estar atentos à estimulação das crianças para a pesquisa. Auxiliando-os assim, a descobrir novas estratégias e novos recursos de aprendizagem.

Após, foi dividida a turma em grupos de no máximo cinco alunos escolhidos por eles e entregue uma folha de cartolina para confecção dos cartazes. No final da atividade, todos os grupos foram convidados a apresentarem os seus cartazes para a turma.

Neste último encontro, as crianças estavam bem receptivas a minha visita. Quando as questionei sobre a tarefa que deixei na semana passada sobre trazer suas pesquisas acerca do envelhecimento, todos deram uma desculpa por não terem pesquisado. Então, deixei com que os grupos fossem montados por eles formando-se quatro grupos de cinco alunos. Solicitei que eles elaborassem o cartaz com o que foi mais significativo de aprendizagem sobre o tema durante as cinco semanas de intervenção junto à turma. Os alunos foram muito criativos, enfocando bastante o Estatuto do Idoso nas suas produções. Após esta atividade, todos os grupos socializaram seus cartazes explicando seus desenhos. Na sequência me despedi de todos, deixando uma lembrancinha para cada aluno, professora, coordenadora e diretora, agradecendo o carinho e o espaço para a realização desta pesquisa.

Abaixo, segue os cartazes elaborados pelos quatro grupos dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da escola municipal:



Figura 22 – Grupo A

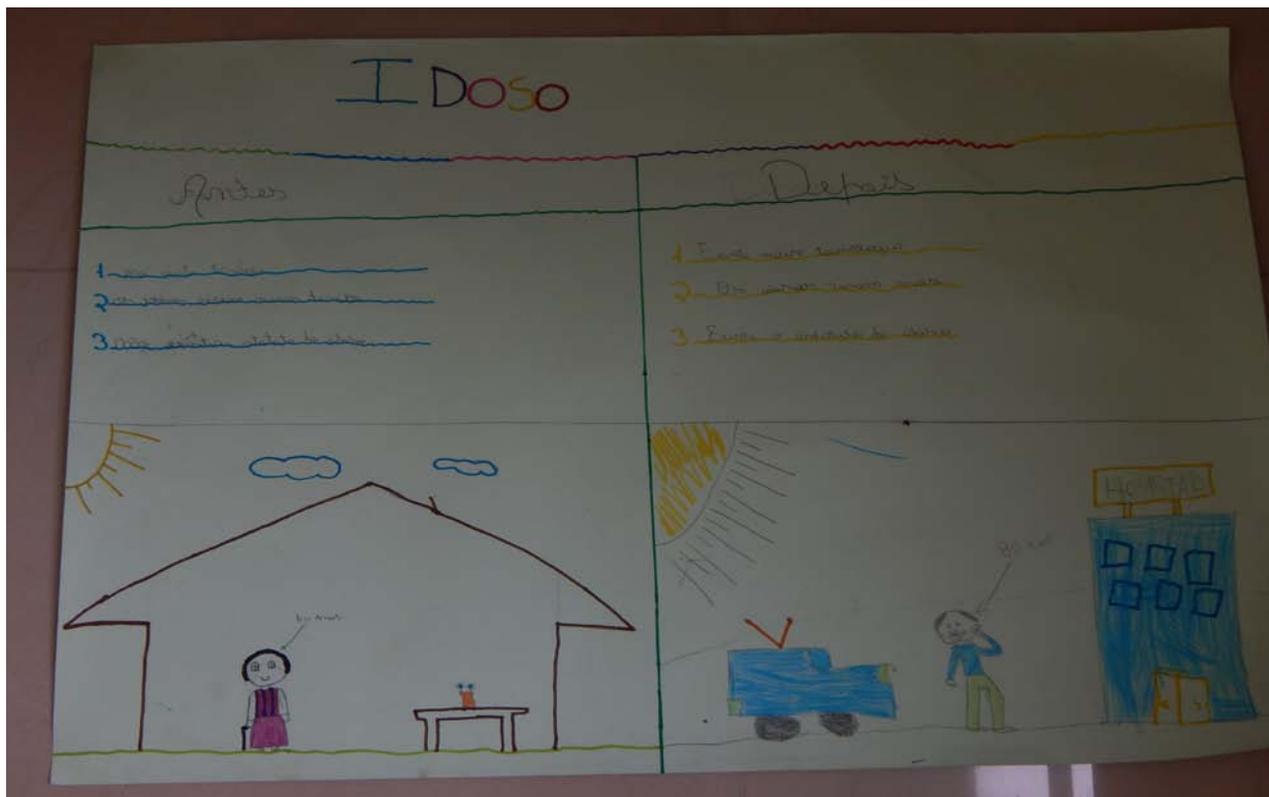


Figura 25. Grupo D

Na figura 22 o Grupo A destacou como tema principal do seu cartaz: *“O idoso e seus direitos”*. Criativamente, desenharam e escreveram sobre alguns dos artigos do Estatuto do Idoso como ceder o lugar, direito a moradia, direito a vagas no estacionamento em locais públicos e prioridade nas filas de caixa. Escreveram a frase: *“Falar sobre os idosos é muito legal tem idosos mais quietos e também um radical”*. O desenho foi ilustrado com uma pessoa mais jovem sentada e uma idosa de bengala esperando o lugar; um idoso dormindo no chão na rua; uma vaga de estacionamento para idoso com desenho no chão de um cadeirante e um idoso na fila do banco, no caixa prioritário.

Na figura 23 o Grupo B também destacou no seu cartaz o Estatuto do Idoso e por tema: *“O idoso deve ser respeitado”*. Em suas falas: *“O estatuto do idoso fala que apartir de 60 anos no Brasil a pessoa é considerada idoso”*; *“Todo o idoso tem prioridade nas filas de bancos, de supermercados e etc, consta o estatuto”*; *“O idoso é uma pessoa sabia e merece ser respeitada, todos nós merecemos respeito”*. Como desenhos, apresentaram um idoso de barba branca tomando sol e um diálogo com duas pessoas jovens e uma idosa: *“Pasa na minha frente”* diz o jovem para a idosa e a idosa responde: *“A obrigado”*.

Na figura 24 o Grupo C mencionou como título do trabalho: “*O estatuto do idoso*” e destacaram alguns dos seus artigos. Redigiram um texto no qual diz: “*Queremos que cumpram o estatuto do idoso porque os idosos de hoje são tratados melhores que antes por que hoje ele tem direitos e leis, quais são elas?: tem direito a moradia que não deixa ele ficar na rua e entre elas também tem que eles tem que ser respeitados por mais novos e também eles tem direito a 10% dos ônibus que é melhor para eles que o ônibus ta lotado e um idoso ta ali de pé e não tem o lugar para eles e daí uma pessoa que vai la e da o lugar para o idoso isso é uma boa ação e então é isso pessoal e temos que repeitar os mais velinhos*”. Como desenhos apresentaram um idoso sorrindo, uma casa e uma macieira.

Na figura 25 o Grupo D fez um comparativo dos tempos de antigamente aos atuais, ilustrando o que aprenderam com o livro: Minha avó já foi bebê! Apresentaram como tema do cartaz: “*O idoso*”. Eles relataram que antes: “*Não existia tecnologia*”; “*os idosos viviam menos tempo*” e “*não existia estatuto do idoso*”. Depois: “*Existe mais tecnologia*”; “*Os idosos vivem mais*” e “*Existe o estatuto do idoso*”. No desenho do passado retratam uma idosa de bengala em sua casa e com 60 anos. Na atualidade, desenharam um idoso com 80 anos, um veículo e um prédio onde foi denominado de hospital.

Na concepção da pesquisa-ação, o estudo da relação entre saber formal e saber informal visa aproximar a estrutura comunicativa entre as duas culturas: a do saber empírico e a do saber popular, numa aprendizagem recíproca. Thiollent acrescenta quando se refere à pesquisa-ação na educação da seguinte forma:

A pesquisa-ação promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas. Este processo supõe que os pesquisadores adotem uma linguagem apropriada. Os objetivos teóricos da pesquisa são constantemente reafirmados e afinados no contexto com as situações abertas ao diálogo com os interessados, na sua linguagem popular. (2011, p. 85).

Agora, serão apresentados os dados obtidos na turma de 2º ano do ensino fundamental da rede estadual.

3.2.2 Inserção na Rede Estadual de Ensino

Foi utilizado o mesmo plano de atividades (APÊNDICE 06) para melhor desenvolver a proposta de pesquisa. Nele consta itens como: data, nível de ensino, rede escolar de ensino, tema transversal, duração da atividade, áreas ou disciplinas envolvidas, objetivos,

metodologia, recursos, sequência didática, avaliação e bibliografia. O conteúdo trabalhado teve algumas diferenciações em duas das atividades propostas nesta turma de 2º ano em função da idade e ano escolar dos alunos. Foram realizados com esta turma, assim como nas outras duas, cinco encontros (um por semana) com duração média de uma hora/aula cada atividade.

No primeiro encontro com as crianças, foi realizada a minha apresentação pessoal e profissional, apresentada a proposta da minha pesquisa e a importância do auxílio deles para que este trabalho se concretizasse.

1º encontro: (17/06/2015)

A primeira proposta solicitada aos alunos, como já abordado anteriormente na rede municipal, visou descobrir quais os conceitos internalizados sobre o que é ser “velho” ou “idoso” para eles. A partir de suas representações através do desenho, buscou-se considerar o modo singular e subjetivo dos conteúdos pessoais e sociais que cada criança possui. Antes do início da atividade foram dadas algumas questões reflexivas sobre o que é ser idoso: características físicas, onde estes moram, que atividades realizam, condições de saúde, onde podem ser encontrados, enfim. Após estas questões norteadoras, foi entregue uma folha de ofício para cada aluno e solicitado à confecção do referido desenho. Logo após o término da atividade, todas as crianças foram convidadas para apresentar suas representações à turma.

A seguir, segue alguns desenhos dos alunos do 2º ano do ensino fundamental da escola estadual e a representação do que é ser “velho” ou “idoso” para eles:



Figura 26. Aluna A

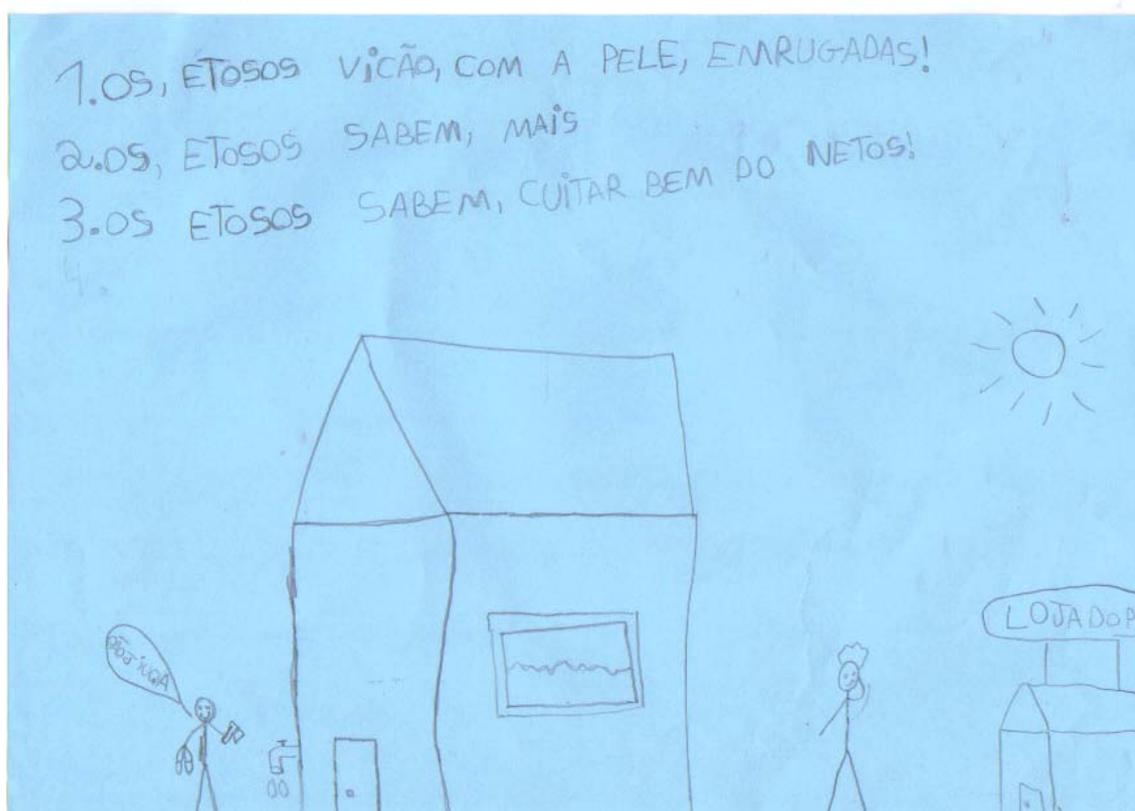


Figura 27. Aluno B



Figura 28. Aluno C



Figura 29. Aluna D

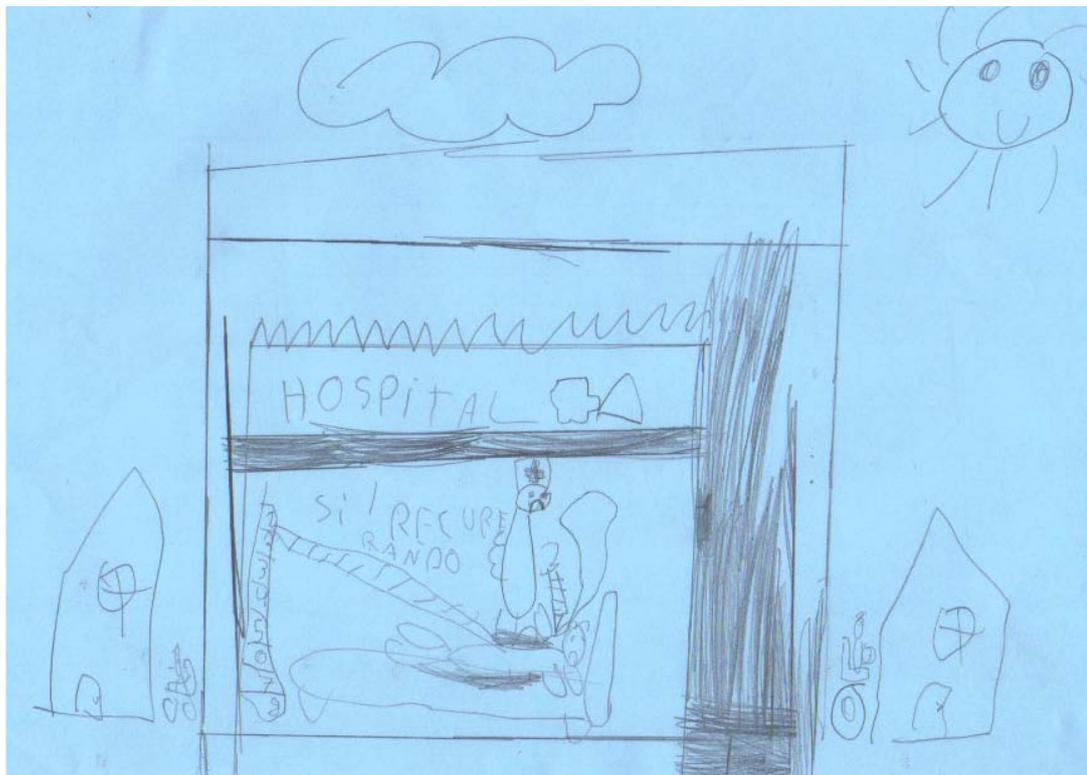


Figura 30. Aluno E

Neste dia, os alunos foram muito participativos. Quando os questioneei de como eram as características físicas dos idosos, eles responderam: pele enrugada, cabelo e barba branca, diminuem de tamanho, usam bengalas e cadeiras de rodas para se deslocarem. Quando indagados onde moram os idosos, a resposta da maioria foi em asilo. Depois, acrescentaram a casa, apartamentos, hospitais e as ruas, como outras opções de moradia das pessoas mais velhas. As crianças consideraram que os idosos sabem mais do que elas, que ficam mais doentes, que estão mais próximos de morrer, que cuidam dos netos, que fazem atividades domésticas, enfim, que também devem ser cuidados. Todos os alunos foram convidados a apresentar seus desenhos à turma e todos aceitaram o convite.

Ao analisar os desenhos de modo geral desta turma, pode-se perceber a presença de idosos utilizando bengalas, em cadeiras de rodas, idosos residentes em asilos, em hospitais e em suas residências. Em especial, os desenhos aqui divulgados como na figura 26 da Aluna A, nota-se que ela desenhou o *Asilo dos Idosos*. Neste contexto a mesma inseriu duas idosas em cadeiras de rodas e três idosas utilizando bengalas. Foi possível notar que as idosas representadas em cadeiras de rodas não estão sorrindo, ao contrário, estão sérias. As outras

três idosas desenhadas aparecem sorrindo. Passando assim, a ideia de que algumas limitações físicas deixam as pessoas mais tristes que outras dificuldades. Observam-se várias janelas pequenas na frente do asilo, onde Bédard faz referência a este detalhe em desenhos quando assim escreve:

Janelas pequenas pedem que sejamos discretos e prudentes com esta criança. É bom não lhe fazer demasiadas perguntas e, sobretudo, não lhe dar a impressão de que estamos vigiando até seus mínimos gestos. A criança introvertida sempre desenhará um número muito limitado de janelas, é sua forma de nos dizer que devemos deixá-la em paz. (2013, p. 45).

Na figura 27 do Aluno B foi escrito: *“Etosos vicão, com a pele, emrugadas!”*, *“Etosos sabem, mais”* e *“ Etosos sabem, cuidar bem dos netos!”* No seu desenho foi possível perceber a presença de dois idosos aparentemente vivendo em sua residência e ao lado, outra casa denominada Loja do Pai. Há a presença de um sol ao lado direito da folha. Assim, foi possível analisar pela escrita e representação deste desenho que mesmo com as alterações físicas nos idosos (pele enrugada), existe uma atitude de respeito deste aluno quando afirma que os idosos sabem mais. Também, foi possível pressupor que existe uma boa relação com seus avós, quando o aluno cita que os idosos sabem cuidar bem dos netos.

Cognet corrobora na análise e interpretação dos desenhos quando assim cita:

[...]O pré-requisito consiste em considerar a infância como um momento do desenvolvimento físico e psicológico do ser humano e dar importância às suas produções. É também perceber que a educação não é uma simples instrução, mas um chamado à expressão do eu, à criação e à liberdade na interação com os outros. Por parte da criança, há o prazer de desenhar e oferecer o desenho; por parte do adulto, há o prazer de observar a criança desenhando e receber o desenho (JUMEL, 2011). (2014, p. 14).

Na figura 28 o Aluno C também desenhou o Asilo com quatro quartos sendo estes representados por quatro idosos e quatro camas, ambos sorrindo. Nesta produção foi possível notar a presença de nuvens, sol, grama e a frase: *“Por favor cuide bem dos idosos”*. Na concepção deste aluno o asilo se mostra um lugar agradável e acolhedor para residir na velhice. Sua atitude de respeito implora o cuidado das pessoas para com os idosos.

Estas atitudes das crianças em relação aos idosos fazem-se necessário, por isso, a importância das questões éticas voltadas à cidadania desde a infância e dentro do contexto escolar. Todaro a este respeito escreve:

Educar as crianças para que possam vir a desenvolver atitudes respeitadas em relação aos idosos, propiciar a elas situações de busca para se colocar no lugar do outro e criar oportunidades na escola para refletir sobre

preconceitos quanto à velhice e ao envelhecimento significa contribuir para a constituição de um verdadeiro cidadão crítico, ciente de seus deveres e seus direitos, e também para a construção de uma sociedade mais justa e mais plural. (2009, p. 69).

Na figura 29 da Aluna D foi possível observar o asilo como lugar de moradia para idosos, a presença de uma idosa em cadeiras de rodas e outro idoso em pé. Ao lado deste idoso, tem uma cama com outro idoso dormindo. Ambos sorridentes nesta situação, o asilo para esta criança passa a ideia de um lugar bom para se viver a velhice.

Sabe-se que a sociedade de consumo na qual se vive aprisiona homens e mulheres no mercado de trabalho, com horas excessivas de trabalho e com isso, diminuindo seu tempo livre para a família e lazer. Neste sentido, como fica o idoso que requer cuidados? As instituições de longa permanência torna-se uma alternativa para o idoso. Assim referem-se Camarano e Kanso sobre o aumento da expectativa de vida da população idosa e aos aspectos fisiológicos do envelhecimento:

Embora a expectativa de vida da população brasileira em idade avançada esteja aumentando e esteja acompanhada por uma melhoria nas condições de saúde, o número de idosos com perda de autonomia para as atividades do cotidiano tende a aumentar. Embora haja alguma evidência de uma redução na proporção de pessoas com dificuldades para as atividades da vida diária, isso pode não resultar em menos pessoas demandantes de cuidados. O envelhecimento da população expõe os indivíduos por um tempo maior a doenças crônico-degenerativas, o que resulta em um número crescente de indivíduos sem autonomia e independência. Em outras palavras, a tendência esperada é de um aumento na demanda por cuidados. (2010, p. 95).

Na figura 30 do Aluno E retrata uma paisagem diferente. O aluno desenhou um idoso no hospital, em recuperação. Desenhou o idoso deitado e ao lado os números de 1 a 8, que segundo ele, é o tempo de permanência deste idoso no hospital. Há a presença de um enfermeiro com uma expressão de tristeza. Ao lado do quarto dois idosos em cadeiras de rodas. Este idoso aparece sozinho, ou seja, não há companhia da família junto a ele.

Zimerman (2007) aborda que: “Todos nós, com certeza, temos uma imagem de velho formada a partir de nossa observação, de nossa vivência ou daquilo que nos é passado pela família e pela sociedade” (p. 19). As representações elaboradas pelas crianças vêm ao encontro desta afirmativa quando respondem sobre essas questões, seja elaborando desenhos ou interpretando histórias, acabam falando sobre esta temática de forma positiva ou não.

Para o Aluno E da figura 30, a velhice não transparece um momento de tranquilidade e nem de alegria. Existe a presença da doença, da limitação física, do

isolamento, enfim. Há que se desconstruir estes estigmas de que a velhice é o fim para certas crianças. Faz-se necessário reforçar através da educação, seja ela formal ou não, mecanismos que levem as crianças a pensar sobre o envelhecimento com mais suavidade. Apresentar-lhes o caminho que podem percorrer de forma a alcançar um envelhecimento mais saudável e feliz.

2º encontro: (24/06/2015)

Continuando a visualização dos conceitos internalizados dos alunos sobre a velhice, foi abordada a temática sobre as fases da vida. Conversamos sobre o desenvolvimento humano desde o nascimento, a infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice, como processos naturais de desenvolvimento. Intentou-se aqui descobrir através do imaginário das crianças qual a projeção que representariam de si mesmos na sua velhice. Foram abordadas as características físicas de cada fase, atividades que cada qual desenvolve na idade correspondente, até adentrarmos ao tema envelhecimento. Após esta introdução foi entregue uma folha de ofício para que individualmente cada criança iniciasse o processo de reflexão sobre o seu próprio envelhecimento, através do desenho. Todos os alunos foram convidados a apresentar suas produções à turma, verbalizando suas projeções acerca do seu próprio envelhecimento.

A seguir, segue alguns desenhos dos alunos do 2º ano do ensino fundamental da escola estadual e a representação de como eles se imaginaram idosos:

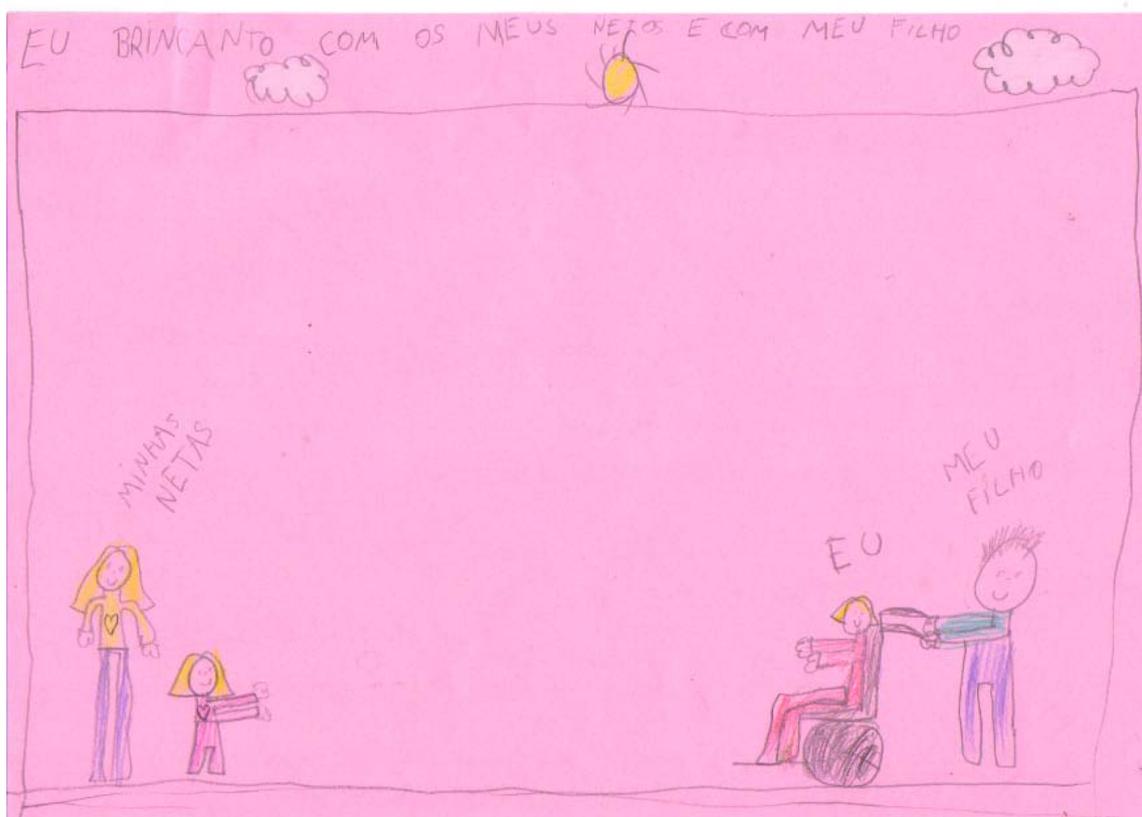


Figura 31. Aluna A



Figura 32. Aluno B



Figura 33. Aluna C



Figura 34. Aluna D



Figura 35. Aluna E

Neste dia, os alunos foram muito receptivos e relembramos juntos a finalidade do meu trabalho na escola. Eles abordaram sobre o tema “idoso” com bastante propriedade. É uma turma bem participativa. Após conversarmos sobre as fases da vida, disseram que na infância: *se estuda, vê TV, se joga vídeo game e vai à pracinha*. Na adolescência citaram: *o estudo na universidade, jogos de vídeo game, mas não falaram sobre namoro*. Na vida adulta: *se paga contas, ajudar os filhos nas tarefas da escola, tem que trabalhar*. Na velhice deles, imaginada por eles, descreveram brincadeiras com os filhos e netos. Moram todos juntos em suas casas e alguns no asilo e são dependentes de bengala. A maioria dos alunos aceitou apresentar os seus trabalhos para a turma.

Pode-se verificar de modo geral nos desenhos apresentados pelos alunos, o seguinte imaginário da velhice: com cadeiras de rodas, usando bengalas e andadores. Imaginaram-se morando alguns no asilo e outros em casas e sítios. Foi muito evidente com esta turma a presença da família como os filhos e netos e, outros alunos registraram estarem sozinhos residindo em asilos.

Na figura 31 da Aluna A foi possível observar a frase: *“Eu brincanto com os meus netos e com meu filho”*. No desenho nota-se a presença de duas netas e esta aluna como idosa numa cadeira de rodas. Empurrando esta cadeira, seu filho. Ambos estão sorrindo no desenho, não colocando a velhice como problema ou dificuldade.

Ferretti et al abordam sobre viver a velhice em ambiente institucionalizado, onde o processo de envelhecer associado às enfermidades crônicas e dependência, a redução da disponibilidade do cuidado familiar, tornam as instituições de longa permanência às vezes, à única alternativa para a sobrevivência dos idosos. Como assim escrevem:

Portanto, se por um lado viver a velhice na ILPI pode acarretar limitações, perda da autonomia e quebra de laços familiares, por outro, supre as necessidades de cuidado e amparo, provendo assistência e as mínimas condições para a manutenção da vida dos idosos. (2014, p. 434).

Pode-se observar na figura 32 do Aluno B que este se imaginou vivendo no asilo em sua velhice. Apresentou em seu desenho o quarto com um idoso dormindo e sua bengala ao lado da cama. No outro quarto um idoso na cadeira de rodas. Ambos sorriem também, não apresentando estarem tristes ou solitários neste cenário.

Analisando a figura 33 da Aluna C, esta se desenhou de andador na velhice e residindo em sua própria casa. Perto da sua residência existem duas casas que são de seus netos e netas. Se vê sorrindo e contente.

Na figura 34 a Aluna D se imaginou ao lado de suas duas filhas em menor tamanho que elas e de bengala. Há a presença de uma casa com chaminé e uma árvore ao lado. Segundo Bédard, a presença da fumaça da chaminé em casas é analisada da seguinte maneira:

A fumaça revela-nos o tipo e o grau de emoção que prevalece no lar, na família ou no ambiente da criança. Se for um traço muito simples, é sinal de que a criança parece reagir favoravelmente a uma certa influência emotiva vivida no seio familiar. Se a fumaça formar uma nuvem densa e escura, sua reação é desfavorável. Um traço excessivamente fino leva-nos a pensar em duas possibilidades: ou que o fogo apagou ou que acaba de se acender neste preciso momento. Teremos que procurar outras indicações a fim de sabermos qual destas interpretações é a correta. (2013, p. 43).

Na figura 35 a Aluna E se imaginou da seguinte forma na velhice: *“Eu me emagino assim cuando eu fica felha com minha filha e meus netos”*. No seu desenho pode-se identificar a presença dela numa cadeira de rodas, com cabelo branco, junto com sua filha e três netos. Seu neto com uma bola de futebol e sua neta com uma boneca, todos sorrindo e alegres. Na

casa onde residem também existe a presença da fumaça de chaminé, já interpretada conforme figura 34 da aluna D.

Esta atividade visou colocar os alunos em outros papéis. Pensar em ser idoso quando ainda se é criança é algo complexo. Bronfenbrenner ao abordar sobre as hipóteses iniciais relativas ao impacto da atribuição do papel sobre o comportamento destaca que:

A colocação de uma pessoa num papel tende a evocar percepções, atividades padrões de relação interpessoal consistentes com as expectativas associadas àquele papel, na medida em que se referem tanto ao comportamento da pessoa ocupando o papel quanto dos outros em relação àquela pessoa. (2002, p. 74).

Neste sentido, quando solicitado às crianças que se imaginassem, seja como avós/avôs e, em outro ambiente, seja institucionalizado ou não, se buscou verificar quais as expectativas que tinham em relação ao seu envelhecimento e quais as condições ambientais que influenciariam em seus comportamentos sociais.

3º encontro: (01/07/2015)

Já com uma prévia sobre o imaginário dos alunos sobre o que é ser idoso, de como seriam e onde estariam quando chegasse esta fase da vida para eles, trouxe-lhes o livro: “Minha avó já foi bebê!” de Paula Sandroni, fazendo com eles uma reflexão sobre o envelhecimento. A pretensão desta atividade foi a de despertar a sensibilidade nas crianças com os idosos, aproximar as gerações e desmistificar os estereótipos negativos da velhice.

Após a leitura do texto mencionado, foi entregue uma folha de ofício com algumas palavras que adjetivavam o substantivo de avó/avô. Cada aluno pintou no quadro de opções de palavras os adjetivos que traziam algum significado para eles sobre ser idoso. Esta atividade foi substituída pelo questionário elaborado para as outras turmas já alfabetizadas.

A seguir, segue algumas questões respondidas pelos alunos do 2º ano do ensino fundamental da escola estadual:

PARA VOCÊ: SER AVÓ OU AVÓ É SER/TER...

BONITO	FEIO
DIVERTIDO	SÉRIO
DOENTE	SAUDÁVEL
RÁPIDO	DEVAGAR
FORTE	FRACO
ALEGRE	TRISTE
SER CARINHOSO	NÃO SER CARINHOSO
PELE LISA	PELE ENRUGADA
CABELOS ESCUROS	CABELOS BRANCOS
PODEM TRABALHAR	NÃO PODEM TRABALHAR
TER MUITO DINHEIRO	TER POUCO DINHEIRO
INDEPENDENTES	DEPENDENTES



Figura 36. Aluna A

PARA VOCÊ: SER AVÔ OU AVÓ É SER TER...

BONITO	FEIO
DIVERTIDO	SÉRIO
DOENTE	SAUDÁVEL
RÁPIDO	DEVAGAR
FORTE	FRACO
ALEGRE	TRISTE
SER CARINHOSO	NÃO SER CARINHOSO
PELE LISA	PELE ENRUGADA
CABELOS ESCUROS	CABELOS BRANCOS
PODEM TRABALHAR	NÃO PODEM TRABALHAR
TER MUITO DINHEIRO	TER POUCO DINHEIRO
INDEPENDENTES	DEPENDENTES



Figura 37. Aluno B

PARA VOCÊ: SER AVÔ OU AVÓ É SER/TER...

BONITO	FEIO
DIVERTIDO	SÉRIO
DOENTE	SAUDÁVEL
RÁPIDO	DEVAGAR
FORTE	FRACO
ALFORE	TRISTE
SER CARINHOSO	NÃO SER CARINHOSO
PELE LISA	PELE ENRUGADA
CABELOS ESCUROS	CABELOS BRANCOS
PODEM TRABALHAR	NÃO PODEM TRABALHAR
TER MUITO DINHEIRO	TER POUCO DINHEIRO
INDEPENDENTES	DEPENDENTES



Figura 38. Aluna C

PARA VOCÊ: SER AVÔ OU AVÓ É SER TER...

BONITO	FEIO
DIVERTIDO	SÉRIO
DOENTE	SAUDÁVEL
RÁPIDO	DEVAGAR
FORTE	FRACO
ALEGRE	TRISTE
SER CARINHOSO	NÃO SER CARINHOSO
PELE LISA	PELE ENRUGADA
CABELOS ESCUROS	CABELOS BRANCOS
PODEM TRABALHAR	NÃO PODEM TRABALHAR
TER MUITO DINHEIRO	TER POUCO DINHEIRO
INDEPENDENTES	DEPENDENTES



Figura 39. Aluno D

PARA VOCÊ: SER AVÓ OU AVÓ É SER/TER...

BONITO	FEIO
DIVERTIDO	SÉRIO
DOENTE	SAUDÁVEL
RÁPIDO	DEVAGAR
FORTE	FRACO
ALEGRE	TRISTE
SER CARINHOSO	NÃO SER CARINHOSO
PELE LISA	PELE ENRUGADA
CABELOS ESCUROS	CABELOS BRANCOS
PODEM TRABALHAR	NÃO PODEM TRABALHAR
TER MUITO DINHEIRO	TER POUCO DINHEIRO
INDEPENDENTES	DEPENDENTES



Figura 40. Aluno E

Quando cheguei à sala de aula do 2º ano, fiquei esperando no corredor para entrar, pois os alunos estavam sendo chamados a atenção pela professora da turma e supervisora, por causa do mau comportamento. Tanto a professora como a supervisora estavam reclamando da conversa, da falta de respeito, enfim. As crianças neste dia ficaram sem recreio.

Iniciei minha atividade do dia com a história proposta e, eles participaram muito no decorrer de toda narração do livro. Disseram que todos tinham álbum de bebê, que é melhor as fraldas descartáveis do que as de pano e ficaram loucos para saborear o bolo que a vó Estela preparou com a neta Mariana! Complementaram a atividade com o exercício proposto de adjetivar os idosos segundo a imagem de seus próprios conceitos. Alguns disseram que já haviam pensado que um dia também seriam avós/avôs, mas a maioria afirmou que nunca pensaram sobre isso.

As crianças gostaram muito desse livro, talvez tenha sido mais atrativo para a faixa etária delas. Todas realizaram a atividade proposta e comentaram que adoraram a aula deste dia. Isso é muito gratificante para o pesquisador que precisa adentrar no mundo infantil de maneira lúdica e com a leveza necessária para chamar a reflexão do tema proposto. Não se pretende aqui quantificar as informações dadas pelos alunos, apenas apresentar os adjetivos mais assinalados por eles. Para estas crianças, ser avô ou avó é Ser/Ter:

Quadro 06. Demonstrativo dos adjetivos dado aos idosos pelos alunos do 2º ano da rede estadual de ensino

1º É ser bonito.	6º Ter cabelos brancos.
2º Ser alegre, carinhoso e saudável.	7º Ser rápido, independentes, fraco e ter pouco dinheiro.
3º Ser divertido e poderem trabalhar.	8º Ter pele enrugada.
4º Ser forte, ter muito dinheiro, andar devagar e ser dependente.	9º Ser sério e não poderem trabalhar.
5º Ter cabelos escuros.	10º Ser triste e não ser carinhoso.

Através deste Quadro 06 foi possível analisar que nenhuma criança assinalou o idoso como doente e feio. Ao contrário, em primeiro lugar o adjetivo mais assinalado para caracterizar o idoso, foi *ser bonito*. Em segundo lugar o idoso para estas crianças é *alegre, carinhoso e saudável*. Em terceiro lugar ficou assinalado que o idoso é um *ser divertido e que ainda pode trabalhar*. Em quarto lugar os idosos são para eles alguém *forte, que tem muito dinheiro, que caminham devagar e são dependentes*. Na sua maioria, caracterizaram o idoso

com *cabelos escuros*, depois a minoria com *cabelos brancos*. Em sétimo lugar adjetivaram que o idoso é um *ser rápido, independente, fraco e que tem pouco dinheiro*. Em oitavo lugar ficou destacado a *pele enrugada* como característica observada nos idosos. Em nono lugar o idoso é um *ser sério e que não pode trabalhar*. Em décimo e último lugar o idoso foi caracterizado como alguém *triste e que não é carinhoso*.

Diante as revelações desta proposta pedagógica pode-se observar que os estereótipos destas crianças não foram negativos, ao contrário, se revestiram, na sua grande maioria, de adjetivos positivos em relação às características físicas e comportamentais dos idosos. Esta revelação é de extrema importância, pois demonstra uma nova visão do envelhecimento, com menos perdas e preconceitos pelas crianças. Esta turma de 2º ano por serem de pouca idade e por estarem menos absorvidas pelo mundo capitalista, onde a beleza e a juventude tem um valor extremo, é provida de um estado anímico que supera a visão turva que a sociedade do consumo impõe quando descarta o encanto de quem já viveu mais tempo.

Assim sendo, Bronfenbrenner corrobora quando escreve sobre o fortalecimento dos sistemas familiares para que o ecossistema humano não seja destruído, quando assim escreve:

O coração de nosso sistema social é a família. Se quisermos manter a saúde da nossa sociedade, temos de descobrir a melhor forma de proteger este coração. O que um sistema familiar precisa para crescer e ter sucesso? O que as crianças, o futuro da sociedade, no âmbito desse sistema, precisam para prosperar? Essas questões apontam para uma abordagem ecológica para o estudo do desenvolvimento humano. Formando a base para a pesquisa acadêmica durante a última década, esta abordagem pretende clarificar e definir quais condições são mais adequadas para o nosso desenvolvimento como indivíduos e membros da sociedade. Nesse contexto, a ecologia do desenvolvimento humano é definida como “a acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano em desenvolvimento e as mudanças dos ambientes imediatos e amplos em que a pessoa em desenvolvimento vive” (Bronfenbrenner, 1979/1996, p. 18) (2011, p. 277).

O poder tecnológico utilizado sem controle, a desestrutura familiar, a facilidade que o ser humano está tendo de usar e descartar coisas e pessoas irrefletidamente, a necessidade econômica cada vez maior exigida pelos pais para contemplar as necessidades e urgências dos filhos, entra em conflito com a sobrevivência humana e com a transformação necessária do meio ambiente atual. Por isso, a importância do papel do idoso no convívio familiar e no contexto ativo da sociedade para lembrar-nos dos valores vividos de sua época onde tudo era preservado e valorizado. Bronfenbrenner (2011) afirma neste sentido que a capacidade de sobrevivência da vida humana vai depender do cuidado e da aproximação ativa com os membros mais velhos da espécie.

4º encontro: (08/07/2015)

Continuando com a inserção ecológica, foi realizada neste dia a atividade de leitura do livro: “Ser idoso é... Estatuto do Idoso para crianças” de Fábio Sgroi. A intenção desta atividade foi saber se os alunos tinham conhecimento da existência do Estatuto do Idoso e de informar sobre os direitos desta população, nos seus principais artigos, de uma forma lúdica e também, de questioná-los sobre a importância desta lei em nossa sociedade. Visou também, instigar a reflexão sobre os valores como: respeito, tolerância e a solidariedade aos mais velhos.

Após a leitura do texto acima, o mesmo foi discutido entre todos, buscando situações do dia-a-dia que exemplificasse os artigos estudados. Posteriormente, foi solicitado aos alunos um desenho que mostrasse como deve ser nosso comportamento frente aos mais velhos nas situações cotidianas, expressando assim, sua compreensão sobre o estatuto do idoso. Esta atividade substituiu às produções textuais solicitadas as outras duas turmas.

A turma encontrava-se bastante agitada, neste dia. A história programada para este encontro que narra sobre o estatuto do idoso foi lida com um pouco de dificuldade, pois os alunos não estavam concentrados como na visita anterior. Porém a maioria dos alunos disse que desconhecia essa lei. Somente um menino da turma disse que já tinha “visto” em algum lugar este assunto. Após a solicitação dos desenhos sobre o entendimento do estatuto, pedi que os alunos pesquisassem sobre o envelhecimento e trouxessem gravuras, recortes sobre o tema para o próximo encontro realizarmos uma atividade em grupos.

A seguir, segue alguns desenhos elaborados pelos alunos do 2º ano do ensino fundamental da escola estadual sobre o Estatuto do Idoso:



Figura 41. Aluno A



Figura 42. Aluna B



Figura 43. Aluno C



Figura 44. Aluna D



Figura 45. Aluno E

Na figura 41 do Aluno A foi possível analisar a referência que o mesmo faz ao artigo do estatuto do idoso sobre o direito ao transporte. Este aluno desenhou um ônibus e uma idosa com bengala esperando para subir no veículo. Fez um semáforo com as três cores de sinalização e escreveu: “*Direito ao Transporte*”. Seu desenho foi bem elaborado relacionando corretamente o uso do artigo pretendido no seu trabalho.

Bédard diz que as crianças têm por hábito desenhar bicicletas, aviões, carros, ônibus e outros veículos, mostrando assim, sua atitude social em relação aos outros. Assim escreve quando se refere ao ônibus como veículo desenhado pelas crianças: “Os ônibus significam que a criança necessita fazer as coisas como as outras, funciona melhor em grupo e não lhe agrada sentir-se isolada.” (2013, p. 57).

O desenho da Aluna B na figura 42 observou-se novamente um ônibus e uma menina deixando a idosa passar na sua frente para embarcar. Mostrando assim, atitude de respeito aos mais velhos. A aluna ainda em processo de alfabetização assim escreveu para explicar o seu desenho: “*Eu fis o onibus e a menina deidendo a velha pasar na feite*”. Mesmo

com dificuldades ortográficas, o que é normal no nível de ensino em que se encontra, a Aluna B conseguiu relacionar com propriedade seu desenho a sua escrita.

Quanto ao processo de alfabetização e letramento em nossa sociedade capitalista, temos a colaboração de Soares quando escreve sobre este assunto:

[...] alfabetiza-se para que o indivíduo seja mais produtivo ao sistema, não para que se aproprie de um bem cultural fundamental à conquista da cidadania; basta lembrar que, embora se ensine a ler e a escrever, dificulta-se, até impossibilita-se, o acesso à leitura: onde estão as bibliotecas escolares e públicas? Onde estão as livrarias? Onde está o livro a preço acessível? (2005, p. 59).

Realmente, esta reflexão nos induz a pensar em soluções para combater a precariedade no ensino, na aprendizagem dos alunos, no acesso à cultura e ao lazer, tão necessários para o desenvolvimento humano. Não somente no processo de alfabetização, nos anos iniciais do ensino, mas ao longo da trajetória educacional. A leitura crítica da realidade se torna um instrumento capaz de transformar e libertar toda e qualquer forma de opressão humana. Daí, a importância da luta pela educação de qualidade na formação de uma cidadania com melhores oportunidades.

A figura 43 do Aluno C foi representada por um idoso sorrindo ao lado de uma roda gigante. Essa abordagem remete ao capítulo V da Educação, Cultura, Esporte e Lazer no seu Art. 20 que diz: “O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade”. Neste desenho, o Aluno C agrega as duas fases da vida: infância e velhice como se fosse a mesma, sem restrições de brincar na velhice.

A Aluna D na figura 44 desenhou no lado esquerdo da folha, duas idosas e em cima dessa representação escreveu a palavra: “*saudi*”. No centro do desenho um idoso e em cima dele escrito: “*moradia*” e no lado direito da folha uma criança auxiliando uma idosa e, em cima deste desenho a palavra: “*ajudar*”. Estas representações destacam alguns dos artigos do Estatuto que provavelmente foram mais significativos para esta aluna.

O aluno E da figura 45 escreveu como título do seu desenho: “*Os itosos mereses saude*”. Abordando com bastante propriedade o capítulo IV do Estatuto do Idoso no Art. 15, quando cita o direito à saúde. Abaixo do título principal do desenho a palavra: “*ospital*”. Representou no hospital um idoso deitado sorrindo e escreveu com uma escrita espelhada: “*Eu to com fome*”. Ao lado um enfermeiro também sorrindo.

5º encontro: (15/07/2015)

Esta atividade buscou, através do trabalho em grupo, socializar o conhecimento aprendido sobre o envelhecimento, oportunizando uma síntese de como devemos tratar os idosos. Foi solicitado o material que eu havia pedido no encontro anterior aos alunos, mas não houve interesse de nenhum aluno desta turma em pesquisar o assunto. Novamente, notou-se a desmotivação dos alunos pela busca de conhecimentos, através da pesquisa. Fator este preocupante e que deve ser reparado com urgência tanto pela escola quanto pela família, reduzindo assim, a repetência e a evasão escolar.

Como esta turma é reduzida, separei dois grupos: um de seis alunos e outro de cinco para a confecção dos cartazes. No início houve um pouco de discussão até o grupo conseguir se entender. Como são alunos pequenos é normal encontrar dificuldades em dividir tarefas e trabalhar em grupos, principalmente notada entre os meninos. Mas, ambos os grupos conseguiram confeccionar seus cartazes de maneira criativa e cooperativa. Os dois grupos socializaram seus trabalhos. Na sequência me despedi de todos, deixando uma lembrancinha para cada aluno, professora, coordenadora e diretora, agradecendo o carinho e o espaço para a realização desta pesquisa.

A seguir, segue os cartazes elaborados pelos dois grupos dos alunos do 2º ano do ensino fundamental da escola estadual:



Figura 46. Grupo A



Figura 47. Grupo B

Ao analisar a Figura 46 do Grupo A notou-se as seguintes ilustrações presentes no cartaz: a existência de aviões, pássaros, céu, nuvens, sol, casa, motos, carros e uma placa dizendo: “*Cuide dos idosos – Vaga para idosos*”, o Shopping de Pelotas e alguns idosos passeando por lá, sorridentes.

Para estes alunos a velhice não é vista com limitações e estigmas negativos. Na existência do lazer aos idosos o Estatuo do Idoso aparece impondo o respeito à vaga em estacionamentos exclusivos para eles. Estes dados revelam a internalização dos conhecimentos adquiridos pelos alunos acerca do tema e a superação por eles das dificuldades que o processo de envelhecimento comporta.

Quando há representações de veículos em desenhos, Bédard menciona sobre a presença de aviões nos mesmos quando assim escreve:

O avião voa sempre mais para cima, mais rápido e sobre todos os demais. A criança que os desenha está manifestando um certo poder de liderança. É uma criança que compreende rápido as coisas e que reage também com certa rapidez. Pode, inclusive, parecer-lhe que os demais são lentos. É conveniente que seu grupo de amigos seja formado por crianças de mais idade do que ela, pois tem pressa para ser como os maiores. (2013, p. 57).

Na figura 47 do Grupo B verificou-se como título do cartaz: “*Idosos tem os céus sintidos*”. Há a presença de um sol, nuvens e muitos corações e flores. Ao lado esquerdo do cartaz há a presença de uma idosa cadeirante e uma pessoa empurrando a sua cadeira. Acima destes, a frase: “*Um jovem a judando uma idoso com amor e carinho*”. No centro do cartaz encontra-se o desenho de duas mulheres e a frase: “*Eu amor minha a avó*”. No lado direito da cartolina observa-se algumas frases como: “*Tem qui te respeito*”, “*Tem queda o lugar pro idoso*”. Uma das alunas deste grupo se desenhou dando o lugar para a idosa dizendo: “*Podi pega o luga vovó*”.

Na análise deste desenho, foi possível perceber a afetividade que este grupo apresentou quando abordou sentimentos como amor, respeito, carinho pelas pessoas idosas. O cartaz com cores bem coloridas remete a harmonia e alegria na construção do tema. Neste sentido, pensou-se na constituição da subjetividade do sujeito e suas relações sociais, encontrando em Molon a seguinte contribuição:

Para Vygotsky são os sentimentos e os pensamentos, a atividade e a experiência que movem a criação humana. Tendo presente a complexidade deste pressuposto, relação entre realidade e imaginação na constituição do sujeito, a análise do sujeito não se limita à ordem do biológico e nem se localiza na ordem do abstrato, mas sim ao sujeito que é constituído e é

constituente de relações sociais. Neste sentido, o homem sintetiza o conjunto das relações sociais e as constrói. (2009, p. 115).

Molon (2009) afirma que para Vygotsky a constituição da subjetividade do sujeito está atrelada a partir da constituição do outro em mim de forma permanente. Busca romper a separação entre o indivíduo e o social, entre o sujeito abstrato e o sujeito empírico, mostrando que somos todos diferentes e meros reflexos da realidade social, sem com isso estarmos reduzidos às determinações sociais.

Neste aspecto, Bronfenbrenner aborda sobre o desenvolvimento humano em nível microssistêmico como ambientes primários de desenvolvimento:

O potencial desenvolvimental de um ambiente é uma função da extensão em que os papéis, as atividades e as relações ocorrendo neste ambiente servem, depois de um período de tempo, para acionar e manter padrões de motivação e atividade na pessoa em desenvolvimento, padrões que depois adquirem um momento (quantidade de movimento) próprio. Em resultado, quando a pessoa entra num novo ambiente, o padrão é transportado e, na ausência de forças opostas, aumenta em alcance e intensidade. Os microssistemas que apresentam estas propriedades e efeitos são conhecidos como *ambientes primários*, e os padrões persistentes de motivação e atividade que eles induzem no indivíduo são chamados de *trajetórias desenvolvimentais*. (2002, p. 217).

Daí, a importância das instituições educacionais tornarem-se ambientes que instiguem e direcionem o funcionamento da pessoa para outro ambiente mais complexo. Tornando os educandos mais persistentes em sua formação e estimulados a conhecer e explorar um novo ambiente. Bronfenbrenner afirma que:

“[...] enquanto a pessoa permanece no mesmo ambiente primário, não podemos saber com certeza se aquele ambiente está tendo uma influência benéfica ou nociva sobre o crescimento psicológico da pessoa; o comportamento observado pode ser meramente adaptativo e não refletir nenhuma mudança desenvolvimental genuína.[...]”.

Agora, serão apresentados os dados obtidos na turma de 4º ano do ensino fundamental da rede privada.

3.2.3 Inserção na Rede Privada de Ensino

Foi preservado o mesmo plano de atividades (APÊNDICE 06) para melhor desenvolver a proposta de pesquisa. Nele consta itens como: data, nível de ensino, rede escolar de ensino, tema transversal, duração da atividade, áreas ou disciplinas envolvidas,

objetivos, metodologia, recursos, sequência didática, avaliação e bibliografia. Foram realizados cinco encontros (um por semana) com duração média de uma hora/aula cada atividade.

No primeiro encontro com as crianças da rede privada, foi realizada a minha apresentação pessoal e profissional, apresentada a proposta da minha pesquisa e a importância do auxílio deles para que este trabalho se concretizasse.

1º encontro: (18/06/2015)

A primeira proposta solicitada aos alunos visou descobrir quais os conceitos internalizados sobre o que é ser “velho” ou “idoso” para eles. A partir de suas representações através do desenho, buscou-se considerar o modo singular e subjetivo dos conteúdos pessoais e sociais que cada criança possuía. Antes do início da atividade foram dadas algumas questões reflexivas sobre o que é ser idoso: características físicas, onde estes moram, que atividades realizam, condições de saúde, onde podem ser encontrados, enfim. Após estas questões norteadoras, foi entregue uma folha de ofício para cada aluno e solicitado à confecção do referido desenho. Logo após o término da atividade, todas as crianças foram convidadas para apresentar suas produções à turma.

A seguir, segue alguns desenhos dos alunos do 4º ano do ensino fundamental da escola privada e a representação do que é ser “velho” ou “idoso” para eles:

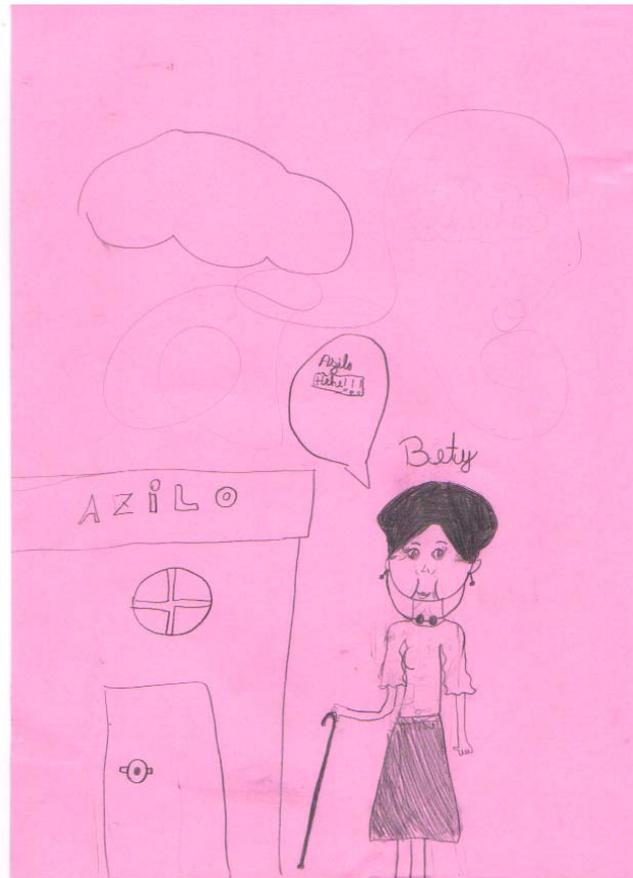


Figura 48. Aluna A



Figura 49. Aluno B



Figura 50. Aluna C



Figura 51. Aluno D



Figura 52. Aluna E

Os alunos desta turma de 4º ano foram bem receptivos e participaram relatando a imagem que têm dos idosos, através de seus desenhos. Fisicamente descreveram que estes apresentam: a pele enrugada, cabelos, barba e bigode brancos, estas foram às características mais citadas, assim como, a dificuldade de entender as coisas (raciocínio mais lento), perda da audição e da visão. A maioria citou o asilo como lugar de moradia dos idosos e outros, a casa. Para eles o idoso necessita de bengalas e cadeiras de rodas. Descreveram também que os idosos que conhecem se utilizam de internet, redes sociais e celulares, porém afirmaram que necessitam da ajuda deles para realizar este processo, já que apresentam dificuldades de operar com a tecnologia. A maioria dos alunos apresentou seus trabalhos ao grande grupo e confirmaram que já estiveram visitando o asilo através da escola. Todaro sobre este assunto acrescenta:

Uma ação educativa gerontológica apresenta-se como uma das muitas intervenções pedagógicas possíveis e se mostra viável diante do desafio brasileiro de compreender um novo contexto social e populacional. Pensada com base em pressupostos progressistas, dialógicos e problematizadores, representa um veículo promotor de mudança de atitudes. Seu arcabouço teórico faz parte do legado deixado por Paulo Freire e da gerontologia social, que em outros países vem dando conta de discutir os delineamentos dos

programas e de modificar as atitudes e crenças dos indivíduos mais jovens em relação aos mais velhos. (2009, p. 70).

Na figura 48 da Aluna A pode-se observar que para ela ser idosa é residir em uma instituição e utilizar bengala. No entanto, seu desenho não transparece nenhuma tristeza ou outro sentimento negativo por esta realidade pensada. Na construção escrita do seu desenho foi possível notar o seguinte: *Azilo Hehe!!!* O nome da idosa que ela descreveu foi Bety o que não condiz com seu nome verdadeiro.

Na figura 49 o Aluno B imaginou um idoso sorrindo ao lado do asilo ao qual reside. O desenho não apresentou outras características que pudessem ser interpretadas. Este idoso se posiciona de frente e do lado de fora do asilo, não representando muita idade.

Ao analisar a figura 50 da Aluna C, o cenário remete a uma instituição para idosos. Existe a presença de uma enfermeira que empurra a cadeira de rodas de uma idosa, ambas estabelecendo o seguinte diálogo: A enfermeira diz: “*Vamos ouvir Sidnei Magau?*” e a idosa responde: “*Que? Hoje vai ter mingau?*”. Através deste diálogo pode-se compreender que esta aluna quis ressaltar a dificuldade de audição quando se fica mais velho. Na frente delas existe outro idoso em pé e de bengala. Este idoso está virado de costas e nota-se sua calvície e sua bengala como estereótipos do envelhecimento.

Zimerman corrobora com os estereótipos do envelhecimento quando fala nas perdas das capacidades que vão tornando o idoso mais limitado e, na postura que a família e a sociedade adquirem ao tratá-lo, como assim escreve:

Existe, na nossa sociedade, um grande preconceito quanto a exibir em público deficiências, sejam de que tipo forem. Vivemos o que chamo de “mito da cadeira de rodas”. Muitas famílias preferem “esconder” seu velho em casa em vez de levá-lo a passear em cadeiras de rodas, quando ele não tem condições de se locomover sozinho. O próprio velho tem pavor de ser visto nessa situação ou ainda usando ténis ou bengala. O resultado é que o velho fica confinado em casa, quando poderia passear, divertir-se e continuar fazendo coisas que fazia antes e para as quais teria perfeitas condições. [...]” (2007, p. 61).

No desenho do Aluno D na figura 51, observam-se vários riscados com cores predominantes vermelho, verde e amarelo. Percebe-se que o lugar no desenho faz referência ao asilo e que no centro a um idoso deitado numa cama. Além dos traços e cores fortes não foi possível destacar outros itens que compunha o desenho.

Na figura 52 da Aluna E foi proposto por ela o asilo de idosos como moradia para as pessoas mais velhas. Desenhou uma idosa ao lado esquerdo da porta, com fisionomia séria,

utilizando óculos de grau, coque no cabelo e bengala. Na entrada do asilo uma porta larga e maior que ela, com uma maçaneta centralizada ao lado direito da porta.

Ao analisar as dimensões da porta de entrada de uma casa desenhada pelas crianças, Bédard aborda que quando esta é demasiada pequena mostra dificuldades que a criança tem em convidar pessoas para sua casa. Na figura 52 a Aluna E fez uma porta larga e maior que ela, traduzindo a referida autora assim: “No entanto, uma porta muito grande é sinal de boas vindas, dirigidas para quase todos que chegam. Para esta criança a vida é quase uma festa contínua”. (2013, p. 41).

2º encontro (25/06/2015)

Continuando ainda a visualizar os conceitos internalizados dos alunos sobre a velhice, foi elaborada nesta segunda proposta uma abordagem sobre as fases da vida. Conversamos sobre o desenvolvimento humano desde o nascimento, a infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice, como processos naturais de desenvolvimento. Intentou-se aqui descobrir através do imaginário das crianças qual a projeção que representariam de si mesmos na sua velhice. Foram abordadas as características físicas de cada fase, atividades que cada qual desenvolve na idade correspondente, até adentrarmos ao tema envelhecimento. Após esta introdução foi entregue uma folha de ofício para que individualmente cada criança iniciasse o processo de reflexão sobre o seu próprio envelhecimento através do desenho. Todos os alunos foram convidados a apresentar seus desenhos à turma, verbalizando suas projeções.

A seguir, segue alguns desenhos dos alunos do 4º ano do ensino fundamental da escola privada e a representação de como eles se imaginaram idosos:



Figura 53. Aluna A

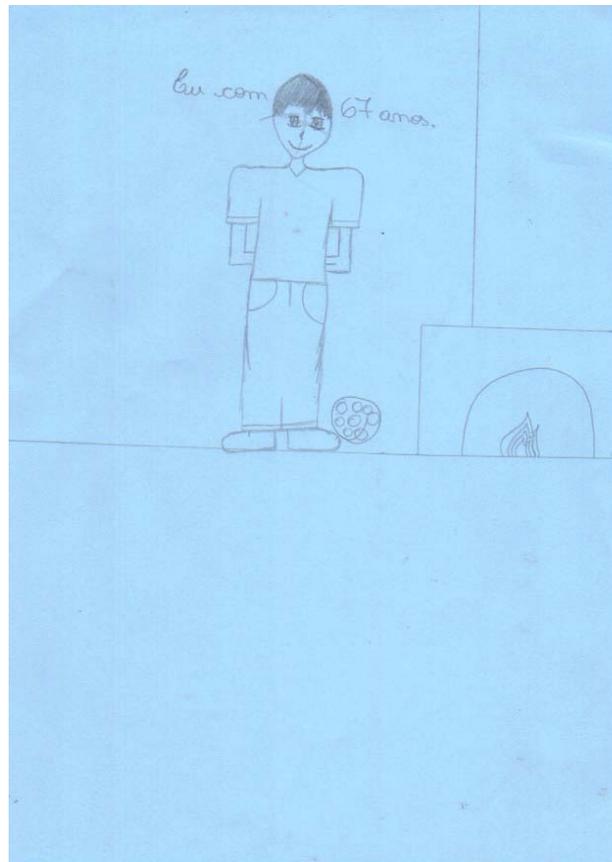


Figura 54. Aluno B



Figura 55. Aluna C

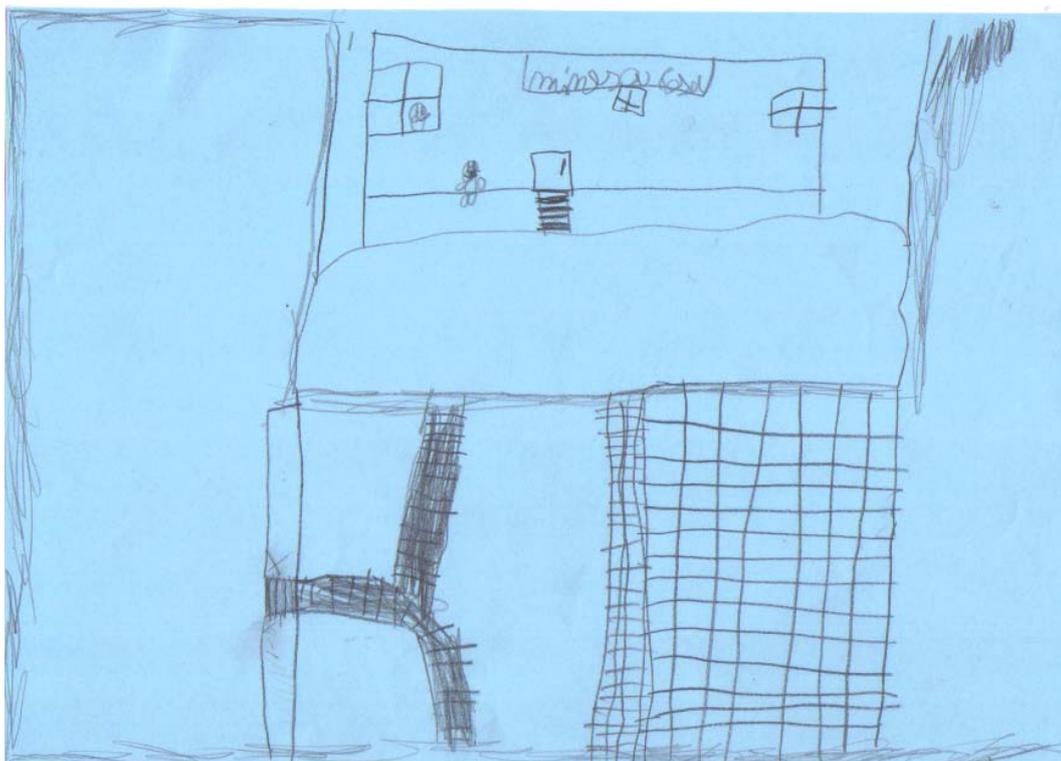


Figura 56. Aluno D



Figura 57. Aluna E

Neste dia, às 14hs a escola apresentou um teatro de bonecos para as crianças do turno da tarde. Fui convidada para assistir o mesmo pela coordenadora pedagógica e aceitei o convite. Teve uma duração de 45 minutos. Neste período pude observar no anfiteatro a construção de um espaço criativo que a escola oportunizou as crianças; o efeito do lúdico, das brincadeiras com os bonecos e da música como instrumentos de desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial; a afetividade dos professores com os alunos; a reciprocidade que estes eventos despertam nas crianças que felizes interagiam com o teatro: batendo palmas, dançando, cantando, conversando com os bonecos.

Após o teatro, fui para a sala de aula desenvolver a proposta da atividade já descrita. Pude notar os alunos mais dispersos, o que era natural e de se esperar. Após nossa conversa sobre as fases da vida, foi solicitado a eles, o desenho de como se imaginavam na velhice e todos participaram com interesse. Porém, na hora de expor os trabalhos ao grande grupo, poucos foram os alunos que quiseram participar. A insegurança e a timidez ainda são fatores

muito presentes nas crianças quando necessitam falar em público. O medo de errar, de ser criticada pelos outros, faz com que a criança prefira se preservar. O ambiente familiar e social tem forte influência na conservação ou superação deste estado emocional.

Na figura 53 da Aluna A foi possível observar, mais uma vez, o asilo como representação de moradia dos idosos. Nele consta uma porta, uma cama e a aluna se representando como idosa. Sua aparência física não comporta nenhuma bengala, andadores ou cadeira de rodas. Ela se apresenta em pé e sorrindo.

No desenho do Aluno B na figura 54 o aluno se imaginou idoso sem características físicas de idoso, ou seja, com uma roupa esportiva, cabelos escuros, com uma bola de futebol ao lado e sorrindo. Não descreve o lugar onde está apenas o representa com uma lareira. Escreve no desenho: “Eu com 67 anos”.

Devida à rápida transição demográfica no Brasil, ou seja, progressivas quedas nas taxas de fecundidade e de mortalidade e o aumento da expectativa de vida da população idosa surgem um novo modelo de idoso que descaracteriza o modelo tradicional que se conhece. Com a melhoria nos hábitos de vida e nos cuidados com a saúde, muitas das doenças podem ser prevenidas, proporcionando tanto uma aparência mais jovem quanto a disposição para o exercício das atividades que permeiam o cotidiano desses sujeitos. Siqueira acrescenta a esta ideia quando escreve:

Ser ativo e participativo após os 60 anos, de acordo com as próprias limitações e potencialidades, não pode ser considerado como um privilégio conquistado pelo indivíduo, mas um direito que o Estado deve garantir a seus cidadãos. A sociedade tem o dever de promover um ambiente no qual seus idosos possam desfrutar direitos e oportunidades, após uma vida dedicada à construção dessa sociedade. (2009, p. 209).

Na figura 55 da Aluna C também não foi descrito o lugar em que está. Pelo que se pode notar, a aluna se imaginou num lugar aconchegante com lareira, onde se encontra sentada em frente à mesma. Ao seu lado, sua bengala. Em cima da bengala um pássaro que parece lhe fazer companhia. Sua aparência física não revela traços da idade, possui cabelos longos, ausência de óculos de grau. Na sua vestimenta, observa-se o detalhe do cachecol enrolado no pescoço e as mãos para trás. Seu semblante é tranquilo.

Seguindo as apresentações dos desenhos, temos na figura 56 do Aluno D a construção de sua casa como moradia na velhice. Nesta casa, observaram-se três janelas, uma delas com um vaso de flor; uma porta pequena com maçaneta ao lado direito da porta; uma

calçada de acesso à porta e o título do desenho: “*Minha casa*”. Ele se representou do lado de fora da casa.

Na figura 57 da Aluna E, a mesma se representou muito bonita na velhice. De vestido longo e batom vermelho, de coque, óculos de grau e bengala. Aparece sorrindo e desconectada de qualquer contexto ambiental. Por isso, não houve possibilidade de imaginar qual o lugar que esta aluna pensou vivenciar sua velhice.

3º encontro: (02/07/2015)

Já com uma prévia sobre o imaginário dos alunos sobre o que é ser velho e como seriam e onde estariam quando chegasse esta fase para eles, venho a contribuir neste encontro com a leitura e interpretação do texto: “Minha avó já foi bebê!” de Paula Sandroni, fazendo junto com eles uma reflexão sobre o envelhecimento. A pretensão desta atividade foi de despertar a sensibilidade das crianças para com os idosos, aproximar as gerações e desmistificar os estereótipos negativos da velhice.

Após a leitura do texto com as crianças, foi entregue uma folha de ofício contendo três perguntas interpretativas sobre o texto, onde cada aluno respondeu e entregou a pesquisadora:

1ª) Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época de Mariana. Quais foram essas mudanças e qual a sua opinião sobre elas?

2ª) Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô ou avó? O que acha da ideia?

3ª) Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

A primeira questão objetivou comparar os tempos mais antigos com os atuais em termos tecnológicos e outros indicadores sociais, visando assim, saber da opinião dos alunos sobre as mudanças ocorridas. Na segunda questão, intentou-se fazê-los refletir sobre a ideia de se tornarem avós/avôs, e questioná-los se já haviam pensado nisso antes, posicionando-se sobre esta projeção. Na terceira e última questão, tendo os avós/avôs como referencial de idosos mais próximos das crianças, tentou-se investigar semelhanças e afinidades com este

referencial. Esta história foi muito bem quista pelos alunos e com certeza despertou a afabilidade para com os mais velhos.

Abaixo, segue algumas questões respondidas pelos alunos do 4º ano do ensino fundamental da escola privada:

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
Livro: Minha avó já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

a toquinha, as fraldas e super tanque. Eu acho difícil lavar as fraldas

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avó ou avô? O que acha da ideia?

quando os filhos dele tiverem filhos. Sim, legal

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

Não tanto assim. Por que os meus avós de destruição podem acabar e eu não sei que pagou conta, mas os meus avós não ficam perguntar um monte de coisa



Figura 58. Aluna A

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
 Livro: Minha avó já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

Não tinha super máquina de lavar, fralda descartável e não tinha tanta tecnologia. E isso é muito melhor que hoje.

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô ou avó? O que acha da ideia?

Mariana será avó quando suas filhas tiverem filhas. Eu nunca pensei e não gosto da ideia.

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

Não, é muito engraçado k k k k!



Figura 59. Aluna B

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
 Livro: Minha avó já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

Positivo: porque a vida era um pouco
 mais difícil na época.

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô ou avó? O que acha da ideia?

Quando seus filhos tiverem filhos. Não.
 Não.

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

Sim porque a minha avó faz uma
 bebê muito gostosa.



Figura 60. Aluna C

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
 Livro: Minha avó já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

Sim, porque a maneira das coisas mudaram muito e se
 deverem ler coisas mais que as pessoas têm sempre começando
 me ajudar.

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avô ou avó? O que acha da ideia?

Eu nunca pensei nisso mas acho bem legal.

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

Gostaria porque ele é muito legal.



Figura 61. Aluno D

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
 Livro: Minha avó já foi bebê! Autora: Paula Sandroni

1ª QUESTÃO: Algumas mudanças ocorreram no tempo em que a Vó Estela era bebê para a época da Mariana. Quais foram essas mudanças e qual sua opinião sobre elas?

A grande mãe era muito útil porque o pai não tinha que ser lordeado.
 Da foto não se sabe porque não dava pra ver muito. Além disso ela se preocupava
 O tempo não era útil porque se não se comeria tinha que lavar a mão.

2ª QUESTÃO: Quando Mariana será chamada de avó? E você, já havia pensado antes que um dia poderá ser avó ou avô? O que acha da ideia?

se ela tiver filhos e se o filho dela tiver filhos.
 sim e eu acho que é uma ideia legal

3ª QUESTÃO: Você gostaria de ser igual a sua avó ou ao seu avô? Justifique sua resposta.

sim porque meu avô e minha avó são legais.



Figura 62. Aluno E

Neste dia, as crianças estavam bem agitadas, falando ao mesmo tempo e fora de seus lugares. Pedi então que fizessem silêncio e apresentei a proposta da leitura do livro e eles foram muito receptivos a este trabalho de leitura e interpretação. Então, comecei a contar a história do livro e os alunos foram contribuindo naturalmente contando como eram seus avós/avôs. Alguns concordaram que a época atual da Mariana (personagem do texto) é bem melhor por causa da tecnologia, outros discordaram, dizendo que na época da Vó Estela era melhor, pois não existia tanto perigo e se podia brincar nas ruas. Quando indaguei se já haviam pensado que um dia seriam avós/avôs no futuro, alguns disseram que sim, outros que não. Esse não é um pensamento tão distante das crianças como se imagina. Disseram também que às vezes não se pode ser mãe ou pai e que também acontece das pessoas morrerem antes de ficarem velhas.

A turma disse que estava gostando das atividades que eu estava levando para eles. Isso prova que os assuntos relacionados à existência humana e seu desenvolvimento estão intrínsecos nos interesses dos indivíduos. Por isso o educador deve se apoderar do espaço da sala de aula cada vez mais. Contribuir na formação humana e na sua cidadania, através de temas transversais, saindo um pouco da rigidez curricular, se acrescenta e muito na formação dos educandos.

Bronfenbrenner escreve sobre a Teoria dos Sistemas Ecológicos e o desenvolvimento humano:

[...] Mudar os seres humanos é um esforço cujas chances de sucesso não são grandes; nossa melhor esperança como cientistas é tentar compreender sua natureza. E são nos macrossistemas, onde nós humanos fazemos em grande escala o melhor ou o pior para nosso próprio desenvolvimento. (2011, p. 134).

Após a análise das respostas, pode-se observar na primeira questão que as mudanças do mundo de antes para a atualidade, foram para melhor na sua maioria. Os alunos citaram, de acordo com a leitura realizada, as seguintes mudanças da época da Vó Estela para a de Mariana: *as fraldas de pano ao invés das descartáveis, a ausência de máquina de lavar roupas e a utilização do tanque para isso, o uso de toucas nos bebês que não se utiliza mais nos dias atuais, a inexistência de aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos*. Sendo concluído por eles que atualmente a vida ficou mais fácil e que hoje existe mais conforto do que antes. Embora, alguns alunos responderam que antigamente era melhor porque não existiam tantos crimes, que se podia brincar na rua. Outra aluna ressaltou em sua resposta que hoje em dia as pessoas estão sempre mexendo no celular.

Na figura 59 da Aluna B é possível observar na primeira questão onde questiono sobre as mudanças do tempo da Vó Estela para o de Mariana, tendo como resposta dela: *“Não tinha super maquina de lavar, fralda descartável, e não tinha tanta tecnologia. E isso é muito melhor que hoje”*.

Na segunda questão onde foi indagado se já haviam pensado em serem avós/avôs e o que achavam desta ideia, a maioria dos alunos respondeu que já havia pensado sobre o assunto, achando a ideia positiva. Aqueles que nunca pensaram sobre esta possível realidade, após refletirem sobre o assunto, também afirmaram que a ideia seria boa, exceto a Aluna 59 da figura B que respondeu: *“[...]Eu nunca pensei e não gosto da ideia”*. Nas respostas gerais das crianças, tornarem-se avós/avôs seria interessante porque teriam a mesma visão das coisas dos seus avós e avôs.

Na terceira questão a maioria dos alunos afirmou que gostariam de serem parecidos com seus avôs/avós, por alguns motivos: *pelos bolos, comidas e sobremesas gostosas feitas pela vovó; por acharem os mesmos legais com eles; por serem cheios de histórias para contar; por serem divertidos, gentis e agradáveis*. Apenas as Alunas A e B das Figuras 58 e 59, respectivamente, não gostariam de ser parecidas com suas avós/avôs, justificando suas respostas. A Aluna A da Figura 58 respondeu: *“Não tanto assim. Porque os meus anos de diversão iriam acabar e eu ia ter que pagar conta, mas os meus netos iam ficar perguntar um monte de coisa”* e a Aluna B da Figura 59 assim respondeu: *“Não, é muito enrugado K K K K!”*.

4º encontro: (09/07/2015)

Foi realizada neste dia a atividade de leitura do livro: *“Ser idoso é... Estatuto do Idoso para crianças”* de Fábio Sgroi. A intenção desta atividade era saber se os alunos tinham conhecimento da existência do Estatuto do Idoso, de informar sobre os direitos dos idosos nos seus principais artigos de uma forma lúdica e de questionar a importância desta lei em nossa sociedade. Visou também, instigar a reflexão sobre os valores como: respeito, tolerância e a solidariedade aos mais velhos.

Após a leitura do texto acima, o mesmo foi discutido entre todos, buscando situações do dia-a-dia que exemplificasse os artigos estudados. Posteriormente, foi solicitada aos alunos uma pequena produção textual referente ao aprendizado sobre o livro.

Neste dia, fui muito bem recebida pelas crianças e professora. De toda a turma participante, apenas um menino e duas meninas disseram que conheciam o Estatuto do Idoso de ouvir falar, mas sem saber o que de fato representava. Vários exemplos foram citados por eles: de ver idosos morando nas ruas, de terem visto pessoas cederem assento no ônibus, uma avó de aluno que cursa espanhol, enfim. As reflexões foram surgindo naturalmente, conforme a narração do livro se desenvolvia. Cada educando respondeu o que aprendeu sobre o estatuto de maneira tranquila e segura. Foi dada a tarefa de pesquisa sobre como estão vivendo nossos idosos no Brasil para o próximo e último encontro.

Abaixo, segue algumas produções textuais escritas pelos alunos do 4º ano do ensino fundamental da escola privada:

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças
Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

Eu aprendi que todos os idosos tem que ter respeito por todos, adultos, crianças e adolescentes, eu não conhecia o estatuto do idoso e gostei muito dessa lei...



Figura 63. Aluna A

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças
Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

Os idosos tem preferência e inclusão a 50% de desconto
Eu acho importante e educado essa lei
E se quiser bastante mais lei.



Figura 64. Aluno B

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças

Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

♥ Os idosos tem o direito de brincar com os filhos, netos e até vizinhos.

♥ No Brasil as pessoas são consideradas idosos a partir dos 60 anos ou mais.

♥ No ônibus as pessoas tem que dar o seu lugar para o idoso.



Figura 65. Aluna C

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças

Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

Eu achei muito legal, já tinha escu- tado e nem me dá a ideia o que era, com essa lei eu aprendi que o idoso tem direito a 50% de desconto em programas culturais artísticos tem abrigo, tem direito a 10% de lugares no ônibus, e a partir de 65 anos a passagem no ônibus gratuitamente e eu acho a mais legal os idosos tem abrigo.



Figura 66. Aluno D

Informando e educando: Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças
Autor: Fábio Sgroi

Neste espaço, escreva o que aprendeu sobre o Estatuto do Idoso:

Os idosos tem preferência para várias coisas e eu aprendi que o estatuto do idoso é muito importante e muito gente não respeita.

Linda Lupa
nomes



avó

Figura 67. Aluna E

Foi possível observar, através das produções textuais recebidas dos alunos que a maioria deles não conhecia o Estatuto do Idoso. Apreciaram estudar esta lei e afirmaram que a existência dela é necessária para o cumprimento dos direitos dos idosos. Na figura 63 a Aluna A cita seu aprendizado em sua produção textual: *“Eu aprendi que todos os idosos tem que ter respeito por todos, adultos, crianças e adolescentes, eu não conhecia o estatuto do idoso e gostei muito dessa lei”*.

Na figura 65 a Aluna C escreve sobre o Estatuto do Idoso: *“Os idosos tem o direito de brincar com os filhos, netos e até sozinho[...]”* Nesta reflexão, percebe-se a importância do brincar para a criança que estende este comportamento para a velhice. Infelizmente, com o passar dos anos o ser humano vai perdendo o contato com sua criança interior, diminuindo a capacidade de enxergar a vida com mais inocência e brandura. A sociedade cada vez mais exige que as pessoas produzam e consumam, deixando-as sem tempo para o exercício do lúdico com a família, do lazer, do tempo necessário para si e para o outro.

Neste sentido, Bauman acrescenta sobre a ausência física dos trabalhadores, homens e mulheres, no cenário do lar e suas impaciências para solucionar conflitos:

Como as habilidades necessárias para conversar e buscar entendimento estão diminuindo, o que costumava ser um desafio a ser confrontado de maneira direta e encarado se transforma cada vez mais num pretexto para romper a comunicação, fugir e queimar pontes atrás de si. Ocupados em ganhar mais dinheiro em função de coisas de que creem precisar para serem felizes, homens e mulheres têm menos tempo para a empatia mútua e para negociações intensas, por vezes tortuosas e dolorosas, mas sempre longas e desgastantes. E ainda menos para resolver seus mútuos desentendimentos e discordâncias. (2008, p. 153).

Na figura 67 da Aluna E, esta assim escreve: *“O idoso tem preferência para várias coisas e eu aprendi que o estatuto do idoso é muito importante e muita gente não respeito”*. Realmente, ainda há muitas pessoas que não conhecem o Estatuto do Idoso e muitas delas conhecem e não respeitam os seus artigos.

Todaro aborda sobre a importância do respeito entre as gerações para que a sociedade possa comportar espaços mais plurais, onde as diferenças possam ser respeitadas em todas as fases da vida:

Alguns proclamam que as crianças são as portadoras da esperança de um futuro melhor, ao passo que os velhos representam um peso. Para outros, as crianças são um peso, por não contribuírem para o orçamento familiar, e os velhos são os esteios das famílias, mesmo recebendo parcos benefícios previdenciários. Reconhecer a heterogeneidade e respeitar as diferenças é o

ponto de partida indispensável para que se obtenham espaços mais plurais e mais universais (Gusmão 1999), onde *saber ser* seja tão importante quanto *ter e saber fazer*. (2009, p. 116).

5º encontro: (16/07/2015)

A atividade buscou, através do trabalho em grupo, socializar o conhecimento aprendido sobre o envelhecimento, oportunizando uma síntese de como devemos tratar os idosos, já que no futuro nós também os seremos.

Foi solicitado o material que eu havia pedido no encontro anterior aos alunos, mas houve interesse de apenas uma aluna desta turma em pesquisar o assunto. Após, foi dividida a turma em três grupos de cinco alunos escolhidos por eles e entregue uma cartolina a cada grupo para a confecção de cartazes. Todos os grupos foram convidados a apresentarem os seus cartazes para a turma no final da atividade.

Fui muito bem recebida pelos alunos e fomos conversando sobre as férias de inverno que estavam chegando, as notas finais das provas, e também do término do meu trabalho com eles. Nos trabalhos foi possível verificar valores como respeito, amor, assim como, o estatuto dos idosos em alguns dos seus artigos. Todos os trabalhos foram apresentados pela turma. Apenas uma única aluna fez uma entrevista com um idoso (seu pai) e anexou a mesma ao cartaz. Na sequência me despedi de todos, deixando uma lembrancinha para cada aluno, professora, coordenadora e diretora, agradecendo o carinho e o espaço para a realização desta pesquisa.

A seguir, segue os cartazes elaborados pelos três grupos dos alunos do 4º ano do ensino fundamental da escola privada:

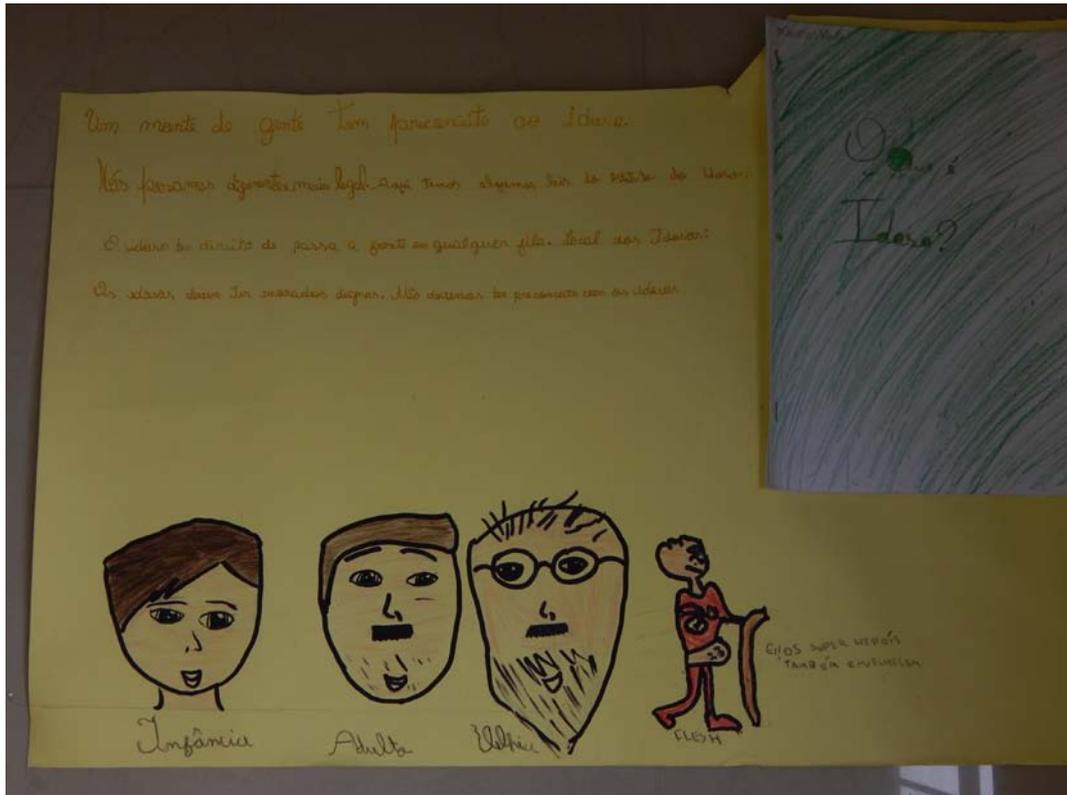


Figura 68. Grupo A

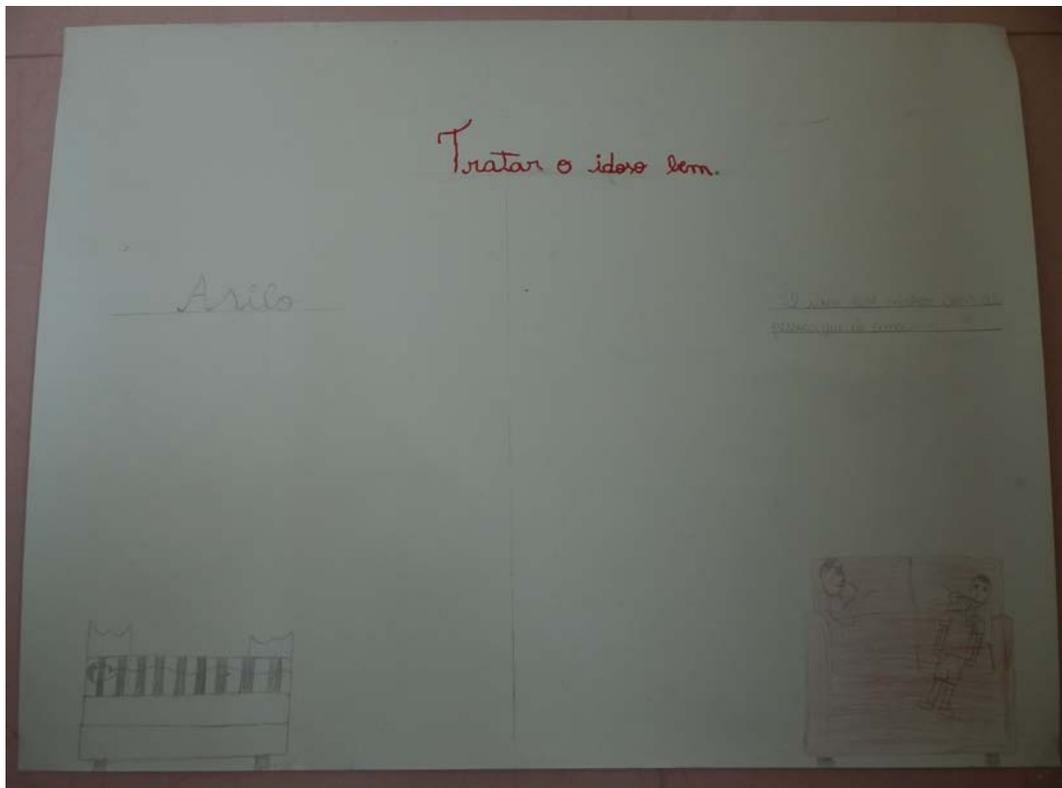


Figura 69. Grupo B

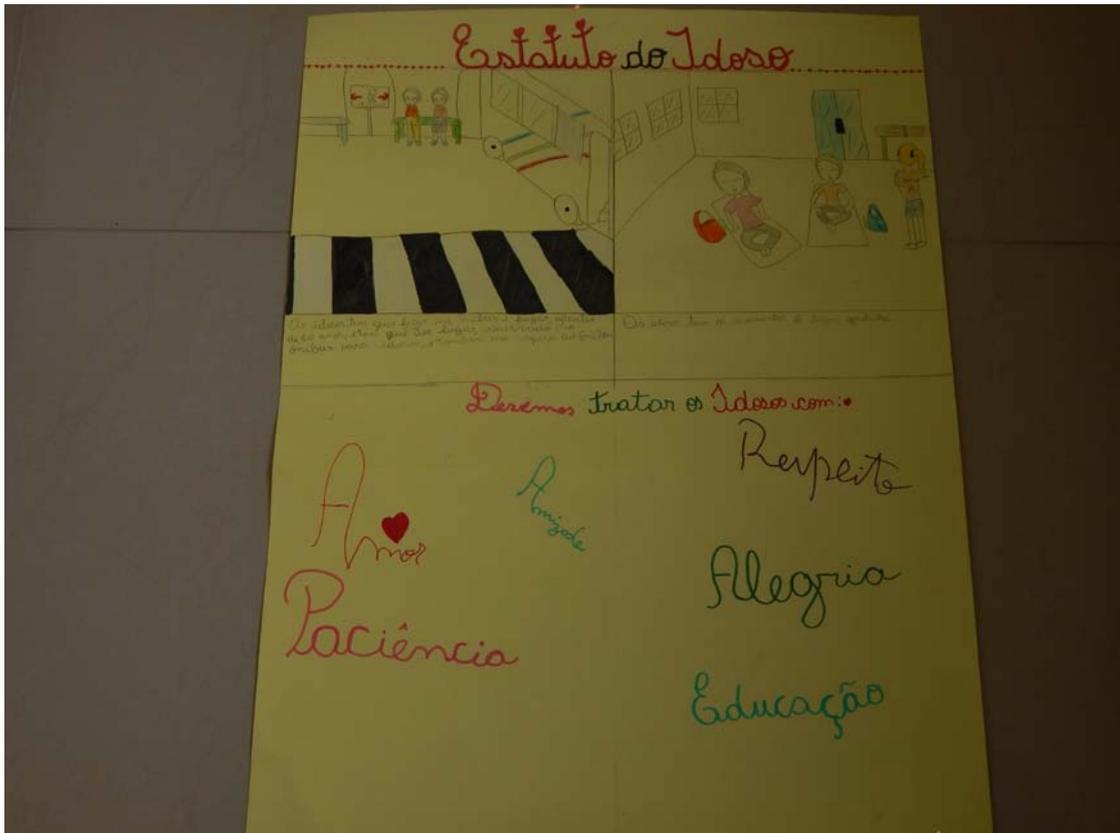


Figura 70. Grupo C

Na figura 68 do Grupo A é possível ler o seguinte texto: “Um monte de gente tem preconceito ao idoso. Nós pensamos diferente e mais legal. Aqui temos algumas leis do estatuto do idoso: O idoso tem direito de passa a frente em qualquer fila. Local dos Idosos: Os idosos devem ter moradias dignas. Não devemos ter preconceito com os idosos”. Embaixo do cartaz foram desenhados três rostos: infância, adulto e velhice. No rosto da velhice foi desenhado um homem de óculos e calvo. Ao lado destes rostos, foi desenhado um super herói chamado de *Flesh*. Ao lado deste super herói a seguinte frase: “Ei! Os super heróis também envelhecem”. No fim do cartaz, ao lado direito foi anexada à entrevista que uma das alunas deste grupo realizou com seu pai. Na capa da entrevista consta o título: *O que é idoso?* Na outra folha consta: Nome, idade, lugar que frequenta, atividades, onde mora, curiosidades. No conteúdo da entrevista o nome dado aqui é fictício “José”. O idoso tem 71 anos, frequenta academia e tem como atividades realizadas: diversos jogos (futebol). Este idoso mora em sua casa. Abaixo desta entrevista a aluna criou um item chamado de curiosidades, onde escreve: “um idoso é considerado um idoso com 60 anos ou mais”. Na outra folha escreveu que: “Depoi da gente passa da fase de vida humana adulta agente vai para a velice aqui no Brasil

é considerado idoso depois de 60 anos ou mais. A pele fica inruguada, os cabelos ficam brancos e os cabelos começaram a cair. Os idosos praticam atitudes físicas". Desenhou uma foto do seu pai agora e antes representando as mudanças físicas do tempo. Colocou após o título: Trabalho: *"um idoso depois dos 60 anos ele começa a ter cabelo branco, os cabelos começam a cair e a pele enrrugar. eles fazem bastate Atividades. Ser idoso é muito divertido*". Concluindo assim, a representação dos conhecimentos adquiridos deste grupo no referido cartaz.

Na figura 69 do Grupo B os alunos intitularam o cartaz como: *"Tratar o idoso bem"* e desenharam do lado esquerdo do cartaz um idoso no asilo deitado numa cama e no lado direito escreveram: *"O idoso deve morar com as pessoas que ele ama"*. Representaram neste desenho, um idoso deitado no sofá e um jovem ao seu lado.

Na figura 70 do Grupo C o título do trabalho foi: *"Estatuto do Idoso"*. Na parte superior do cartaz foram desenhados dois cenários. Um deles foi possível observar uma faixa de pedestre, uma parada de ônibus, um casal de idosos esperando para entrar no ônibus. Logo abaixo deste desenho, foi escrito: *"Os idosos tem que ficar no ônibus e pagar, apartir de 60 anos, e tem que ter lugar, reservado no ônibus para idosos, e também na espera do ônibus"*. No outro desenho foi desenhada uma monitora auxiliando no relaxamento de duas idosas. Estas idosas portam aos seus lados uma bolsa. Neste desenho foi escrito: *"Os idosos tem os momentos de lazer gratuitos"*. Na parte inferior do cartaz colocaram o título: *Devemos tratar os idosos com: amor, paciência, amizade, respeito, alegria e educação*.

Assim, encerra-se a apresentação das atividades pedagógicas desenvolvidas com o corpo discente, concomitantemente, nas instituições de ensino municipal, estadual e privada.

3.3 Considerações éticas

As participações dos alunos, das professoras e coordenadoras pedagógicas envolvidas, foram devidamente autorizadas, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. O referido projeto depois de qualificado e aprovado foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A identidade dos participantes e das instituições foi preservada para que não

houvesse nenhum constrangimento. A participação dos sujeitos convidados para esta pesquisa foi inteiramente voluntária, não havendo desistência em nenhum momento. Não houve pagamento e nem recebimento de qualquer valor seja pela participação das instituições de ensino ou pelos participantes, assim como, não acarretou riscos ou benefícios diretos e indiretos, imediato ou posterior aos mesmos. O presente estudo baseou-se nas preocupações éticas e metodológicas discutidas nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12).

3.4 Discussão Final

Foi possível constatar, através da inserção ecológica nas três instituições de ensino que as crianças foram muito receptivas ao tema sobre o envelhecimento. Esta temática buscou despertar nos educandos uma reflexão sobre os conceitos, valores éticos, sociais e ambientais direcionados, atualmente, aos idosos em nossa sociedade. O referido tema despertou nos alunos a necessidade de apreço e respeito aos idosos, levando-os a projeção do envelhecimento de si mesmos e de como estariam nesta fase da vida. Foram envolvidos numa aprendizagem mais humana sobre as dificuldades encontradas pela população idosa e instigados a pensar em atitudes e comportamentos mais adequados para se viver e conviver melhor na velhice.

Ribeiro et al quando abordam a questão do envelhecimento e da qualidade de vida necessária ao idoso, assim se posicionam:

Aprender a viver e a envelhecer é cada vez mais um desafio que se coloca a todos. Aos mais velhos importa perceber que a condição física e o grau de autonomia são fundamentais para se adaptar à nova etapa vital com sucesso. O envelhecimento é um processo contínuo, a que todos temos o direito e o dever de experimentar com o mínimo de limitações possíveis e que nos confira o máximo de Qualidade de Vida nesta fase (SILVA, 2009). A intervenção ajuda a encontrar algumas lacunas e contribui para o investimento nas áreas de maior necessidade para esta população, mas cabe essencialmente às pessoas perceber a importância do seu papel no autocuidado e na manutenção do seu bem-estar físico.[...] (2014, p. 418).

As instituições de ensino têm como papel fundamental, incluir os temas transversais em torno das disciplinas de modo contextualizado. Sabe-se que somente o ensino das disciplinas previstas nos currículos não dá conta para o exercício da cidadania. Há

necessidade de inclusão de conhecimentos socialmente acumulados pela humanidade e que devem ocupar seu lugar de importância junto às áreas convencionais de ensino. Torna-se relevante a existência de projetos educativos na escola, a inserção desta temática em sala de aula que viabilize discussões acerca do envelhecimento humano, buscando com isso reduzir os preconceitos retratados por nossa sociedade, despertando desde cedo o interesse das crianças a pensar na trilha que pretendem percorrer para vivenciar a longevidade.

As instituições de ensino devem oferecer as crianças, além de recursos culturais presenciados nos currículos escolares, reflexões e questionamentos com os problemas ambientais contemporâneos, com questões éticas que permeiam o desenvolvimento humano. Neste sentido, os PCNs se tornam um instrumento útil quando direcionam metas de qualidade que ajudam no processo educativo dos alunos tornando-os mais participativos e autônomos para enfrentar as crises do mundo atual. Quando as questões sobre ética são inseridas, não num momento específico da aula e sim paralelo a todas as disciplinas, soma-se ao processo pedagógico as questões de valores humanos, implicando numa maior conscientização política e solidária.

Os encontros com os discentes e docentes das instituições pesquisadas, oportunizou o posicionamento dos participantes em relação ao quadro de desvalorização, estigmas e preconceitos acerca da velhice e, intentou através deles, motivá-los para que se tornassem instrumentos capazes de intervir na realidade atual com um olhar mais humano e valorativo sobre a população idosa. Diante de uma sociedade que descarta e exclui com rápida facilidade objetos e porque não pessoas, faz-se necessário a conscientização das crianças, jovens e adultos a pensarem em alternativas que viabilize a convivência humana de forma mais equilibrada. Bauman, neste sentido se posiciona sobre a sociedade atual:

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e à remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam-se bem com a nova liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas no futuro previsível. Um ambiente líquido-moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo.[...] (2008, p.45).

Certamente, o espaço formal de ensino é um importante contexto para a educação de crianças e jovens sobre os conteúdos voltados para a cidadania e, para o processo de envelhecimento. Através de novos conhecimentos sobre esta temática, desde a infância, contribuir-se-á e muito para reverter o quadro de desvalorização dos idosos. Incentivar os educandos e educadores a refletirem sobre este assunto repercutirá em um estado mais satisfatório e menos penoso quando chegar a ancianidade. Para Bronfenbrenner a busca pelos

desejos humanos de forma positiva implica em desenvolvimento humano, quando assim aborda: “[...]É esta crescente capacidade de remodelar a realidade de acordo com os requerimentos e aspirações humanas que, de uma perspectiva ecológica, representa a mais alta expressão do desenvolvimento.” (2002, p. 10).

As três instituições de ensino pesquisadas, apresentaram-se muito comprometidas com a questão abordada. Algumas das atividades realizadas por estas escolas acerca deste tema, citadas pelos educadores foram: a realização da semana dos avós na escola, com oficinas e festas destinadas a aproximar as gerações; visitas ao asilo, narração de histórias sobre o tema com as crianças e fazê-los se colocarem no lugar do idoso.

Através das entrevistas analisadas foi possível observar sentimentos e lembranças positivas sobre a velhice na infância dos educadores entrevistados. Percebiam o idoso como alguém com sabedoria e a ser respeitado. Apenas, relataram poucas recordações sobre o estudo deste tema dentro da escola quando ainda eram estudantes. Reconheceram a importância das instituições de ensino abordarem este assunto em sala de aula, em prol da valorização do idoso e do aumento da expectativa de vida. Justificaram que a temática se faz necessária para diminuir preconceitos, instigar sentimentos de apreço e gratidão dos mais jovens para com os mais velhos.

Foi confirmada pelos educadores uma imagem ainda discriminatória da nossa sociedade sobre os idosos, embora segundo eles, já se note algumas mudanças significativas nesse quadro, de resgate da valorização e até mesmo de inserção dos idosos neste corpo social atual. Foram sugeridas como ações educativas atividades que despertem o afeto, respeito e solidariedade das crianças para com os mais velhos como: filmes, narração de histórias, visitas ao asilo, oficinas, a importância da responsabilidade da família na educação dos filhos, a valorização da história de vida dos idosos, a aproximação das gerações para maior convivência e trocas de experiência, rodas de conversas, exibição de curtas envolvendo relacionamentos carinhosos e construtivos entre jovens e idosos.

Os educadores reconheceram a força da mídia na influência positiva ou negativa na construção da imagem e autoimagem dos idosos sobre si mesmos e das crianças e jovens sobre os idosos. Segundo eles, dependendo do enfoque da mídia ela pode contribuir ou denegrir as ideias que as crianças constroem em relação aos mais velhos. Concordaram que a mídia tem se esforçado bastante, tentando mostrar a velhice como a “melhor idade” e do outro lado, os meios de comunicação mostram os idosos como seres que atrapalham quando é enfatizado o crescimento acentuado da população idosa no Brasil e os inúmeros problemas decorrentes no âmbito econômico, político e social.

Para Orofino, há que se defender a igualdade social na produção das identidades individuais e coletivas que abarque os movimentos sociais contemporâneos na luta pela cidadania, meio ambiente e direitos humanos. A este respeito, assim escreve:

O desafio, portanto, é o de aprender com as crianças e jovens sobre o mundo simbólico de que eles e elas participam hoje, em uma relação que precisa estar vinculada e compromissada permanentemente com a comunidade local e contextual em que atuamos, de modo que a teoria crítica se traduza em ação reflexiva, em práxis de mediação efetiva como prática de inserção social. (2005, p. 133).

Os docentes entrevistados reconheceram a importância de desenvolverem bons hábitos, atitudes, cuidados com a saúde e alimentação desde a infância e por toda a trajetória vital para um envelhecimento mais qualitativo. Porém, não foram seguros em responder sobre o planejamento de sua própria velhice. Alguns revelaram que têm algumas ideias a fazer quando chegar esta fase da vida, outros pensam no assunto, mas na prática não traçaram uma rota mais concreta para vivenciar um planejamento para a terceira idade. Isto mostra o quão difícil é pensar com concretude neste assunto quando ainda não somos preparados e educados para envelhecer.

As entrevistadas reconheceram a importância do seu papel como educadoras e da educação como espaço de troca de conhecimento através do exemplo e da ética, tornando-se alicerce fundamental na construção da identidade dos educandos. Sendo responsáveis por instrumentalizá-los para que busquem condições de vida mais satisfatória, tornando-os críticos e reflexivos sobre a sociedade ao qual estão inseridos, para então transformá-la.

Foi constatado que as três instituições pesquisadas contemplam a importância do tema em suas práticas pedagógicas, na concepção e construção de sujeitos humanamente mais preparados para lidar com os desafios da sociedade contemporânea, decorrentes do crescimento populacional e das dificuldades que este processo demonstra.

Percebeu-se nos alunos um aprendizado subjetivo muito significativo sobre o tema desta pesquisa. Suas percepções acerca dos idosos, na maioria deles, ficaram restritas as características de declínio físico e social apresentados ainda por nossa sociedade. Os idosos para a maioria das crianças ainda são pessoas frágeis fisicamente, pois necessitam de bengalas, cadeiras de rodas, sentem dores nas costas, perdem a visão e audição e necessitam residir em asilos para que sejam mais bem cuidados. Porém, quando foram provocados para que pensassem em como seriam e onde estariam quando ficassem idosos, a maioria deles não descreveu o asilo como moradia e sim, residindo em suas casas com seus filhos e netos. Fazer com que as crianças pensem antecipadamente neste assunto, leva-os ao exercício da criatividade, da sensibilidade para reconhecer as limitações e dificuldades que as pessoas

idosas vivenciam, assim educando-os e preparando-os para aceitar e planejar o envelhecimento.

Foi consenso entre os docentes a responsabilidade da escola neste assunto, assim como o papel da família como promotor de atitudes de valorização das pessoas idosas. Nossa sociedade ainda se apresenta despreparada para lidar com as questões sobre o envelhecimento. Este assunto, ainda é visto com insignificância face às outras urgências da vida social. Infelizmente, como se esta fosse uma questão pertinente a algumas pessoas e não a todas. Sobre o papel da família nas questões morais e educacionais das crianças, Bronfenbrenner corrobora quando assim escreve:

Mas a possibilidade de os pais apresentarem um desempenho efetivo em seus papéis na educação dos filhos dentro da família depende das exigências dos papéis, dos estresses e dos apoios oriundos de outros ambientes. Como veremos, as avaliações dos pais de sua própria capacidade de funcionar, assim como a sua visão dos filhos, estão relacionadas a fatores externos como a flexibilidade dos horários de trabalho, a adequação dos arranjos de atendimento para as crianças, a presença de amigos e vizinhos que possam ajudar em emergências grandes e pequenas, a qualidade dos serviços social e de saúde e a segurança do bairro. A disponibilidade de ambientes apoiadores, por sua vez, é uma função de sua existência e frequência numa dada cultura ou subcultura. Essa frequência pode ser aumentada pela adoção de práticas e políticas públicas criando ambientes e papéis sociais adicionais úteis para a vida familiar. (2002, p. 8).

Aprender a olhar para si e a projetar um futuro próximo requerem escolhas e renúncias de hábitos e de comportamentos que nem sempre são fáceis de modificar, porém muitas vezes, necessário para se viver mais e melhor. Envelhecer com qualidade de vida e não ao acaso, necessita de um planejamento pessoal adequado. Planejamento este que requer desde cedo, cuidados com a saúde física, intelectual e espiritual. Esta realidade, porém, é construída gradualmente, individualmente e coletivamente também. Os grupos de terceira idade são um exemplo disso, quando incentivam os idosos a continuidade da educação, a prática de atividades físicas e artísticas e, ao convívio social, afastando-os do isolamento e da solidão. A este respeito, Cachioni escreve:

Na frequência aos bancos escolares, os idosos têm chance de encontrar alternativas dinâmicas de autodesenvolvimento e atualização. Mais ainda, as universidades tornam-se local de reflexão para adultos maduros e idosos, favorecendo iniciativas de crítica e de trabalho organizado, em prol do respeito aos seus direitos de cidadãos. Reciprocamente, resultados de pesquisa sobre a velhice, sobre a organização dos programas e sobre a qualificação de pessoal para o trabalho educacional junto ao idoso podem diminuir ou mesmo modificar os estereótipos acerca da velhice e do processo de envelhecimento, possibilitam a avaliação e reestruturação de atividades e permitem refletir sobre a formação de educadores. (2003, p. 78).

O envelhecimento populacional traz novas necessidades e questões fundamentais para serem refletidas pela sociedade. Entre elas a visão distorcida e estigmatizada do que é “ser idoso” numa sociedade excludente, da influência do meio ambiente no desenvolvimento de todas as fases da vida e conseqüentemente, no resultado da boa velhice. Daí a importância de acesso a informações que possam ampliar os aspectos culturais e educacionais dos sujeitos, desde a infância, para olhar o envelhecimento e o idoso numa concepção mais positiva e como um processo natural da vida.

4 Considerações Finais

Esta pesquisa se propôs a realizar um estudo a respeito da Educação Ambiental e o envelhecimento humano no contexto do ensino formal em três escolas situadas na cidade do Rio Grande/RS, em diferentes redes de ensino: municipal, estadual e privada, no ensino fundamental - Anos iniciais. Foram envolvidos nesta pesquisa: os professores e alunos das respectivas turmas e os coordenadores pedagógicos destas instituições.

A Educação Ambiental prima pela reformulação nos valores humanos de forma coletiva e, intenta promover com isso uma melhor qualidade de vida aos indivíduos. Está comprometida com a transformação social de forma responsável quando tenta superar a visão antropocêntrica, inserindo o ser humano como parte da natureza. Preocupa-se com os problemas ambientais, buscando a preservação dos recursos naturais e sua sustentabilidade. É considerada uma educação política, Reigota assim explica: “[...] quando reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza”. (2004, p. 10).

Vinculam-se a Educação Ambiental, as questões sobre o envelhecimento humano quando ambas se aproximam dos objetivos de mudança urgente nas relações atuais entre a humanidade e entre a humanidade e a natureza. Os idosos estão relacionados com a Educação Ambiental num propósito de socialização permanente e de valorização humana, para que não se tornem vítimas do processo de exclusão social. As instituições escolares são ambientes socializadores relevantes para oferecer as crianças à oportunidade de desenvolver a sua identidade e autonomia. Sendo também, um espaço democrático e propício de construção do

conhecimento e promotor de discussões sobre os aspectos relacionados ao envelhecimento humano.

Durante a convivência com os alunos e docentes nas escolas, oportunizou-se a aproximação dos sujeitos com a temática desta pesquisa, acrescentando novas discussões e solidificando novos saberes e reflexões que acarretarão, com certeza, num impacto positivo nas ações e comportamentos de todos os participantes. As relações vivenciadas no ambiente escolar contribuíram para um desenvolvimento mais consciente e humano sobre as questões do envelhecimento. Considerando o mesossistema com um sistema de inter-relação entre os microsistemas, afirma-se que a escola é um ambiente imprescindível para o desenvolvimento das crianças.

Percebe-se então, que para existir um desenvolvimento transformador nas pessoas junto ao ambiente ao qual estão inseridas, é necessário que ao longo do tempo e do espaço, suas mudanças e características se modifiquem também, assim como escreve Bronfenbrenner:

Para demonstrar que o desenvolvimento humano ocorreu, é necessário estabelecer que uma mudança produzida nas concepções e/ou atividades da pessoa foi transferida para outros ambientes e outros momentos. Esta demonstração é conhecida como validade desenvolvimental. (2002, p. 28).

Respondendo ao objetivo geral desta pesquisa, o contexto das instituições de ensino da rede pública e privada tem todas as condições pedagógicas e estruturais para contribuir na desconstrução dos estereótipos negativos associadas à velhice. Os conteúdos atitudinais e éticos quando permeados entre as disciplinas oportunizam um despertar nos educandos sobre o processo de envelhecimento humano, preparando-os para conceber de forma natural essa etapa da vida.

Atendendo aos objetivos específicos deste estudo, foi identificado que as três instituições pesquisadas inserem, em alguns momentos, em suas concepções pedagógicas e práticas de ensino, as questões sobre o envelhecimento humano com algumas atividades já relatadas como: a semana dos avós, visitas ao asilo, leituras sobre a temática enfim; situações do cotidiano que favorecem o debate deste assunto. Sentem-se comprometidas em desenvolver ações na escola no sentido de aproximar as gerações e de favorecer a formação de valores, hábitos e atitudes entre os educandos. Observou-se que as concepções dos alunos e professores acerca do processo de envelhecimento, ainda estão envolvidas por uma imagem de desvalorização da população idosa pela sociedade, mesmo já sendo observadas algumas melhorias.

Através de tudo que foi coletado, das entrevistas com o corpo docente das instituições, das atividades pedagógicas com os alunos através da pesquisa-ação, do diário de campo, do referencial teórico elaborado pela pesquisadora, fundamentado nas ideias de autores que tratam da temática em pauta, sugere-se o seguinte: promover nos espaços escolares o desenvolvimento de projetos intergeracionais; estimular nos docentes o debate de temas relacionados ao envelhecimento que ultrapasse as datas comemorativas (Dia dos Avós – 26 de julho e Dia Nacional do Idoso – 1º de outubro) e sim, em todos os momentos oportunos para abordar o mesmo; promover visitas a instituições de longa permanência (ILPI) para conhecer e valorizar as histórias de vida dos idosos que lá residem; inserir a Gerontologia como tema transversal a ser incorporada nos currículos do ensino fundamental como oportunidade de educação para o próprio envelhecimento; capacitar os docentes para trabalhar o envelhecimento nas escolas, através de cursos de formação continuada, onde se constitua uma material base e propostas didáticas como recursos reflexivos para se pensar o envelhecimento no cenário escolar.

Os resultados deste estudo revelam que realmente é possível, por meio do ensino formal, investir na educação de crianças através de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento e assim, auxiliar os indivíduos e sociedade a diminuir os preconceitos acerca dos idosos e a envelhecer melhor. Além da boa recepção do tema pelos educandos e educadores e, por se tratar de um assunto que afeta a todos, pode-se e deve-se incluir o debate em sala de aula que auxilie na superação das dificuldades de quem é idoso e de quem ainda o será. Promovendo através de ações educacionais, reflexões sobre a importância de desenvolver um projeto ao longo da vida para um melhor envelhecer.

Referências Bibliográficas

ARAGUAIA, Mariana. **Fases da vida**. Equipe Escola Kids. Disponível em: <http://escolakids.uol.com.br/as-fases-da-vida.htm>. Acesso em 01 jun. 2015.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes 2008.

ARRUDA, Sulanita Caldeira; LAGUNA, Izabel Cristina Pinheiro. Grupo Terapêutico Compartilhar. **In: Trabalhando com a Terceira Idade: Trajetórias de Intervenção**. Pelotas: Editora e Gráfica UFPEL, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. 1ª edição. São Paulo, SP. Editora: Isis, 2013.

BÔAS, Bruno Villas; VETTORAZZO, Lucas. Desigualdade diminui no Brasil, mas cresce no Sudeste, diz IBGE. **In: S. PAULO, Folha**. Um jornal a serviço do Brasil. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/11/1705824-desigualdade-cai-em-2014-com-alta-de-renda-dos-mais-pobres-diz-ibge.shtml>. Acesso em: 03 mar. 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 14ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOVO, Marcos Clair. Interdisciplinaridade e Transversalidade como Dimensões da Ação Pedagógica. **In: Revista Urutágua – Revista Acadêmica Multidisciplinar**. Maringá/PR, 2004. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/007/07bovo.htm>. Acesso em: 22 Fev. 2014.

BRASIL. **Lei n. 10741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, MPAS.

BRASIL. **Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Lei n. 8842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília: MPAS.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado nº. 504/2111**. Altera o parágrafo único do art. 25 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), para estabelecer o número máximo de alunos por turma na pré-escola e no ensino fundamental e médio.

BRONFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados**; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

_____. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os**

seres humanos mais humanos; trad. André de Carvalho-Barreto; revisão técnica: Sílvia H. Koller. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. São Paulo: Alínea, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Como as famílias brasileiras estão lidando com idosos que demandam cuidados e quais as perspectivas futuras? A visão mostrada pelas PNADs. **In: Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: um novo risco social a ser assumido?** Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

CANCELA, Diana M.G. **O processo de envelhecimento.** O portal dos psicólogos, 2008 Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt>. Acesso em: 10 Jan. 2014.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação:** a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução Álvaro Cabral. Revisão técnica da tradução: Newton Roberval Eichenberg. Editora Cultrix Ltda. São Paulo, 19ª Edição. SP: 1998.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. **In: Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** 14ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COGNET, Georges. **Compreender e interpretar desenhos infantis.** Trad. De Stephania Matousek. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CÔRTE, Beltrina. O direito humano ao envelhecimento e o impacto nas políticas públicas. Comunicação: instrumento de formação para a longevidade. **In: Envelhecimento e subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social.** Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, 2009. Disponível em: www.pol.org.br. Acesso: 22 Nov. 2013.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. **In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DIAS, Genebaldo Freire. **Ecopercepção: um resultado didático dos desafios socioambientais.** São Paulo: Gaia, 2004.

FECHINE, Basílio; TROMPIERI, Nicolino. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **In: InterSciencePlace - Revista Científica Internacional.** Edição 20, v. 1, artigo nº 7, p. 106-194, janeiro/março 2012. Disponível em: <http://www.interscienceplace.org/interscienceplace/article/viewFile/382/268>. Acesso em: 30 Ago 2013.

FERRETTI, Fátima. et al. Viver a velhice em ambiente institucionalizado. **In: Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento.** v. 19, nº 2, agosto de 2014, Porto Alegre, p. 423-437.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 27ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

GOLDANI, Ana Maria. **Desafios do “preconceito etário” no Brasil**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr.-jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a07.pdf>. Acesso em: 05 Fev. 2014.

GRAVINIS, Claudete R. T. **Idosos e o Ministério Público Estadual, agentes atuantes na comunidade Rio-Grandina e imprescindíveis na solidificação da Educação Ambiental**. (Tese). – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

IBGE. **Sala de imprensa: Índice de envelhecimento no Brasil cresce de 31,7, em 2001, para 51,8 em 2011**. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2268>. Acesso em: 10 Out. 2013.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Série: Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296. Rio de Janeiro, 2013. 269p. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=266778>. Acesso em: 05 Nov. 2013.

IBGE. **Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil 2009**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/ Acesso: 28 Out. 2013.

JUNIOR, Edmundo de Drummond Alves (Org). **Envelhecimento e vida saudável**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

KACHAR, Vitória (Orgs). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **O campo teórico-investigativo da pedagogia, a pós-graduação em educação e a pesquisa pedagógica**. Conferência. In: Educativa, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 109-121, jan./jun. 2008.

_____. Didática e epistemologia: para além do embate entre a didática e as didáticas específicas. **In: Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, SP. Papyrus, 2008.

LIMA, Claudia F. da M.; RIVEMALES, Maria da Conceição C. Corpo e envelhecimento: uma reflexão – Artigo de Revisão. **In: Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 153-166, 2013.

LOPES, Ewellyne S. de L.; PARK, Margareth B. **Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento**. Revista Estudos de Psicologia. Universidade Estadual de Campinas, v. 12 (2), 141-148, 2007.

LOPES, Ruth G. da C. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. **In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política.** São Paulo: Cortez, 2012.

LUCCHETTI, Giancarlo. et al. O idoso e sua espiritualidade: impacto sobre diferentes aspectos do envelhecimento. **In: Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 2011; 14(1):159-167. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v14n1/a16v14n1.pdf>. Acesso: 13 Nov. 2015.

MAZUTTI, Cristiane; SCORTEGAGNA, Helenice de M. **Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS.** RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 101-112 - jul./dez. 2006.

MEDEIROS Fabíola de Araújo Leite. et al. Contextualização do envelhecimento saudável na produção científica brasileira. **In: Revista de Enfermagem - UFPE on line.**, Recife, 9 (supl. 2) p. 985-993, fev., 2015.
Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/.../11665>. Acesso: 21 Jan. 2016.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. **In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MIRANDA, Danilo S. Legado de vivências. **In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2009.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo: a produção do conhecimento em aula.** 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: 10ª ed. Editora: Cortez, 2005.

MOURA, Giselle Alves de; SOUZA, Luciana Karine de. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. **In: Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 172-183, jan./jul. 2012.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia H. O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. **In: Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil.** São Paulo: Caso do Psicólogo, 2004.

NERI, Anita Liberalesso (org). **Maturidade e velhice: Trajetórias individuais e socioculturais.** São Paulo: Papyrus, 2001.

_____, Anita Liberalesso. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. **In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1ª reimpressão - Edições SESC, SP, 2009.

NETTO, Matheus Papaléo e PONTE, José Ribeiro da. Envelhecimento: Desafio na Transição do Século. **In: Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Atheneu, 2002.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Conflitos e diálogos entre gerações. **In: A terceira idade: Estudos sobre envelhecimento.** Vol. 19 nº. 43 SESC – São Paulo: outubro, 2008.

ONUBR. **População mundial deve atingir 9,6 bilhões em 2050, diz novo relatório da ONU.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/populacao-mundial-deve-atingir-96-bilhoes-em-2050-diz-novo-relatorio-da-onu/> Acesso em: 15 Set. 2013.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar:** pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. – (Guia da escola cidadã; v. 12).

OST, Mariana Afonso. et al. Aspectos Psicológicos do envelhecimento: um estudo com idosos fisicamente ativos. **In: Trabalhando com a Terceira Idade:** Trajetórias de Intervenção. Pelotas: Editora e Gráfica UFPEL, 2009.

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. **Epidemiologia do Envelhecimento.** **In: Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Atheneu, 2002.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 14. Ed. – São Paulo, Cortez, 2005.

PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.** Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/o_atlas/desenvolvimento_humano. Acesso em 15 jan. 2014.

PORCIUNCULA, Anacirema da S. **Idosos institucionalizados no Asilo de Pobres do Rio Grande:** Relações socioafetivas e a Educação Ambiental, Rio Grande, Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – FURG, 2011.

_____. **Aprendizagem na Terceira Idade.** Monografia. Rio Grande: Portal Faculdades, 2008.

PORTO, Ivalina. **O idoso no microsistema familiar:** uma análise das relações intergeracionais. Ambiente & Educação – Revista de Educação Ambiental da FURG, vol. 14(1) Editora da FURG, p. 189 – 207, 2009.

PORTO, I; KOLLER, Sílvia H. **Violência contra idosos institucionalizados.** Revista PSIC da Vetor Editora. v.1, p.1 - 21, 2007.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental.** 5ª reimpr. da 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RIBEIRO, Helena Catarina de Paiva. et al. Qualidade de vida do idoso institucionalizado: realidade vivida na rede nacional de cuidados continuados integrados do Algarve. **In: Estudos Interdisciplinares sobre o desenvolvimento.** V. 19, nº 2. Agosto de 2014. Porto Alegre, p. 402-418.

ROVARIS, Sonia Cristina. É possível planejar a velhice, e perguntar: é assim que queremos estar? **In: Revista Portal de Divulgação,** n.42, Ano V. Set/Out/ Nov. 2014, p. 80-90, ISSN

2178-3454. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista>. Acesso: 23 Out. 2015.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Trad. Ernani F. da F. Rosa – 3.ed – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. 1ª edição revista. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2011.

SANTOS, Silvana S. C. **Gerontologia e os pressupostos de Edgar Morin**. Revista Universidade Aberta da Terceira idade. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br>. Acesso: 24 Jun. 2015.

SENA, Teresa Bezerra de. O envelhecimento na sala de aula: A importância de atividades educativas intergeracionais na educação básica. **In: Revista Portal de Divulgação**, n. 15, Out. 2011. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>. Acesso: 03 Mar. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed., 11ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Velhice e políticas públicas. **In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1ª reimpressão - Edições SESC, SP, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TODARO, Mônica de Ávila. **Vovô vai à escola: A velhice como tema transversal no ensino fundamental**. Campinas, SP: Papirus, 2009. (Coleção Vivacidade)

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **In: Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf. Acesso: 19 Abr. 2014.

VENTURI, G.; BOKANY, Vilma. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. **In: Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZIMERMAN, Guite. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed Editora Sul, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE 01

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA CORPO DOCENTE

INSTITUIÇÃO ESCOLAR: _____

I- Dados Pessoais:	
Nome do/a entrevistado/a:	
Cargo/função:	
Data de admissão na instituição:	
Naturalidade:	
Endereço:	
Bairro:	Cidade:
Telefone(s):	E-mail:
II- Dados Sociodemográficos:	
1. Sexo: <input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino	
2. Idade: anos	
3. Grau de escolaridade:	
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental (completo)	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental (incompleto)
<input type="checkbox"/> Ensino Médio (completo)	<input type="checkbox"/> Ensino Médio (incompleto)
<input type="checkbox"/> Ensino Superior (completo)	<input type="checkbox"/> Ensino Superior (incompleto)
<input type="checkbox"/> Pós-Graduação (completo)	<input type="checkbox"/> Pós-Graduação (incompleto)
4. Estudou em escolas:	
<input type="checkbox"/> Públicas	<input type="checkbox"/> Privadas <input type="checkbox"/> Ambas
5. Atualmente, frequenta algum curso de formação continuada?	
<input type="checkbox"/> Sim: _____	<input type="checkbox"/> Não
6. Exerce sua atividade profissional há quanto tempo? _____	
7. Carga horária semanal: _____	
8. O que motivou a escolha de sua profissão? _____	

- Retorno Financeiro
- Status Social
- Realização Pessoal
- Outro motivo: _____

9. Atividade preferida quando tem tempo livre: _____

10. Pratica alguma atividade física?

Sim: _____ Não

11. Se sim, qual a frequência? _____

12. Cultiva alguma religião:

Sim: _____ Não

13. Estado Civil:

- Solteiro/a Separado/a, Divorciado/a União estável
- Casado/a Viúvo/a Outro

14. Quantas pessoas vivem no agregado familiar? _____

15. Qual o tempo dispensado para o lazer com a família? _____

III- Questões abertas

16. Convive com algum idoso em sua residência? Se sim, qual o grau de parentesco?

17. Na sua infância, como você via o idoso?

18. Na sua vida escolar, recorda se o assunto “velhice e/ou envelhecimento” era abordado em sala de aula?

19. Quais seus planos para aposentadoria?

20. Qual a importância das instituições de ensino abordar a temática “envelhecimento” em sala de aula?

21. Sê professor, confirme se há ou não espaço em sua prática pedagógica para abordar a temática acima mencionada:

22. Atualmente, como você acha que a sociedade trata os mais velhos?

23. Você acha pertinente que o assunto envelhecimento seja abordado em sala de aula? Justifique:

24. Quais ações seriam eficientes para despertar o afeto, respeito e solidariedade das crianças para com os mais velhos?

25. Qual a influência da mídia na construção das imagens das crianças em relação aos mais velhos?

26. Você acha que bons hábitos, atitudes, o cuidado com a saúde, com a alimentação desde a

infância e por toda a vida, colaboram ou não para um melhor envelhecer?

27. Para você quais são as repercussões positivas e negativas do envelhecimento?

28. Você faz um planejamento para o seu envelhecimento?

29. Como educador qual o seu comprometimento com as questões associadas à prática de ensino e também, com a construção da identidade dos seus alunos?

30. Deixe uma mensagem a um idoso ao qual é muito estimado por você:

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Pesquisador:

Observações:-----

APÊNDICE 02**TABELA DE PERFIL INSTITUCIONAL**

DADOS DA INSTITUIÇÃO	
Nome da instituição:	
Endereço:	
Cidade/Estado:	
Telefone:	
Horário de Funcionamento:	
Contato direto:	
Coordenação e/ou direção:	
Ano de fundação:	
Total de alunos:	
Total de professores:	
Professores com Especialização:	
Professores com Mestrado:	
Professores com Doutorado:	
Data da entrevista:	
Local da entrevista:	
Pesquisador:	
Observações:	

APÊNDICE 03

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (DOCENTES)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGA
 DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Corpo Docente – Professores e Coordenadores Pedagógicos)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa intitulada “*EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENVELHECIMENTO HUMANO NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL*”. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela Pedagoga e Doutoranda em Educação Ambiental *Anacirema da Silva Porciuncula*, sob a orientação da *Profa. Dra. Ivalina Porto*. A mesma é requisito de conclusão do curso de Doutorado em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. A presente pesquisa tem como objetivo investigar de que forma o contexto das instituições de ensino da rede pública e privada, podem contribuir para a desconstrução dos estereótipos negativos associados à velhice, despertando nos educandos o entendimento sobre o processo de envelhecimento humano e preparando-os para conceber de forma natural essa etapa da vida. Justifica-se a relevância do tema em estudo devido ao aumento da expectativa de vida da população idosa e conseqüentemente, seus impactos ambientais. Os procedimentos metodológicos a serem aplicados com o (a) Professor (a) da turma a ser pesquisada e o (a) Coordenador (a) Pedagógico (a) da instituição será uma entrevista onde os mesmos responderão por escrito a um questionário com questões semiestruturadas. Os procedimentos aplicados com os (as) alunos (as) se concentrarão em atividades pedagógicas como: solicitação de desenhos sobre a velhice, leitura e interpretação de texto, escritas e outros recursos didáticos que apurarão o conhecimento destes sobre o envelhecimento. Não havendo o uso de imagem com o corpo docente da instituição e nem entrevistas e uso de imagem com os educandos, somente imagens de alguns trabalhos dos (as) alunos (as) e sem identificação de autoria. Para participar desta pesquisa, você deverá assinar este termo de consentimento livre e esclarecido. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os nomes dos participantes, das instituições, as entrevistas do corpo docente e todo material coletado serão identificados de forma fictícia. Agradecemos a colaboração das instituições envolvidas para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Os dados desta pesquisa poderão ser publicados em revistas científicas e congressos, preservando o anonimato da identidade dos participantes. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, envolvendo alguma lembrança boa ou má de um idoso que desperte sentimentos como medo, saudade, raiva e outros. Onde a pesquisadora estará presente para auxiliar neste momento. A pesquisa contribuirá direta e indiretamente para uma maior reflexão sobre o tema envelhecimento. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. O presente estudo baseia-se nas preocupações éticas e metodológicas discutidas nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão de participar se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Rio Grande, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do Professor (a)

Assinatura do Coordenador (a) Pedagógico (a)

Assinatura da Pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEPAS – Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde/FURG
Campus Saúde da FURG
CEP: 96201-900
Fone: (53) 323 74652/ E-mail: cepas@furg.br

Nome da Pesquisadora Responsável: Anacirema da Silva Porciuncula
Fone: (53) 99553622
E-mail: aninhaporciuncula@hotmail.com

APÊNDICE 04

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (DISCENTES)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA
 DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Anuência do participante da pesquisa, criança, adolescente ou legalmente incapaz)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa intitulada **“EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENVELHECIMENTO HUMANO NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL”**. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela Pedagoga e Doutoranda em Educação Ambiental *Anacirema da Silva Porciuncula*, sob a orientação da *Profa. Dra. Ivalina Porto*. A mesma é requisito de conclusão do curso de Doutorado em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. A presente pesquisa tem como objetivo investigar de que forma o contexto das instituições de ensino da rede pública e privada, podem contribuir para a desconstrução dos estereótipos negativos associadas à velhice, despertando nos educandos o entendimento sobre o processo de envelhecimento humano e preparando-os para conceber de forma natural essa etapa de vida. Justifica-se a relevância do tema em estudo devido ao aumento da expectativa de vida da população idosa e consequentemente, seus impactos ambientais. Os procedimentos metodológicos a serem aplicados com os (as) alunos (as) se concentrarão em atividades pedagógicas como: solicitação de desenhos sobre a velhice, leitura e interpretação de texto, escritas e outros recursos didáticos que apurarão o conhecimento destes sobre o envelhecimento. Não havendo entrevistas e nem uso de imagem com os educandos, somente imagens de alguns trabalhos selecionados e sem identificação de autoria. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os dados desta pesquisa poderão ser publicados em revistas científicas e congressos, preservando o anonimato da identidade dos participantes. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, envolvendo alguma lembrança boa ou má de um idoso que desperte sentimentos como medo, saudade, raiva e outros. Onde a pesquisadora estará presente para auxiliar neste momento. A pesquisa contribuirá direta e indiretamente para uma maior reflexão sobre o tema envelhecimento e valorização dos idosos pelas crianças, educando-as para pensar no seu próprio envelhecimento. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. O presente estudo baseia-se nas preocupações éticas e metodológicas discutidas nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador (a) do documento de identidade _____ (se tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio Grande, _____ de _____ de 20 _____.

Assinatura do (a) menor

Assinatura da Pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEPAS – Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde/FURG
Campus Saúde da FURG
CEP: 96201-900
Fone: (53) 32374652/ E-mail: cepas@furg.br

Nome da Pesquisadora Responsável: Anacirema da Silva Porciuncula
Fone: (53) 99553622
E-mail: aninhaporciuncula@hotmail.com

APÊNDICE 05

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS/RESPONSÁVEIS)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGA
 DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Responsável pelo menor)

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada **“EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENVELHECIMENTO HUMANO NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL”**. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela Pedagoga e Doutoranda em Educação Ambiental *Anacirema da Silva Porciuncula*, sob a orientação da *Profa. Dra. Ivalina Porto*. A mesma é requisito de conclusão do curso de Doutorado em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. A presente pesquisa tem como objetivo investigar de que forma o contexto das instituições de ensino da rede pública e privada, podem contribuir para a desconstrução dos estereótipos negativos associadas à velhice, despertando nos educandos o entendimento sobre o processo de envelhecimento humano e preparando-os para conceber de forma natural essa etapa de vida. Justifica-se a relevância do tema em estudo devido ao aumento da expectativa de vida da população idosa e conseqüentemente, seus impactos ambientais. Os procedimentos metodológicos a serem aplicados com os (as) alunos (as) se concentrarão em atividades pedagógicas como: solicitação de desenhos sobre a velhice, leitura e interpretação de texto, escritas e outros recursos didáticos que apurarão o conhecimento destes sobre o envelhecimento. Não havendo entrevistas e nem uso de imagem com os educandos, somente imagens de alguns trabalhos selecionados e sem identificação de autoria. Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O (A) Sr. (a), como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. Os dados desta pesquisa poderão ser publicados em revistas científicas e congressos, preservando o anonimato da identidade dos participantes. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, envolvendo alguma lembrança boa ou má de um idoso que desperte sentimentos como medo, saudade, raiva e outros. Onde a pesquisadora estará presente para auxiliar neste momento. A pesquisa contribuirá direta e indiretamente para uma maior reflexão sobre o tema envelhecimento e valorização dos idosos pelas crianças, educando-as para pensar no seu próprio envelhecimento. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. O presente estudo baseia-se nas preocupações éticas e metodológicas discutidas nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, na Escola _____ e a outra será fornecida ao Sr. (a).

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ responsável pelo menor _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio Grande, ____ de _____ de 20 ____ .

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura da Pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEPAS – Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde/FURG
Campus Saúde da FURG
CEP: 96201-900
Fone: (53) 32374652/ E-mail: ccpas@furg.br

Nome da Pesquisadora Responsável: Anacirema da Silva Porciuncula
Fone: (53) 99553622
E-mail: aninhaporciuncula@hotmail.com

APÊNDICE 06**PLANO DE ATIVIDADES**

DATA:	
NÍVEL DE ENSINO:	
REDE ESCOLAR DE ENSINO:	
TEMA TRANSVERSAL:	
DURAÇÃO DA ATIVIDADE:	
ÁREAS OU DISCIPLINAS ENVOLVIDAS:	
OBJETIVOS:	
METODOLOGIA:	
RECURSOS:	
SEQUÊNCIA DIDÁTICA:	
AValiação:	
BIBLIOGRAFIA:	

APÊNDICE 07 – Anexo ao Plano nº 02/2015

FASES DA VIDA

Todos os seres vivos passam por duas etapas da vida: o nascimento, que é quando ela começa; e a morte, que é quando ela se encerra. O período entre o nascimento e a morte varia bastante, de acordo com a espécie e diversos outros fatores, como a qualidade de vida. Costumamos considerar que a vida humana está dividida em fases. Podendo ser assim representadas:

Infância: é a fase que vai desde o nascimento até os onze anos de idade. Ela é um período de muita aprendizagem e novidades, já que é quando começamos a descobrir o mundo à nossa volta e as relações entre as pessoas; começamos a falar e a andar, geralmente iniciamos os estudos, aprendemos regras e limites, etc. Aqui, somos bem dependentes de nossos pais e/ou responsáveis.

Adolescência: costuma ir dos doze aos vinte anos de idade. Nessa fase, ocorrem muitas transformações no corpo e na nossa mente. Nas meninas, os seios se desenvolvem, o corpo se apresenta mais arredondado, o quadril tende a se apresentar mais largo, e surge a menstruação. Nos meninos, a voz começa a engrossar – e algumas vezes, no início dessa mudança, ela pode se apresentar desafinada. Além disso, o pênis e os testículos aumentam de tamanho. Em ambos há o crescimento do corpo, de forma geral, e de pelos na região genital e axilas. Nos garotos, também, podem surgir pelos no rosto, formando a barba e o bigode. É geralmente nessa fase que as pessoas entram na faculdade, e também começam a namorar.

Fase adulta: consideramos que a fase adulta se inicia aos vinte e um anos de idade. Aqui, as mudanças que ocorrem na adolescência já se estabilizaram, e a responsabilidade aumenta bastante. Em muitos casos, a pessoa já se apresenta independente financeiramente, de forma completa ou parcial; por meio do trabalho. É geralmente nessa fase que as pessoas costumam ter filhos.

Velhice: também chamada de terceira, ou melhor, idade. É aqui, ou um pouco antes, que os cabelos começam a embranquecer, a pele se apresenta mais enrugada e, em muitos casos, principalmente em idade mais avançada, alguns problemas de saúde surgem. Essa é fase em que a pessoa apresenta mais experiência de vida, podendo nos ensinar muitas coisas interessantes.

Há alguns anos, o início dessa fase se dava aos sessenta anos de idade: época em que muitos se aposentavam. Hoje, a Organização Mundial de Saúde afirma que podemos considerar que a velhice se inicia a partir dos 75, já que muitas das pessoas de 60, 65 anos de hoje continuam ativas no mercado de trabalho, e com boa qualidade e expectativa de vida.

Fonte: <http://www.escolakids.com/as-fases-da-vida.htm>

APÊNDICE 08

DIÁRIO DE CAMPO

- 1º dia da coleta: 01/06/2015 – Escola Municipal

Após a aprovação do CEPAS pude dar início a inserção ecológica nas escolas para coletar os dados necessários para esta pesquisa. A primeira escola a ser contatada foi a da rede municipal de ensino. Como já havia, anteriormente, feito contato informal com as escolas, quando retornei às mesmas, já estava ciente do aceite da direção para desenvolver o meu trabalho. Então, busquei contato neste dia com a Supervisora Pedagógica que já havia se disponibilizado a responder a entrevista, destinada também, a professora regente da turma. Neste dia, foi entregue os termos de consentimentos a referida coordenadora e a professora da turma de 5º ano, juntamente com as entrevistas. Fiquei de retornar na semana seguinte (09/06/2015) para receber as entrevistas preenchidas e os TCLEs das participantes. Pude observar neste dia a boa organização da escola, limpeza e conservação do ambiente. Também cabe ressaltar aqui a segurança do prédio, onde a porta fica fechada após o sinal e uma funcionária fica na recepção controlando o acesso das pessoas tanto na entrada quanto na saída da escola.

- 2º dia da coleta: 02/06/2015 – Escola Estadual

Neste dia, busquei conversar com a Supervisora Pedagógica da escola e a informei sobre o início da coleta, já que o projeto havia sido aprovado pelo CEPAS e, já tinha conversado informalmente com a direção sobre esta pesquisa. Então, a questioneei sobre a possibilidade de responder ao questionário e assinar o termo de consentimento. Após sua aprovação fui ao encontro da professora do 2º ano, formalizando o pedido de sua participação nesta pesquisa, entregando a mesma o TCLE e a entrevista para preenchimento. Ambas docentes foram muito gentis e atenciosas. Fiquei de retornar na escola na próxima semana (10/06/2015) para retirar as entrevistas e conversar sobre o grau de dificuldade ou não de responder as questões.

- 3º dia da coleta: 03/06/2015 – Escola Particular

Neste dia procurei pela Diretora da escola e fui encaminhada a Supervisora Pedagógica. Então, fiz a ela o convite formal para participar desta pesquisa e, após o seu aceite, entreguei o TCLE para assinatura e a entrevista impressa para ser respondida. Logo depois, fui apresentada a turma de 4º ano e fiz o convite à professora regente da turma, que também aceitou participar deste estudo. Entreguei a ela o TCLE e a entrevista para preenchimento. Fui muito bem recebida por todos e pude observar a boa organização, segurança e simpatia dos servidores da escola. Fiquei de retornar na outra semana (10/06/2015).

- 4º dia de coleta: 09/06/2015 – Escola Municipal

Retornei na escola para buscar as entrevistas e os TCLEs dos docentes. Fui encaminhada pela Supervisora a sala de aula da respectiva turma a ser trabalhada e pude explicar a professora o teor dos TCLEs para preenchimento dos responsáveis pelos alunos e os TALEs para preenchimento dos discentes. Fiquei de retornar no dia 15/06/2015.

- 5º dia de coleta: 10/06/2015 – Escola Estadual

Retornei na escola num dia bastante chuvoso e me deparei com um bilhete na porta de entrada da escola, informando uma paralisação dos professores neste dia. Fui atendida pela diretora da escola que me devolveu a entrevista dos docentes (supervisora e professora regente da turma de 2º ano) e os seus respectivos TCLEs. Após, foi agendada minha próxima visita para o dia 17/06/2015 para entrega dos TCLEs e os TALEs e, o início da primeira atividade para com as crianças.

- Neste mesmo dia, pude recolher as entrevistas e os TCLEs das docentes da escola particular. Deixei com a professora da turma os TCLEs e os TALEs para assinatura dos responsáveis pelas crianças e alunos, já que os discentes estavam fazendo avaliação neste momento. Fiquei de retornar nesta escola no dia 18/06/2015.

- 6º dia de coleta: 15/06/2015 – Escola Municipal

Os alunos foram muito receptivos, porém estavam inseguros na confecção dos desenhos, quando foi solicitado a eles. Conversamos antes sobre o que era ser idoso para cada um e as características físicas mais citadas por eles foram: barba branca,

pele enrugada, dores nas costas, nos joelhos, perda da audição e visão. Muitos afirmaram que ser idoso é não fazer nada, é ficar quieto. Outros, disseram que os idosos ajudam a cuidar os netos. Quanto ao local de moradia que os idosos vivem, o asilo foi muito citado por eles. Disseram que atualmente os filhos não tem tempo para cuidar os seus idosos e que no asilo eles seriam bem cuidados. No término da atividade, as crianças reconheceram que o melhor lugar para os idosos residir é junto a sua família. Poucas crianças quiseram mostrar os seus desenhos para o grande grupo.

- 7º dia de coleta: 17/06/2015 – Escola Estadual

Os alunos foram muito participativos neste dia. Quando indagados de como são as características físicas dos idosos, responderam que: tem pele enrugada, cabelo e barba branca, diminuem de tamanho, usam bengalas e cadeiras de rodas para se deslocarem. Quando questionados onde mora essa população, a resposta da maioria foi em asilos. Depois, foi citado: em casas, apartamentos, hospitais e nas ruas. As crianças consideraram que os idosos sabem mais que eles, que ficam mais doentes, que estão mais próximos da morte, que cuidam dos netos, que fazem atividades domésticas, enfim, que os idosos devem ser cuidados. Todos os alunos apresentaram seus desenhos e verbalizaram muito bem o que desenharam.

- 8º dia de coleta: 18/06/2015 – Escola Particular

Os alunos foram bem receptivos e participaram relatando a imagem que tinham dos idosos. Fisicamente, citaram a pele enrugada, cabelos, barba e bigode branco, a dificuldade de entender as coisas, ou seja, o raciocínio mais lento, a perda da audição e da visão foram às características mais citadas. A maioria citou o asilo como lugar de moradia para o idoso, outros a casa. Para eles o idoso necessita de bengala e cadeiras de rodas para se locomover. Descreveram que os idosos que conhecem se utilizam de internet, facebook e celulares, porém precisam da ajuda das crianças para este processo já que apresentam dificuldades de operar com a tecnologia. A maioria dos alunos apresentou seus trabalhos e confirmaram já ter visitado o asilo através da escola.

- 9º dia de coleta: 22/06/2015 – Escola Municipal

Neste dia, durante a abordagem sobre as fases da vida, foi possível reconhecer o quanto as crianças sabem distinguir as diferenças de cada etapa vital. Durante a

infância foi chegado ao consenso delas de que esta é a melhor fase da vida, pois é recheada de brincadeiras, jogos no computador, celulares, TV e isenta de responsabilidades como ter que pagar contas, fazer comida e outras atividades domésticas. Na adolescência foi citada pelas crianças como a época da mudança do corpo, do namoro e de continuar estudando. Na fase adulta é a hora de trabalhar e pagar contas! Na velhice é hora de descansar, ficar quietos. Quando solicitei o desenho sobre o próprio envelhecimento delas, elas ficaram me olhando surpresas e com dificuldades de se projetarem como idosos. A partir dos desenhos foi possível observar o quanto o asilo foi pouco mencionado na projeção deles, como lugar de moradia para quando estivessem idosos e sim, suas próprias casas junto a seus filhos e netos. Poucos alunos quiseram apresentar seus desenhos ao grupo, demonstrando ainda insegurança ao fazer os desenhos e socializar suas ideias. A professora desta turma revelou que o marido dela é quem planeja a velhice deles e não ela, isentando-se desta tarefa.

- 10º dia de coleta: 24/06/2015 – Escola Estadual

Os alunos foram muito receptivos com a minha chegada e relembramos juntos o meu trabalho na escola. Eles abordaram o tema “idoso” com bastante propriedade para a faixa etária deles. É uma turma bem participativa. Após conversarmos sobre as fases da vida onde na infância para eles é tempo de estudar, ver TV, jogar videogame, ir à pracinha. Na adolescência citaram o estudo na universidade, jogos de videogame, mas não abordaram sobre o namoro. Na vida adulta citaram como atividades: pagar contas, ajudar os filhos nas tarefas da escola e trabalhar. Na velhice projetada por eles descreveram brincadeiras com seus filhos e netos. Moram todos juntos, a maioria em casas e alguns no asilo, dependentes de bengalas e cadeiras de rodas. A maioria dos alunos apresentou para a turma os seus trabalhos neste dia.

- 11º dia de coleta: 25/06/2015 – Escola Particular

Neste dia, às 14h a escola proporcionou para os alunos do turno da tarde um teatro de bonecos “Estripulia” de Pelotas/RS. Fui convidada pela Coordenadora Pedagógica para assistir o mesmo que teve uma duração de 45 minutos. Neste período, pude observar no anfiteatro da escola a construção de um espaço criativo oportunizado às crianças; a valorização do lúdico através das brincadeiras com os bonecos e da música como instrumento de desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial; a afetividade

dos professores com aqueles alunos mais sensíveis ao barulho e necessitados de conforto e segurança proporcionado pelo abraço das professoras. Após o encerramento do teatro fui para a sala de aula desenvolver a proposta da atividade do dia. Pude notar os alunos mais dispersos, o que era natural e esperado. Após nossa conversa sobre as fases da vida foi solicitado o desenho e todos participaram com interesse. Porém na hora de expor seus trabalhos ao grande grupo, pouco foram os alunos que quiseram participar.

- 12º dia de coleta – 30/06/2015 – Escola Municipal

As crianças estavam todas presentes neste dia, conversando bastante no momento em que cheguei. Estavam agitadas pelo feriadão do dia anterior, buscando contar as novidades uns aos outros. Perguntaram-me se iriam desenhar nesse dia, mas disse que não e, apresentei aos mesmos o livro: “Minha avó já foi bebe”. Li a história para eles apresentando as ilustrações e a cada momento fazendo uma reflexão sobre o tempo passado e o tempo presente. Falamos sobre as mudanças tecnológicas e a convivência com os avós/avôs. Enfim, solicitei as respostas das três questões preparadas sobre o livro com a proposta de que refletissem sobre o fato de que um dia também irão envelhecer. Esta atividade também tinha o propósito de verificar se as imagens dos idosos que eles convivem atualmente são as mesmas desejadas para eles na velhice. Todos os alunos se concentraram bastante para responder as questões, fazendo silêncio. Após, foram entregando a folha conforme terminavam.

- 13º dia de coleta – 01/07/2015 – Escola Estadual

Quando cheguei à escola, ou melhor, na sala de aula do 2º ano, os alunos estavam sendo chamados à atenção por causa do comportamento. Tanto a professora quanto a supervisora estavam reclamando da conversa, da falta de respeito, enfim. As crianças nesse dia ficaram sem recreio. Iniciei minha tarefa do dia com a história proposta do livro: “Minha avó já foi bebe” e eles participaram muito no decorrer da narração. Disseram que todos tinham álbum de bebe, que era melhor a utilização das fraldas descartáveis do que as de pano e ficaram loucos para saborear o bolo que a vó Estela e a Mariana fizeram, personagens do livro citado. Complementaram a leitura com o exercício proposto de adjetivar os idosos (avós/avôs), segundo a imagem que tinham. Alguns disseram que já havia pensando que um dia também seriam avós/avôs, outros que não (a maioria). O livro foi muito elogiado por essa turma, talvez pela faixa etária

mais adequada a eles. Todos fizeram a atividade e comentaram que adoraram a aula. Isso é muito gratificante para o pesquisador que precisa adentrar no mundo infantil de maneira lúdica e com a leveza necessária para chamar a reflexão acerca do tema proposto.

- 14º dia de coleta – 02/07/2015 – Escola Particular

As crianças estavam bem agitadas neste dia, falando ao mesmo tempo e fora de seus lugares. Pedi então que fizessem silêncio e apresentei a proposta da leitura do livro e eles foram muito receptivos a este trabalho de leitura e interpretação de texto. Então, comecei a contar a história do livro: “Minha avó já foi bebe” e eles foram contribuindo naturalmente contando como eram seus avós/avôs. Alguns concordaram que a época da Mariana é bem melhor do que a época da vó Estela por causa da tecnologia. Outros discordaram dizendo que na época da vó Estela era melhor porque não existia tanto perigo e se podia brincar na rua. Quando indaguei se já haviam pensado que seriam avós/avôs no futuro, alguns disseram que sim e outros que não. Esse não é um pensamento tão distante das crianças como se imagina. Disseram-me também, que às vezes, não se pode ser mãe ou pai e que também acontecesse das pessoas morrerem antes de envelhecerem. A turma disse que estava gostando das atividades que eu estava levando a eles. Isso prova que os assuntos relacionados à existência humana e ao seu desenvolvimento estão intrínsecos aos interesses dos indivíduos. Por isso o educador deve-se apoderar do espaço da sala de aula e cada vez mais contribuir na formação humana e na sua cidadania, através dos temas transversais, incluindo aqui a velhice, saindo um pouco do conteudismo que por muitas vezes, enrijece o ensino.

- 15º dia de coleta: 07/07/2015 – Escola Municipal

A turma estava em absoluto silêncio quando cheguei. Questionei se alguém já havia ouvido falar sobre o Estatuto do Idoso. Todas as crianças fizeram negativa com a cabeça e responderam que não, exceto um menino que disse que já havia escutado algo sobre isso, mas que não sabia o que era exatamente. Então, apresentei o livro: “Ser idoso é... Estatuto do idoso para crianças” e começamos a interagir uns com os outros durante a leitura do mesmo. Falamos sobre os principais artigos desta lei e, alguns alunos, foram citando exemplo de histórias com os avós, bisavós ou idosos que conheciam. Falaram sobre a fragilidade dos idosos durante assaltos, da lucidez de outros acima de 90 anos, da necessidade de se respeitar os direitos dos idosos. Todos

responderam o que aprenderam sobre o assunto numa folha entregue. Na turma existe um menino com necessidades especiais (paralisia cerebral e surdez) no qual é auxiliado por uma monitora da escola, estudante do curso de Psicologia. Esta monitora auxilia o aluno para que o mesmo compreenda as atividades propostas e consiga, dentro de suas possibilidades, responder ao que está sendo solicitado. Para o próximo encontro, solicitei aos alunos que pesquisassem sobre o envelhecimento trazendo para aula recortes, entrevistas com algum idoso, artigos, para realizarem uma atividade em grupo.

- 16º dia de coleta: 08/07/2015 – Escola Estadual

A turma encontrava-se bastante agitada neste dia. Abordar uma lei com crianças não é algo tão fácil, mas contextualizá-la nas experiências do dia-a-dia, torna-a mais compreensível a elas. O livro: “Ser idoso é...Estatuto do Idoso para crianças” foi lido com um pouco de dificuldade, pois os alunos não estavam concentrados como na visita anterior. Porém, a maioria disse que desconhecia essa lei. Somente um menino disse que já tinha “visto” em algum lugar. Citaram exemplos de avós, avôs, bisavó, como também, dar lugar no ônibus aos mais velhos. Após a solicitação dos desenhos sobre o entendimento do estatuto, pedi para que os alunos pesquisassem sobre o envelhecimento, terceira idade, idoso e trouxessem gravuras, recortes, artigos sobre o assunto para o próximo encontro para a elaboração de cartazes em grupos.

- 17º dia de coleta – 09/07/2015 – Escola Particular

Fui muito bem recebida pelas crianças e professora da turma. Retomou-se o tema que vem sendo trabalhado com as crianças e iniciou-se a leitura proposta: “Ser idoso é... Estatuto do Idoso para crianças”. De toda a turma apenas um menino e duas meninas disseram que conheciam o estatuto dos idosos de ouvir falar, mas sem saber o que representava. Vários exemplos foram citados: de ver idosos morando nas ruas, pessoas que cederam assento no ônibus para os mais velhos e ao contrário também. As reflexões foram surgindo conforme a narração do livro se desenvolvia. Cada educando respondeu o que aprendeu sobre o estatuto de maneira tranquila. Foi dada a tarefa de pesquisa sobre o envelhecimento para o próximo e último encontro.

- 18º dia de coleta – 13/07/2015 – Escola Municipal

As crianças estavam bem receptivas a minha visita. Quando as questionei sobre a tarefa que solicitei na semana passada sobre trazer suas pesquisas acerca do envelhecimento, todas deram uma desculpa por não ter pesquisado. Então, deixei com que os grupos fossem organizados pelos próprios alunos e formaram-se quatro grupos de cinco alunos. Solicitei que eles elaborassem o cartaz com o que foi de mais significativo de aprendizagem sobre o tema durante as cinco semanas de intervenção junto à turma. Foram muito criativos, enfocando bastante o estatuto do idoso. Após, os grupos socializaram os seus cartazes com a turma, explicando seus trabalhos. Na sequência me despedi de todos deixando uma lembrancinha para cada aluno e professora, agradecendo o carinho e o espaço para a construção da minha pesquisa. Agradei também a direção da escola e supervisão pela recepção na escola e fiquei de retornar quando tivesse os resultados desta pesquisa.

- 19º dia de coleta: 15/07/2015 – Escola Estadual

Quando cheguei à sala de aula a professora estava lendo uma história para as crianças e todas estavam muito atentas. Enquanto a professora lia a história, questionava-os sobre o vocabulário do texto e interpretação dos fatos de uma maneira a auxiliar o entendimento dos alunos. Após o encerramento da tarefa acima, questionei os alunos sobre o tema que havia deixado sobre pesquisar o envelhecimento. Nenhuma das crianças levou material de pesquisa. Infelizmente, carece incentivos da escola e família em instigar nas crianças a curiosidade que as levam ao conhecimento extracurricular. Então, separei um grupo de cinco alunas e outro de seis alunos para a confecção de cartazes. No início, houve um pouco de discussão até o grupo se entender e organizar, principalmente entre os meninos. Mas, ambos os grupos conseguiram confeccionar seus cartazes de maneira criativa e cooperativa. Os dois grupos socializaram os seus trabalhos. Após, agradei a participação de todos, entregando uma lembrancinha aos alunos, professora, supervisora e direção da escola.

- 20º dia de coleta: 16/07/2015 – Escola Particular

Fui muito bem recebida pelos alunos e fomos conversando sobre as férias de inverno que estava chegando, as notas finais das provas e também, do término do meu trabalho na escola com eles. Dividi a turma em três grupos de cinco alunos e foram confeccionados os cartazes. Sempre há um pouco de desencontro ente eles para trabalhar em grupo, mas no fim os resultados dos trabalhos se tornam positivo. Alguns

valores como respeito, amor e outros valores foram abordados, assim como, alguns artigos do estatuto do idoso. Todos os trabalhos foram apresentados ao grande grupo. Apenas uma aluna fez uma entrevista com um idoso (seu pai) e anexou ao cartaz do seu grupo. Despedimos-nos com a entrega das lembrancinhas e muito carinho!

APÊNDICE 09**PARECER Nº 49/2015 – CEPAS/FURG**

CEPAS/FURG
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NA ÁREA DA SAÚDE
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
www.cepas.furg.br

PARECER Nº 49/2015

CEPAS 19/2015

23116.002698/2015-91.

CAAE: 43779515.0.0000.5324

Título da Pesquisa: Educação Ambiental e o envelhecimento humano no contexto do ensino formal.

Pesquisador: Anacirema da Silva Porciuncula.

PARECER DO CEPAS:

O Comitê, considerando tratar-se de um trabalho relevante, o que justifica seu desenvolvimento, emitiu o parecer de **APROVADO** para o projeto "**Educação Ambiental e o envelhecimento humano no contexto do ensino formal**".

Está em vigor, desde 15 de novembro de 2010, a Deliberação da CONEP que compromete o pesquisador responsável, após a aprovação do projeto, a obter a autorização da instituição co-participante e anexá-la ao protocolo do projeto no CEPAS. Pelo exposto, o pesquisador responsável deverá verificar se seu projeto está obedecendo a referida deliberação da CONEP.

Segundo normas da CONEP, deve ser enviado relatório **semestral** de acompanhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme modelo disponível na página

Data de envio do **relatório final**: 01/07/2016.

Rio Grande, RS, 25 de maio de 2015.

Eli Sinnott Silva

Profª. Eli Sinnott Silva

Coordenadora do CEPAS/FURG

Coordenadora do CEPAS/FURG